

Agatha Christie



**A EXTRAVAGÂNCIA
DO MORTO**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Agatha Christie

**A EXTRAVAGÂNCIA
DO MORTO**

Tradução de ANA BAN

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [iOS Books](#) em parceria com o grupo [LegiLibro](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente**

condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

[iOS Books](#)

[LegiLibro](#)

Para Peggy e Humphrey Trevelyan

CAPÍTULO 1

I

Quem atendeu a ligação foi a srta. Lemon, a eficiente secretária de Poirot.

Colocou de lado seu bloquinho de notas, tirou o fone do gancho e disse, sem ênfase alguma:

– Trafalgar 8137.

Hercule Poirot se recostou em sua cadeira de espaldar alto e fechou os olhos. Tamborilou com os dedos uma batida suave e meditativa na beirada da mesa. Na cabeça, continuou a compor as frases rebuscadas da carta que estava ditando.

A srta. Lemon colocou a mão sobre o bocal e perguntou em voz baixa:

– O senhor aceita uma ligação pessoal de Nassecombe, Devon? Poirot franziu a testa. Aquele lugar não significava nada para ele.

– Em nome de quem está telefonando? – ele inquiriu com cautela.

A srta. Lemon falou ao bocal:

– *Ari o quê?* – perguntou, incerta. – Ah, sim... Qual é mesmo o sobrenome?

Mais uma vez, voltou-se a Hercule Poirot.

– Sra. Ariadne Oliver.

As sobrancelhas de Hercule Poirot se projetaram para o alto. Uma lembrança lhe veio à mente: cabelo grisalho despenteado pelo vento... Perfil aquilino...

Ele se levantou e substituiu a srta. Lemon ao telefone.

– Aqui quem fala é Hercule Poirot – ele anunciou, em tom grandiloquente.

– Falo com o sr. Hércules Porrot pessoalmente? – quis saber a voz desconfiada da telefonista.

Poirot garantiu a ela que era o caso.

– Está conectada com o sr. Porrot – disse a voz.

O tom agudo e esganiçado foi substituído por um contralto magnífico e ribombante que no mesmo instante forçou Poirot a afastar o fone alguns centímetros da orelha.

– Monsieur Poirot, estou mesmo falando com o senhor? – quis saber a sra. Oliver.

– Eu mesmo, em pessoa, madame.

– Aqui é a sra. Oliver. Não sei se está lembrado de mim...

– Mas é claro que estou, madame. Quem seria capaz de esquecê-la?

– Bom, às vezes as pessoas esquecem – a sra. Oliver respondeu. – Aliás, isso acontece com bastante frequência. Acredito que a minha personalidade não se destaque muito. Ou talvez seja porque eu sempre faça coisas diferentes com o cabelo. Mas tudo isto não tem a menor importância. Espero não estar interrompendo o senhor em um momento em que esteja absurdamente ocupado, estou?

– Não, não, a senhora não me incomoda nem um pouco.

– Ainda bem. Certamente, não quero desviá-lo de seus afazeres. Mas a verdade é que *preciso* do senhor.

– Precisa de mim?

– Preciso, imediatamente. Tem condições de tomar um avião?

– Eu não viajo de avião. Fico enjoado.

– Eu também fico. Mas, bem, suponho que, de todo modo, não seja mais rápido do que vir de trem, porque acho que o aeroporto mais próximo fica em Exeter, a quilômetros de distância. Venha então de trem. Ao meio-dia, de Paddington a Nassecombe. Tem tempo de sobra. Ainda faltam 45 minutos, se o meu relógio está certo... Apesar de normalmente não estar.

– Mas onde a senhora está, madame? De que se trata tudo isto?

– Em Nasse House, Nassecombe. Um carro ou táxi o apanhará na estação do vilarejo.

– Mas por que precisa de mim? De que se trata tudo isto? – Poirot repetiu, exaltado.

– Os telefones se localizam em pontos tão inconvenientes – disse a sra. Oliver. – Este aqui fica no corredor... Há pessoas passando e conversando... Não consigo escutar direito. Mas estou a sua espera. Todos ficarão *muito* impressionados. Até logo.

Ouviu-se um estalo alto quando o telefone foi colocado no gancho. Em seguida, a linha soou.

Com ar estupefato de desorientação, Poirot desligou o telefone e sussurrou algo por entre os dentes. A srta. Lemon posicionou-se com o lápis em riste, sem demonstrar a menor curiosidade. Repetiu em voz baixa a última frase ditada antes da interrupção.

– ...permita-me assegurar-lhe, caro senhor, que a hipótese proposta...

Poirot desprezou com um aceno a hipótese proposta.

– Era a sra. Oliver – ele disse. – Ariadne Oliver, escritora de romances policiais. Talvez tenha lido... – Mas ele se deteve ao lembrar que a srta. Lemon só lia livros de aperfeiçoamento e nutria desdém por frivolidades como crimes fictícios. – Ela deseja que eu vá a Devonshire hoje, imediatamente, daqui a – deu uma olhada no relógio – 35 minutos.

A srta. Lemon ergueu as sobrancelhas em sinal de reprovação.

– Quase não vai dar tempo – ela disse. – Por que razão?

– É melhor perguntar a ela! Não me disse.

– Mas que estranho. Por que não?

– Porque – Hercule Poirot respondeu, pensativo – ela estava com medo que alguém a escutasse. Sim, deixou isto bem claro.

– Nossa, realmente – disse a srta. Lemon, enervando-se em defesa do patrão. – Cada coisa que as pessoas pedem! Que ideia extravagante acreditar que o senhor vá sair correndo em uma caçada às cegas assim! Um homem importante como o senhor! Sempre notei como artistas e escritores são desequilibrados... Não têm noção. Será que devo enviar um telegrama por telefone: *Sinto muito incapaz deixar Londres?*

A mão dela se aproximou do aparelho. A voz de Poirot interrompeu o gesto.

– *Du tout!* – ele disse. – Ao contrário. Faça a gentileza de chamar um táxi imediatamente. – Ele ergueu a voz. – Georges! Coloque alguns itens básicos de toalete na minha valise pequena. E rápido, muito rápido. Tenho um trem para pegar.

II

O trem, depois de percorrer cerca de 290 dos 341 quilômetros da viagem em velocidade máxima, foi soltando fumaça com suavidade e em ritmo cauteloso no percurso dos cinquenta quilômetros finais e entrou na estação de Nassecombe. Apenas uma pessoa se animou, Hercule Poirot. Ele atravessou com cuidado o vão largo entre o degrau do trem e a plataforma e olhou ao redor de si. Na outra extremidade da composição, um carregador se ocupava dentro de um compartimento de bagagem. Poirot pegou sua valise e percorreu a plataforma até a saída. Entregou a passagem e atravessou a área da bilheteria.

Um automóvel Humber Saloon estava estacionado à porta, e um chofer de uniforme se adiantou.

– Sr. Hercule Poirot? – perguntou, em tom respeitoso.

Pegou a valise que Poirot trazia na mão e abriu a porta do carro. Afastaram-se da estação passando pela ponte da ferrovia e entraram em uma estradinha de terra que fazia curvas entre arbustos altos dos dois lados. Então o chão desapareceu do lado direito e revelou um rio muito bonito com colinas de azul nebuloso à distância. O chofer se aproximou de um arbusto e parou.

– O rio Helm, senhor – explicou. – Dartmoor está ao fundo.

Era óbvio que esperava alguma manifestação de admiração que se fazia necessária. Poirot emitiu os ruídos exigidos, murmurando *Magnifique!* várias vezes. Na realidade, a natureza o atraía muito pouco. Era bem mais provável que uma horta doméstica bem cultivada e bem cuidada tirasse murmúrios de admiração dos lábios de Poirot. Duas moças passaram pelo carro, subindo a colina lentamente, com esforço. Carregavam mochilas pesadas nas costas e usavam shorts, com lenços coloridos amarrados na cabeça.

– Há um albergue da juventude na propriedade vizinha a nossa – explicou o chofer, que claramente tinha se autoincumbido de ser o guia de Poirot em Devon. – Hoodown Park. Era a residência do sr. Fletcher. A Associação dos Albergues da Juventude a comprou e fica bastante lotada durante o verão. Recebe mais de cem hóspedes por dia, é isso mesmo. Não se pode passar mais do que umas duas noites por lá. Daí, os visitantes precisam seguir viagem. Há jovens de ambos os sexos, em sua maior parte, estrangeiros.

Poirot assentiu sem prestar atenção. Estava refletindo, não pela primeira vez, que, vistos de trás, os shorts caíam bem em muito poucas representantes do sexo feminino. Fechou os olhos, desacorçoado. Por quê, ah, por que as jovens precisavam se trajar assim? Aquelas coisinhas vermelho-escarlates eram nada mais do que repulsivas!

– Elas parecem muito carregadas – murmurou.

– Sim, senhor, e têm um longo trajeto a percorrer da estação ou da parada de ônibus. Quase três quilômetros até Hoodown Park. – Ele hesitou. – Se não tiver objeção, senhor, será que podemos lhes dar uma carona?

– Mas claro que sim, claro que sim – Poirot respondeu, de bom grado. Lá estava ele com o luxo de um carro quase vazio, enquanto aquelas duas moças arfantes e suadas carregavam mochilas pesadas, sem a menor ideia de como se vestir para parecerem atraentes ao sexo oposto. O chofer deu a partida no carro e parou com o motor roncando baixinho ao lado das duas moças. Os rostos corados e suados delas se ergueram, cheios de esperança.

Poirot abriu a porta, e as moças entraram.

– Quanta gentileza, por favor – disse uma delas, de tez clara e sotaque estrangeiro. – É mais longe do que penso, é sim.

A outra moça, que estava queimada de sol e tinha o rosto intensamente corado, com cachos castanhos em tom de bronze escapando por baixo do lenço, só assentiu com a cabeça várias vezes, exibiu os dentes e murmurou: *Grazie*. A moça clara continuou a falar com animação.

– Eu vim Inglaterra para férias de duas semanas. Sou da Holanda. Gosto muito da Inglaterra. Estive em Stratford Avon,

Shakespeare Theatre e Warwick Castle. Daí fui a Clovelly, agora vi a catedral de Exeter e Torquay... Muito bonito. Vim a esta paisagem bonita aqui e amanhã atravesso rio, vou Plymouth onde descoberta do Novo Mundo foi feita de Plymouth Hoe.

– E a *signorina*? – Poirot se voltou para a outra moça. Mas ela apenas sorriu e sacudiu os cachos.

– Ela inglês não fala muito – a moça holandesa disse com educação. – Nós duas francês um pouco falamos... Então conversamos em trem. Ela vem de perto de Milão e tem parente na Inglaterra casada com um senhor que tem loja com muitos alimentos. Ela foi com amiga a Exeter ontem, mas amiga comeu torta de presunto de vitela ruim de loja em Exeter e teve que ficar, doente. Ruim no calor, torta de presunto de vitela.

Nesse ponto o chofer diminuiu a velocidade, no lugar em que a estrada bifurcava. As moças desceram, expressaram agradecimentos cada uma em sua língua e seguiram pela estrada da esquerda. O chofer deixou de lado sua indiferença olímpica por um instante e disse a Poirot, com muita preocupação:

– Não é só torta de vitela e presunto... É preciso tomar cuidado com as empanadas da Cornualha também. Enfiam qualquer coisa nas empanadas, na época de férias!

Ele voltou a dar a partida no carro e pegou a estrada da direita, que logo passou por um bosque fechado. Então proferiu seu veredito final a respeito das ocupantes do Albergue da Juventude de Hoodown Park.

– Algumas das moças nesse albergue são bem simpáticas – ele disse. – Mas é difícil fazê-las entender o que é invasão de propriedade. A maneira como entram no terreno dos outros é absolutamente chocante. Parecem não compreender que a casa de um cavalheiro aqui é propriedade *particular*. Sempre entram nos nossos bosques, é sim, e fingem que não entendem o que a gente diz. – Sacudiu a cabeça de maneira sombria.

Continuaram avançando, descendo uma colina em meio a um bosque, depois atravessaram portões grandes de ferro e percorreram uma entrada que finalmente fazia uma curva na frente de uma casa georgiana branca e grande com vista para o rio.

O chofer abriu a porta do carro enquanto um mordomo alto de cabelos escuros aparecia nos degraus da entrada.

– Sr. Hercule Poirot? – murmurou este.

– Sim.

– A sra. Oliver está à sua espera, senhor. Pode encontrá-la no pátio de armas. Permita-me mostrar-lhe onde fica.

Poirot foi conduzido por um caminho cheio de curvas que seguia pelo bosque e fornecia vislumbres do rio lá em baixo. A alameda ia descendo aos poucos, até que desembocava em um espaço aberto, de formato arredondado, com uma mureta baixa de artilharia. A sra. Oliver estava sentada no parapeito.

Ela se levantou para cumprimentá-lo, e várias maçãs saíram rolando de seu colo em todas as direções. Maçãs pareciam ser um tema inescapável nos encontros com a sra. Oliver.

– Não sei por que estou sempre derrubando as coisas – disse a sra. Oliver, de maneira um tanto indistinta, já que estava com a boca cheia de maçã. – Como está, monsieur Poirot?

– *Très bien, chère madame* – Poirot respondeu com educação.

– E a senhora?

A sra. Oliver estava um pouco diferente em relação à última vez que tinha se encontrado com Poirot, e a razão era o fato de ela mais uma vez ter feito uma experiência com o penteado, como já tinha indicado ao telefone. Da última vez que os dois se encontraram, ela adotava o estilo despenteado pelo vento. Hoje, o cabelo dela, bem azulado, empilhava-se para cima em uma infinidade de cachinhos bastante artificiais, em um pseudo estilo marquesa. O efeito com ar de nobreza terminava no pescoço; o resto do visual certamente poderia ser definido como “interiorano prático”: consistia de um conjunto de casaco e saia rústico de tweed amarelo-ovo e um suéter bastante volumoso em tom de mostarda.

– Eu sabia que o senhor viria – disse a sra. Oliver, animada.

– Não tinha como saber – Poirot respondeu, seco.

– Ah, mas eu sabia.

– Ainda estou me perguntando *por que* estou aqui.

– Bom, eu sei a resposta. Curiosidade.

Poirot olhou para ela e seus olhos brilharam um pouco.

– A sua famosa intuição feminina talvez não tenha se desviado muito da verdade, pelo menos desta vez – ele disse.

– Ora, não caçoe da minha intuição feminina. Por acaso não é verdade que eu sempre descobri o assassino de primeira?

Poirot adotou um silêncio educado. Se não, poderia ter respondido: “Na quinta tentativa, talvez, e, ainda assim, nem sempre!”.

Em vez disso, olhou ao redor de si e disse:

– De fato é uma bela propriedade que a senhora tem aqui.

– Isto? Mas não me pertence, monsieur Poirot. Achou que era minha? Ah, não, pertence a um pessoal de sobrenome Stubbs.

– Quem são essas pessoas?

– Na verdade, não são ninguém – a sra. Oliver respondeu, de maneira superficial. – São apenas ricos. Não, estou aqui em caráter profissional, executando um serviço.

– Ah, está se ambientando para uma de suas *chefs-d’oeuvre*?

– Não, não. É bem como eu disse. Estou executando um *serviço*. Fui contratada para providenciar um assassinato.

Poirot ficou olhando para ela.

– Ah, não um assassinato de verdade – a sra. Oliver garantiu. – Haverá uma espécie de grande quermesse amanhã e, como atrativo, vão promover um tipo de caça ao assassino. Providenciada por mim. É como se fosse uma caça ao tesouro, compreenda. Mas já organizaram tantas caças ao tesouro que pensaram em fazer algo novo. Assim, ofereceram uma comissão bastante substancial para que eu viesse até aqui elaborar a brincadeira. Na verdade, é bem divertido... Uma bela mudança na minha rotina um tanto maçante.

– Como vai ser?

– Bom, vai haver uma vítima, é claro. E pistas. E suspeitos. Tudo bastante convencional; sabe como é, a sedutora e o chantagista e os jovens amantes e o mordomo sinistro e assim por diante. Meia coroa para participar, a pessoa recebe a primeira pista e precisa encontrar a vítima e a arma, dizer quem é o culpado e qual foi o motivo. E há prêmios.

– Notável! – observou Hercule Poirot.

– Para falar a verdade – a sra. Oliver disse, desolada –, é bem mais difícil de organizar do que parece. Porque é necessário levar em conta que as pessoas reais são bem inteligentes, e nos meus livros elas não são sempre assim.

– E mandou me chamar para que a auxiliasse na organização? Poirot não se esforçou muito para esconder o tom de ressentimento ultrajado na voz.

– Ah, *não* – a sra. Oliver respondeu. – Claro que não! Isso tudo eu já fiz. Está tudo pronto para amanhã. Não, quis a sua presença por uma razão bem diferente.

– Que razão?

As mãos da sra. Oliver se aproximaram da cabeça. Bem quando ela estava prestes a passar os dedos ansiosos pelo cabelo, em um gesto tão natural, lembrou-se da complicação de seu penteado. Em vez disso, colocou os sentimentos para fora puxando os lóbulos das orelhas.

– Ouso dizer que sou uma tola – ela respondeu. – Mas acho que há algo de errado aqui.

CAPÍTULO 2

Fez-se um momento de silêncio, e Poirot ficou olhando para ela. Então perguntou, ríspido:

– Algo de errado? Como assim?

– Não sei... É o que desejo descobrir. Mas tenho sentido, cada vez mais, que eu estava sendo... Ah!... Manipulada... Induzida... Pode me chamar de tola se quiser, mas só posso dizer que, se amanhã acontecesse um assassinato real em vez de um falso, não me surpreenderia!

Poirot a encarou, e ela retribuiu o olhar com ar desafiador.

– Muito interessante – Poirot disse.

– Suponho que me considere uma tola completa – disse a sra. Oliver na defensiva.

– Nunca a considere tola – Poirot respondeu.

– E sei o que o senhor sempre diz, ou pensa, sobre a intuição.

– Cada um chama as coisas a seu modo – Poirot afirmou. –

Estou bastante disposto a acreditar que a senhora viu alguma coisa, ou escutou alguma coisa, que definitivamente lhe causou ansiedade. Acredito ser possível que a senhora mesma não saiba exatamente o que viu ou notou ou ouviu. Só tem consciência do resultado. Se me permite colocar assim, a senhora não sabe o que sabe. Pode rotular isto de intuição, se desejar.

– O fato de não ser capaz de ter certeza faz com que a gente se sinta tão tola... – a sra. Oliver disse, tristonha.

– Chegaremos lá – Poirot incentivou. – A senhora disse que teve a sensação de... Como foi mesmo que disse? De ter sido manipulada? Pode explicar um pouco melhor o que quis dizer com isso?

– Bom, é um tanto difícil... Veja bem, este é o meu assassinato, por assim dizer. Tive a ideia e planejei tudo e as peças se encaixam... Como um quebra-cabeça. Bom, se sabe alguma

coisa sobre escritores, deve saber que eles não suportam sugestões. As pessoas dizem: “Esplêndido, mas não seria melhor se fizesse tal e tal?” ou “Não seria uma ideia maravilhosa se a vítima fosse A em vez de B? Ou se o assassino fosse D em vez de E?”. Quer dizer, a vontade é responder: “Tudo bem, então, escreva você mesmo, se quer assim!”.

Poirot assentiu.

– E é isso que anda acontecendo?

– Não exatamente... Esse tipo de sugestão tola foi feita, e então eu me irritei, e as pessoas cederam, mas eu incluí algumas sugestões triviais e insignificantes e, como tinha sido tão firme em relação a outros aspectos, aceitei a trivialidade sem prestar muita atenção.

– Percebo – disse Poirot. – Sim... É um método, este de apresentar alguma coisa bastante rude e absurda... Mas não é a questão realmente. A pequena alteração insignificante na verdade é o objetivo. É isso que está dizendo?

– É exatamente o que quero dizer – a sra. Oliver respondeu. – E, é claro, posso estar imaginando coisas, mas não acredito que esteja... E nenhum desses detalhes de fato parece fazer diferença. Mas eu fiquei preocupada... Foi isso e, bom... Senti uma espécie de... *clima*.

– Quem fez as sugestões de alteração à senhora?

– Várias pessoas – respondeu a sra. Oliver. – Se tivesse sido apenas uma pessoa, eu estaria mais segura em relação ao terreno em que piso. Mas não foi apenas uma pessoa... Só que, na verdade, acredito que seja. Quer dizer, é uma pessoa operando por meio de outras pessoas que não desconfiam de nada.

– Tem alguma ideia em relação a quem essa pessoa seja?

A sra. Oliver sacudiu a cabeça.

– É uma pessoa muito inteligente e muito cuidadosa – ela respondeu. – Pode ser qualquer um.

– Quem está aqui? – Poirot perguntou. – O elenco de personagens deve ser bem limitado, não?

– Bom – começou a sra. Oliver. – Temos sir George Stubbs, que é o proprietário do lugar. É rico, plebeu e assustadoramente burro

fora dos negócios, acredito, mas provavelmente muito tenaz nesse ramo. E temos lady Stubbs, Hattie, cerca de vinte anos mais nova do que ele, bem bonita, mas tão estúpida quanto um peixe... Para falar a verdade, acredito que seja com certeza meio lerda. Casou-se com ele pelo dinheiro, é claro, e não pensa em nada além de roupas e joias. Depois há Michael Weyman; é arquiteto, bem jovem e bonito, de um jeito diferente e meio artístico. Ele está desenhando um pavilhão de tênis para sir George e reformando a Extravagância.

– Extravagância? O que é isso? Um baile de máscaras?

– Não, é uma construção arquitetônica. É uma coisa que se assemelha a um templo pequeno, branco, com colunas. O senhor deve ter visto uma igual em Kew Gardens. Depois temos a srta. Brewis; ela é uma espécie de governanta-secretária que organiza afazeres e escreve cartas, é muito séria e eficiente. Há ainda pessoas circulando por aqui que vêm para ajudar. Um jovem casal que ocupa uma casinha próxima ao rio, Alec Legge e a esposa, Sally. E o capitão Warburton, que é o agente dos Masterton. E os Masterton, é claro, e a velha sra. Folliat, que mora no antigo alojamento. A família do marido dela era a proprietária original de Nasse. Mas foram todos morrendo, ou pereceram nas guerras, e houve muitos encargos com as mortes, de modo que o último herdeiro vendeu o imóvel.

Poirot analisou a lista de personagens, mas no momento não passavam de nomes para ele. Retomou a questão principal.

– De quem foi a ideia da caça ao assassino?

– Da sra. Masterton, creio. Ela é esposa do representante parlamentar local, muito boa em organização. Foi ela quem convenceu sir George a montar a quermesse aqui. Sabe, o lugar está vazio há tantos anos que ela acredita que as pessoas estarão dispostas a pagar para entrar e dar uma olhada.

– Tudo isso me parece bastante claro – Poirot observou.

– Tudo *parece* muito claro – a sra. Oliver respondeu, com teimosia. – Mas não é. Estou dizendo, monsieur Poirot, há algo errado.

Poirot olhou para a sra. Oliver, e a sra. Oliver retribuiu o olhar de Poirot.

– O que fez para justificar a minha presença aqui? Para ter me chamado? – Poirot perguntou.

– Foi muito fácil – a sra. Oliver respondeu. – O senhor vai distribuir os prêmios da caça ao assassino. Todo mundo está muitíssimo animado. Eu disse que o conhecia e que provavelmente seria capaz de convencê-lo a vir, e tinha certeza de que o seu nome seria um grande chamariz, como de fato será – a sra. Oliver completou, com muito tato.

– E a sugestão foi aceita... Sem delongas?

– Estou dizendo, todos ficaram animadíssimos.

A sra. Oliver considerou desnecessário mencionar que, entre os representantes da geração mais jovem, um ou dois perguntaram: “Quem é Hercule Poirot?”

– *Todo mundo?* Ninguém se manifestou contra a ideia?

A sra. Oliver sacudiu a cabeça.

– Que pena – disse Hercule Poirot.

– Quer dizer que isso poderia ter nos dado uma indicação?

– Um aspirante a criminoso dificilmente receberia bem a minha presença.

– Suponho que o senhor acredita que imaginei a coisa toda – disse a sra. Oliver, arrasada. – Devo confessar que, até começar a conversar com o senhor, não sabia como tinha pouco embasamento.

– Acalme-se – disse Poirot, com gentileza. – Estou intrigado e interessado. Por onde começamos?

A sra. Oliver deu uma olhada no relógio.

– Está bem na hora do chá. Vamos retornar para casa e assim o senhor poderá ser apresentado a todos.

Ela tomou um caminho diferente daquele pelo qual Poirot viera. Esse parecia seguir na direção oposta.

– Assim, nós passamos pela casa de barcos – a sra. Oliver explicou.

Enquanto falava, a casa de barcos apareceu. A construção se projetava para cima do rio e tinha forma pitoresca, com telhado de

sapê.

– É ali que o corpo vai ficar – disse a sra. Oliver. – O corpo da caça ao assassino, quero dizer.

– E quem vai ser a vítima?

– Ah, uma moça que passeia pelo bosque, que na verdade é a esposa iugoslava de um jovem cientista atômico – a sra. Oliver respondeu com eloquência.

Poirot ficou um tanto estupefato.

– Claro que parece ter sido o cientista atômico o assassino... Mas naturalmente não é tão simples assim.

– Naturalmente não, já que a senhora está envolvida...

A sra. Oliver aceitou o elogio com um aceno de cabeça.

– Na realidade – ela disse –, ela foi morta pelo fidalgo da região, e o motivo é bastante criativo; acredito que poucas pessoas vão descobrir, apesar de haver uma indicação bem clara na quinta pista.

Poirot abandonou as sutilezas do enredo da sra. Oliver para fazer uma pergunta prática:

– Mas como a senhora vai providenciar um cadáver adequado?

– Vai ser uma menina – a sra. Oliver respondeu. – Seria Sally Legge, mas agora querem que ela se fantasie com um turbante e leia o futuro das pessoas. Então vai ser uma menina daqui chamada Marlene Tucker. É bem burra e funga – completou, a título de explicação. – É bastante fácil, bastam lenços de camponês e uma mochila, e a única coisa que ela precisa fazer quando ouvir alguém chegando é se jogar no chão e colocar a corda ao redor do pescoço. Vai ser um tanto maçante para a pobre garota ficar esperando naquela casa de barcos até que alguém a encontre, mas providenciei uma bela pilha de gibis para ela; aliás, tem uma pista para o assassino rabiscada em um deles, de modo que tudo se encaixa.

– A sua imaginação me deixa sem palavras! Cada coisa que a senhora pensa!

– Nunca é muito difícil imaginar as coisas – a sra. Oliver respondeu. – O problema é pensar em coisas demais, e daí tudo fica muito complicado, de modo que é necessário abrir mão de

algumas delas e isso é um tanto angustiante. Agora, vamos por aqui.

Começaram a subir um caminho em ziguezague que os conduziu de volta ao longo do rio em nível mais elevado. Depois de uma curva no meio das árvores, chegaram a um espaço dominado por um pequeno templo com pilastras. Um rapaz usando calça de flanela bem puída e uma camisa em tom verde um tanto virulento observava-o à distância e fazia caretas. Voltou-se para eles.

– Sr. Michael Weyman, monsieur Hercule Poirot – disse a sra. Oliver.

O rapaz reagiu à apresentação com um assentimento desinteressado.

– Extraordinário – ele disse, com amargor. – Cada lugar em que as pessoas colocam as coisas! Isto aqui, por exemplo. Foi erguido apenas há cerca de um ano... É bem bonito para o tipo e bastante adequado ao período da casa. Mas por que aqui? Estas coisas foram feitas para serem vistas, “situadas com destaque”, foi assim que disseram, com um belo caminho de grama e narcisos etc. Mas aqui está este pobre coitado, enfiado no meio das árvores... Não pode ser avistado de lugar nenhum... Seria preciso derrubar cerca de vinte árvores para poder ser enxergado do rio.

– Talvez não houvesse outro lugar para colocá-lo – disse a sra. Oliver.

Michael Weyman soltou uma risada de desdém.

– Aquela ribanceira gramada perto da casa seria o local natural e perfeito. Mas não, esses sujeitos endinheirados são todos iguais, não têm senso artístico. Acordam um dia desejosos de uma “extravagância”, como chamam isto aqui, e mandam construir. Procuram algum lugar para colocar. Daí, compreendo, um enorme carvalho despenca com um vendaval. Deixa uma marca horrorosa. “Ah, vamos ajeitar o local com a instalação de uma extravagância ali”, diz algum tolo desinformado. Esse pessoal rico da cidade só pensa nisso, em ajeitar! Imagino se também não plantou floreiras de gerânios e calceolárias vermelhas pela casa toda! Um homem desses não devia ter permissão para ser proprietário de um lugar como este!

Ele parecia aborrecido.

– Este rapaz com toda a certeza não simpatiza com sir George Stubbs – Poirot observou para si mesmo.

– A fundação é de concreto – disse Weyman. – E tem terra solta por baixo, de modo que está afundando. Está tudo rachado aqui, logo vai ficar perigoso... É melhor colocar a coisa toda abaixo e reconstruir em cima daquela ribanceira perto da casa. Este é o meu conselho, mas o velho tolo e obstinado não quer nem escutar.

– E a quadra de tênis? – a sra. Oliver perguntou.

O rapaz ficou ainda mais profundamente sombrio.

– Ele quer uma espécie de pagode chinês – respondeu, com um resmungo. – Dragões, se me faz o favor! Só porque lady Stubbs gosta de usar chapéus chineses triangulares de palha. De que adianta ser arquiteto? Qualquer pessoa que deseja algo decente não tem dinheiro para pagar, e quem tem dinheiro só encomenda coisas absolutamente desgraçadas de horríveis!

– Meus lamentos estão com o senhor – disse Poirot, com toda a seriedade.

– George Stubbs – disse o arquiteto com desdém. – Quem ele acha que é? Arranjou para si algum trabalho confortável no almirantado, nas profundezas seguras do País de Gales durante a guerra e deixou a barba crescer para dar a entender que esteve no serviço naval ativo ou que trabalhou em serviço de escolta, pelo menos é o que dizem. Podre de rico, absolutamente podre de rico!

– Bom, os senhores, arquitetos, precisam de alguém com dinheiro para gastar ou nunca teriam trabalho – a sra. Oliver observou, de maneira bastante razoável. Ela continuou o trajeto na direção da casa, e Poirot e o arquiteto desanimado se prepararam para segui-la.

– Esses magnatas não são capazes de compreender princípios – disse este último, com amargor. Deu um chute final na Extravagância desnivelada. – Se a fundação está podre, tudo está podre.

– O que o senhor disse é muito profundo – Poirot falou. – Sim, é profundo.

O caminho que seguiam saiu de entre as árvores, e a casa apareceu branca e bela à frente deles, em sua paisagem de árvores escuras que se erguiam atrás dela.

– É realmente uma beleza, sim – Poirot murmurou.

– Ele quer construir uma sala de bilhar anexa – disse o sr. Weyman, cheio de veneno.

No barranco abaixo deles, uma baixinha senhora de idade se ocupava com alicates em um aglomerado de arbustos. Ela subiu a pequena encosta para cumprimentá-los, arfando um pouco.

– Tudo ficou negligenciado durante anos – ela disse. – E hoje em dia é tão difícil encontrar um homem que entenda de arbustos... Esta encosta devia estar toda colorida em março e abril, mas neste ano está muito decepcionante; todos estes galhos mortos deviam ter sido podados no outono passado.

– Monsieur Hercule Poirot, sra. Folliat – a sra. Oliver disse.

A senhora de idade ficou radiante.

– Então, este é o grande monsieur Poirot! É muita gentileza de sua parte vir para nos ajudar amanhã. Esta moça esperta aqui criou um enigma dos mais intrigantes... Vai ser a maior sensação.

Poirot ficou levemente surpreso pela gentileza dos modos da senhora baixinha. Ficou pensando que ela podia ser sua anfitriã.

Disse, com educação:

– A sra. Oliver é uma antiga amiga minha. Fiquei lisonjeado de poder atender ao pedido dela. Este lugar de fato é lindo, e a mansão é soberba e nobre.

A sra. Folliat assentiu como quem reconhece o óbvio.

– Sim. Foi construída pelo bisavô do meu marido em 1790. Antes, havia uma casa elisabetana. Ficou muito danificada e pegou fogo por volta de 1700. Nossa família vive aqui desde 1598.

A voz dela era calma e direta. Poirot examinou-a com mais atenção. Viu uma pessoa pequena, muito baixa e compacta, vestida com um conjunto de tweed puído. O traço mais notável nela era o azul intenso dos olhos. O cabelo grisalho estava bem confinado por uma redinha. Apesar de obviamente descuidada em relação à aparência, ela tinha aquele ar indefinível de ser alguém, o que é absolutamente difícil de explicar.

Enquanto caminhavam juntos na direção da casa, Poirot perguntou, com timidez:

– Deve ser difícil para a senhora ver desconhecidos morando aqui.

Fez-se um momento de pausa antes de a sra. Folliat responder. A voz dela saiu clara e precisa e curiosamente desprovida de emoção.

– Tantas coisas são difíceis, monsieur Poirot – foi sua resposta.

CAPÍTULO 3

Foi a sra. Folliat quem os conduziu casa adentro, e Poirot a seguiu. A casa era graciosa, de belas proporções. A sra. Folliat passou por uma porta à esquerda e entrou em uma sala de estar pequena, decorada com muito charme, cheia de pessoas aparentemente falando todas ao mesmo tempo.

– George – disse a sra. Folliat –, este aqui é monsieur Poirot, que fez a gentileza de vir aqui nos ajudar. Sir George Stubbs.

Sir George, que estivera falando em tom elevado, virou-se para trás. Era um homem grande com rosto vermelho um tanto corado e uma barba levemente inesperada. Passava a impressão desconcertante de que poderia ser um ator que não tinha decidido bem se fazia o papel de um fidalgo ou de um “diamante bruto” da dominação. Certamente não aludia à marinha, apesar das observações de Michael Weyman. Seus modos e sua voz eram joviais, mas seus olhos eram pequenos e aguçados, de um azul claro especialmente penetrante.

Cumprimentou Poirot com muita animação.

– Estamos tão contentes por sua amiga sra. Oliver tê-lo convencido a vir aqui – ele disse. – Foi uma bela inspiração da parte dela. O senhor será uma atração enorme.

Olhou ao redor de si, um pouco distraído.

– Hattie? – Repetiu o nome em tom levemente mais agudo. – Hattie!

Lady Stubbs estava recostada em uma grande poltrona, um pouco afastada dos outros. Parecia não estar prestando atenção ao que acontecia ao seu redor. Em vez disso, sorria para a própria mão, estendida sobre o braço da poltrona. Virava-a da esquerda para a direita, de modo que a grande esmeralda solitária no dedo anular absorvia a luz em suas profundezas verdes.

Ela ergueu a cabeça de maneira levemente sobressaltada e infantil e disse:

– Muito prazer.

Poirot fez uma mesura por cima da mão dela.

Sir George prosseguiu com as apresentações.

– Sra. Masterton.

A sra. Masterton era uma mulher um tanto monumental, que fez Poirot pensar levemente em um sabujo. O maxilar inferior dela se projetava para frente e seus olhos eram grandes, tristonhos e levemente avermelhados.

Ela fez um cumprimento com a cabeça e retomou seu discurso com voz profunda que, mais uma vez, fez Poirot se lembrar do tom do ganido de um sabujo.

– Esta discussão boba sobre a barraca do chá precisa ser resolvida, Jim – ela disse, com determinação. – Precisamos chegar a um consenso. Não podemos permitir que a quermesse toda seja um fiasco por causa das picuinhas particulares dessas mulheres idiotas.

– Ah, não mesmo – respondeu o homem a quem ela tinha se dirigido.

– Capitão Warburton – sir George disse.

O capitão Warburton, que usava paletó esporte xadrez e tinha aparência levemente cavalariço, mostrou muitos dentes brancos em um sorriso um tanto voraz e logo retomou a conversa.

– Não se preocupe, eu resolvo tudo – ele respondeu. – Vou lá falar com elas como se fosse um mediador imparcial. E a barraca de ler a sorte? No espaço perto da magnólia? Na extremidade oposta do gramado em relação às azaleias?

Sir George continuou com as apresentações.

– O sr. e a sra. Legge.

Um rapaz com o rosto todo descascado de queimadura de sol deu um sorriso agradável. A esposa dele, uma bela ruiva sardenta, assentiu muito simpática e então mergulhou em controvérsias com a sra. Masterton, com sua voz de soprano agradável formando uma espécie de dueto com o ganido profundo da sra. Masterton.

– ...perto da magnólia *não*... é um gargalo...

– ...é melhor dispersar as coisas... mas se houver fila...
– ...muito mais fresco. Quer dizer, com o sol batendo diretamente na casa...
– ...e a barraca do arremesso de cocos não pode ficar muito perto da casa... os meninos ficam tão impossíveis quando jogam...
– E esta – disse sir George – é a srta. Brewis, que manda em todos nós.

A srta. Brewis estava sentada atrás de uma grande bandeja de chá de prata.

Era uma mulher modesta de aparência prática, de quarenta e poucos anos, com modos enérgicos e agradáveis.

– Muito prazer, monsieur Poirot – ela disse. – Espero que a sua viagem não tenha sido muito atribulada, foi? Às vezes os trens são terríveis nesta época do ano. Permita-me servir-lhe um chá. Leite? Açúcar?

– Pouquíssimo leite, mademoiselle, e quatro cubos de açúcar – ele completou, quando a srta. Brewis tinha terminado de atender o pedido dele. – Vejo que vocês todos estão muito ativos.

– Sim, de fato. Sempre há tantas coisas de último minuto para providenciar... E as pessoas nos decepcionam com tanta facilidade hoje em dia... Por causa de tendas, barracas e equipamento de bufê. É necessário ficar de olho em tudo. Passei metade da manhã ao telefone.

– O que acha desses pegadores, Amanda? – sir George perguntou. – E dos tacos extras para o golfe de um buraco?

– Está tudo providenciado, sir George. O sr. Benson, do clube de golfe, foi muito gentil.

Ela entregou a Poirot sua xícara.

– Um sanduíche, monsieur Poirot? Estes são de tomate e aqueles, de patê. Mas talvez o senhor prefira uma torta de creme?
– a srta. Brewis ofereceu, pensando nos quatro cubos de açúcar.

Poirot preferia, sim, uma torta de creme e serviu-se de uma especialmente doce e esfarelada.

Então, equilibrado-a com cuidado no pires, foi se sentar perto de sua anfitriã. Ela ainda observava a luz brincar com a gema em

sua mão quando ergueu os olhos para ele com um sorriso infantil de contentamento.

– Olhe – ela disse. – É bonito, não é mesmo?

Ele a estivera estudando com atenção. Usava um chapéu em estilo triangular asiático de palha em tom magenta brilhante. Por baixo dele, seu rosto refletia o tom rosado na pele muito pálida. Usava maquiagem pesada em um estilo exótico, nada inglês. Pele branquíssima; lábios de um rosa muito forte, rímel aplicado com profusão nos olhos. O cabelo dela aparecia embaixo daquele chapéu, preto e macio, ajeitado como se fosse um gorro de veludo. Havia um quê de beleza lânguida nada inglesa no rosto dela. Era uma criatura do sol tropical, encontrava-se em uma sala de estar da Inglaterra por acaso. Mas foram os olhos que deixaram Poirot sobressaltado. Tinham um jeito infantil, quase apático.

Ela tinha feito a pergunta em tom de confiança, infantil, e Poirot respondeu como se estivesse falando com uma criança.

– É um anel adorável – disse.

Ela pareceu contente.

– George me deu de presente ontem – disse, baixando a voz como se estivesse compartilhando um segredo com ele. – Ele me dá muitos presentes. É muito gentil.

Poirot olhou mais uma vez para o anel e a mão estendida na lateral da poltrona. As unhas eram muito compridas e pintadas de um roxo profundo.

Veio-lhe à mente uma citação: “Elas não trabalham, e também não tecem...”.

Ele certamente não podia imaginar lady Stubbs trabalhando ou tecendo. E, no entanto, também não a despreveria como um lírio do campo. Era um produto muito mais artificial.

– Esta sala que a senhora tem aqui é linda, madame – ele disse, e olhou ao redor de si com ar de apreciação.

– Suponho que sim – lady Stubbs respondeu, vagamente. Sua atenção continuava no anel; a cabeça inclinada para o lado observava o fogo verde em suas profundezas na medida em que sua mão se movia.

Ela disse, em um sussurro cúmplice:

– Percebe? Está piscando para mim.

Ela explodiu em gargalhadas, e Poirot sentiu um choque repentino. A risada era alta e descontrolada.

Do outro lado da sala, sir George disse:

– Hattie.

A voz dele era bastante gentil, mas carregava em si uma leve reprimenda. Lady Stubbs parou de rir.

Poirot disse, em tom bem convencional:

– Devonshire é uma região adorável. Não acha?

– É gostoso durante o dia – respondeu lady Stubbs. – Quando não chove – completou, tristonha. – Mas não tem nenhuma boate.

– Ah, percebo. Gosta de boates?

– Ah, gosto sim – lady Stubbs respondeu, ardorosa.

– E por que gosta tanto de boates?

– Há música e se pode dançar. E eu visto as minhas melhores roupas e pulseiras e anéis. E todas as outras mulheres usam roupas e joias bonitas, mas não tão bonitas como as minhas.

Ela sorriu com enorme satisfação. Poirot sentiu uma leve pontada de pena.

– E tudo isso a diverte sobremaneira?

– Sim. Também gosto de cassinos. Por que não há cassinos na Inglaterra?

– Eu mesmo me faço a mesma pergunta com frequência – Poirot respondeu, com um suspiro. – Acredito que não combine com o caráter inglês.

Ela olhou para ele com ar de quem não tinha entendido. Então se inclinou um pouco para perto dele.

– Certa vez, ganhei sessenta mil francos em Monte Carlo. Apostei no número 27 e foi o que saiu.

– Deve ter sido muito emocionante, madame.

– Ah, e *foi*. George me dá dinheiro para jogar, mas geralmente perco tudo.

Ela parecia desconsolada.

– Que triste.

– Ah, na verdade, não faz mal. George é muito rico. É bom ser rico, o senhor não acha?

– Muito bom – Poirot respondeu, com gentileza.

– Talvez, se eu não fosse rica, teria a mesma aparência de Amanda. – O olhar dela foi até a srta. Brewis, à mesa de chá, e a examinou sem interesse. – Ela é muito feia, não acha?

A srta. Brewis ergueu os olhos naquele momento e dirigiu-os para onde os dois estavam sentados. Lady Stubbs não tinha falado alto, mas Poirot ficou imaginando se Amanda Brewis tinha escutado.

Ao desviar o olhar, os olhos dele cruzaram com os do capitão Warburton. O capitão tinha um ar irônico e de quem estava se divertindo com alguma coisa.

Poirot arriscou-se a mudar de assunto.

– Anda ocupada com os preparativos da quermesse? – perguntou.

Hattie Stubbs sacudiu a cabeça.

– Ah, não, acho tudo isto muito chato... Muito idiota. Há criados e jardineiros. Por que eles não podem fazer os preparativos?

– Ah, minha nossa – era a sra. Folliat falando. Ela tinha se sentado em um sofá próximo. – Esse é o tipo de ideia com que foi criada nas regiões das ilhas. Mas a vida na Inglaterra não é bem assim hoje em dia. Gostaria que fosse. – Ela suspirou. – Hoje, é preciso fazer quase tudo pessoalmente.

Lady Stubbs deu de ombros.

– Acho que é uma estupidez. De que adianta ser rico se é necessário fazer tudo pessoalmente?

– Algumas pessoas acham divertido – respondeu a sra. Folliat, sorrindo para ela. – Eu acho, na verdade. Não tudo, mas algumas coisas. Gosto de cuidar do jardim pessoalmente e gosto de preparar uma festividade como a de amanhã.

– Vai ser como uma festa? – perguntou lady Stubbs, esperançosa.

– Vai ser igualzinho a uma festa... Com muita e muita gente.

– Vai ser como Ascot? Com chapéus grandes e todo mundo muito chique?

– Bom, não exatamente como Ascot – respondeu a sra. Folliat. E completou, com gentileza: – Mas deve tentar apreciar as coisas

do interior, Hattie. Devia ter nos ajudado hoje pela manhã, em vez de ficar na cama e só se levantar na hora do chá.

– Eu estava com dor de cabeça – Hattie respondeu, amuada. Então seu humor mudou e ela lançou um sorriso afetuoso para a sra. Folliat.

– Mas amanhã eu vou estar bem. Farei tudo o que me disser para fazer.

– É muita gentileza de sua parte, querida.

– Tenho um vestido novo para usar. Chegou hoje pela manhã. Vamos lá em cima dar uma olhada.

A sra. Folliat hesitou. Lady Stubbs se levantou e disse, com insistência:

– Precisa vir comigo. Por favor. O vestido é lindo. Vamos!

– Ah, muito bem – a sra. Folliat soltou uma risadinha e se ergueu.

Ao sair da sala, com sua silhueta pequena atrás da alta de Hattie, Poirot viu o rosto dela e ficou um tanto surpreso com o cansaço da expressão que tinha substituído a compostura sorridente. Parecia que, relaxada e com a guarda baixa por um instante, não se preocupara em manter a máscara social. E, no entanto, parecia mais do que isso, como se estivesse sofrendo de alguma doença sobre a qual nunca falava, como muitas mulheres faziam. Não era uma pessoa, pensou ele, que estivesse interessada em despertar pena ou comiseração.

O capitão Warburton largou o corpo na poltrona que Hattie Stubbs acabara de vagar. Ele também olhava para a porta pela qual as duas mulheres tinham acabado de passar, mas não foi sobre a mais velha que falou. Em vez disso, fez um comentário arrastado, com um leve sorriso atrevido:

– Linda criatura, não é mesmo? – Observou com o canto do olho enquanto sir George saía por uma porta envidraçada que dava para o jardim com a sra. Masterton e a sra. Oliver a reboque. – Passou por cima de George Stubbs sem dó. Nada está bom para ela! Joias, mink e todo o resto. Nunca consegui descobrir se ele percebeu que ela é meio prejudicada no andar de cima. Deve achar

que não faz diferença. Afinal de contas, esses espertalhões financeiros não desejam companhia intelectual.

– Qual é a nacionalidade dela? – Poirot perguntou, curioso.

– Parece sul-americana, é o que sempre penso. Mas acredito que tenha vindo das Índias Orientais. De uma daquelas ilhas com açúcar e rum e tudo o mais. De uma das famílias mais antigas por lá... É *creole*, não estou dizendo que seja de raça mista. Naquelas ilhas acontecem muitos casamentos dentro da família. O que justifica a deficiência mental.

A jovem sra. Legge aproximou-se para se juntar a eles.

– Veja bem, Jim – ela disse. – Precisa ficar do meu lado.

Aquela barraca precisa ser montada onde todos nós decidimos, do outro lado do gramado, de costas para as azaleias. É o único lugar possível.

– A sra. Masterton não pensa assim.

– Bom, precisa convencê-la a mudar de ideia.

Ele lançou-lhe seu sorriso de raposa.

– A sra. Masterton é minha patroa.

– Wilfred Masterton é seu patrão. Ele é que é o representante parlamentar.

– Acredito que sim, mas, na verdade, é ela. É ela quem manda em tudo... E disso eu sei muito bem.

Sir George voltou para a sala através da porta envidraçada.

– Ah, aqui está, Sally – ele disse. – Estamos precisando de você. Não dá para acreditar que todo mundo está alvoroçado com a discussão sobre quem vai passar manteiga nos pãezinhos e quem vai cortar a torta, e por que a barraquinha de produtos locais vai ficar no lugar em que prometeram colocar as lãs finas. Onde está Amy Folliat? Ela sabe lidar com essa gente, aliás, é praticamente a única pessoa que consegue fazer isto.

– Ela subiu com Hattie.

– Ah, foi mesmo?

Sir George olhou ao redor, de maneira levemente impotente, e a srta. Brewis saltou do lugar onde estava preparando ingressos e disse:

– Vou chamá-la para o senhor, sir George.

– Obrigado, Amanda.
A srta. Brewis saiu da sala.
– Preciso arrumar mais um pouco de arame para a cerca – sir George murmurou.
– Para a quermesse?
– Não, não. Para colocar na divisa com Hoodown Park, no bosque. A antiga está toda podre, e é por lá que eles passam.
– Quem passa?
– Os invasores! – esbravejou sir George.
Sally Legge disse em tom divertido:
– O senhor parece Betsy Trotwood fazendo campanha contra os jumentos.
– Betsy Trotwood? Quem é ela? – sir George perguntou com simplicidade.
– Dickens.
– Ah, Dickens. Certa vez, li *As aventuras do sr. Pickwick*. Não é ruim. Não é ruim, de jeito nenhum... Fiquei surpreso. Mas, falando sério, os invasores são uma ameaça desde que abriram esta insensatez de Albergue da Juventude. Eles aparecem de todos os lados, usando camisas das mais inacreditáveis... Um garoto hoje de manhã vestia uma toda coberta de tartarugas e outras criaturas se arrastando, fiquei pensando se eu tinha andado bebendo demais ou algo do gênero. Metade deles não sabe falar inglês... Só ficam balbuciando para a gente. – Ele imitou: – “Ah, pô favô... sim, sabi... diz... balsa pur aqui?”. Eu respondo que não, não é, e mando que retornem de onde vieram, mas na metade das vezes só ficam olhando para mim como quem não entende nada. E as moças dão risadinhas. Há de tudo que é nacionalidade: italianos, iugoslavos, holandeses, finlandeses... Não me surpreenderia nada se houvesse esquimós! Metade deles é comunista, é o que penso – terminou, em tom sombrio.
– Vamos lá, George, não comece a falar mal dos comunistas – disse a sra. Legge. – Eu vou até lá e o ajudo a lidar com as mulheres raivosas.
Ela o conduziu pela porta envidraçada e chamou por cima do ombro:

– Venha, Jim. Venha ser despedaçado por uma boa causa.
– Tudo bem, mas quero colocar monsieur Poirot a par da caça ao assassino, já que é ele que vai apresentar os prêmios.

– Pode fazer isso agora.

– Eu o espero aqui – disse Poirot com gentileza.

No silêncio que se seguiu, Alec Legge se esticou para sair da poltrona e suspirou.

– Mulheres! – disse. – Parecem um enxame de abelhas.

Ele virou a cabeça para olhar pela janela.

– E o que é tudo isso? Uma quermesse ao ar livre que não interessa a ninguém.

– Mas, obviamente – Poirot observou –, deve interessar a alguém, sim.

– Por que as pessoas não conseguem ser sensatas? Por que não conseguem raciocinar? Pense em toda a confusão em que o mundo se meteu. Será que não percebem que os habitantes do globo estão ocupados se suicidando?

Poirot avaliou corretamente que não deveria responder à pergunta. Simplesmente sacudiu a cabeça, cheio de dúvidas.

– A menos que possamos fazer algo antes que seja tarde demais... – a voz de Alec Legge foi sumindo. Uma expressão de raiva tomou conta de seu rosto. – Ah, sim – ele disse. – Sei o que está pensando. Que sou nervoso, neurótico e todo o resto. Igual àqueles malditos médicos que recomendam descanso e mudança de ares e brisa do mar. Muito bem, Sally e eu viemos para cá e alugamos Mill Cottage por três meses e segui a prescrição deles. Pesquei e tomei banho de rio, dei longas caminhadas e tomei sol...

– Reparei que o senhor tomou sol, sim – Poirot disse, com educação.

– Ah, isto? – a mão de Alec foi até o rosto ardente. – Este é o resultado de um belo verão inglês, para variar, de certo modo. Mas de que adianta tudo isto? Ninguém pode escapar de encarar a realidade fugindo dela.

– Não, nunca adianta nada fugir.

– E estar em uma atmosfera rural como esta só nos faz perceber as coisas com mais sagacidade... Isso e a apatia

inacreditável das pessoas neste país. Até mesmo Sally, que é bem inteligente, é a mesma coisa. Por que se preocupar? É o que ela diz. Isso me deixa louco! Por que se preocupar?

– Apenas por interesse, por que se preocupa?

– Meu Deus, o senhor também?

– Não, isto não é um conselho. Simplesmente gostaria de saber a sua resposta

– Não percebe, alguém precisa fazer alguma coisa.

– E esse alguém é o senhor?

– Não, não, não eu pessoalmente. Ninguém pode ser pessoal em momentos assim.

– Não sei por que não. Mesmo em “momentos assim”, como o senhor diz, cada um continua sendo uma pessoa.

– Mas não devia ser! Em momentos de estresse, quando é questão de vida ou morte, não se pode pensar nos próprios males ou preocupações.

– Garanto que está bastante errado. Na última guerra, durante um ataque aéreo severo, eu estava muito menos preocupado com a ideia de morrer do que com um calo no meu dedinho do pé. Na época, fiquei surpreso ao constatar que era assim. “Pense”, eu disse a mim mesmo, “a morte pode chegar a qualquer instante.” Mas eu continuava a me preocupar com o meu calo. Aliás, fiquei injuriado de pensar que tinha que sofrer com aquilo além do medo da morte. Era exatamente *porque* eu podia morrer que cada pequeno aspecto pessoal da minha vida adquiria importância maior. Vi uma mulher ser derrubada em um acidente na rua, com a perna quebrada, e ela se desmanchou em lágrimas porque viu um desfiado na meia-calça.

– E isso só serve para mostrar como as mulheres são tolas!

– Serve para mostrar como as *pessoas* são. Talvez seja a absorção que cada um tem por sua vida pessoal que tenha feito a raça humana sobreviver.

Alec Legge soltou uma risada desdenhosa.

– Às vezes – ele disse – fico achando que é uma pena ter sobrevivido.

– E é, sabe, uma forma de humildade – Poirot insistiu. – E a humildade é valiosa. Havia um lema escrito nos trens daqui, eu me

lembro, durante a guerra. “Tudo depende de você.” Foi composto, acredito, por algum clérigo eminente... Mas, na minha opinião, era uma doutrina perigosa e indesejável. Porque não é verdade. Nem tudo depende, digamos, da sra. Fulana de Um Lugar Qualquer. E se ela for levada a pensar que depende, isso não fará bem ao caráter dela. Enquanto ela pensa no papel que pode ter nas questões mundiais, seu filho pequeno puxa a panela quente do fogão.

– O senhor é um tanto antiquado em suas visões, acredito. Gostaria de saber qual seria o seu lema.

– Não preciso formular um lema por conta própria. Existe um ditado bem antigo neste país que me agrada muito.

– Qual é?

– “Coloque a sua fé em Deus e mantenha sua pólvora seca.”

– Bom, bom... – Alec Legge pareceu surpreso. – Não esperava ouvir isso do senhor. Sabe o que eu gostaria de ver feito neste país?

– Alguma coisa sem dúvida forçosa e desagradável – disse Poirot, sorrindo.

Alec Legge continuou sério.

– Gostaria de ver todas as pessoas que não têm a cabeça no lugar exterminadas... Simplesmente exterminadas! Não permitir que elas se reproduzissem. Se, em uma geração, só as pessoas inteligentes tivessem permissão de se reproduzir, imagine só o resultado.

– Um aumento muito grande do número de pacientes nas alas psiquiátricas, talvez – Poirot respondeu, seco. – Uma planta precisa de raízes além das flores, sr. Legge. Por mais lindas e grandes que as flores sejam, se as raízes que ficam na terra forem destruídas, não haverá mais flores. – Ele concluiu, como quem não quer nada.

– O senhor consideraria lady Stubbs candidata à câmara letal?

– Sim, de fato. Para que serve uma mulher assim? Qual é a contribuição que ela já deu à sociedade? Por acaso já teve alguma ideia na cabeça que não dissesse respeito a roupas ou peles ou joias? Como disse, para que ela serve?

– O senhor e eu – disse Poirot, de maneira afável – certamente somos muito mais inteligentes do que lady Stubbs. Mas – sacudiu a

cabeça, com tristeza – é verdade, temo, que não sejamos tão ornamentais quanto ela.

– Ornamentais... – Alec começou com uma risada de desdém alta, mas foi interrompido pelo retorno da sra. Oliver e do capitão Warburton pela porta envidraçada.

CAPÍTULO 4

– Precisa vir ver as pistas e as outras coisas da caça ao assassino, monsieur Poirot – disse a sra. Oliver, esbaforida.

Poirot se levantou e os seguiu com obediência.

Os três atravessaram o hall e entraram em uma salinha mobiliada de maneira simples, como um escritório.

– Armas letais à esquerda – observou o capitão Warburton, acenando na direção de uma mesa de jogo coberta de feltro. Sobre ela havia uma pequena pistola, um pedaço de cano de chumbo com uma mancha cor de ferrugem suspeita, uma frasco azul com rótulo de veneno, uma medida de corda de varal e uma seringa hipodérmica.

– Aquelas são as armas – explicou a sra. Oliver. – E estes são os suspeitos.

Ela entregou-lhe um cartão impresso, e ele leu com interesse.

Suspeitos

Estelle Glynne – jovem bonita e misteriosa, convidada de Colonel Blunt – o fidalgo local, cuja filha

Joan – é casada com

Peter Gaye – jovem cientista atômico.

Srta. Willing – governanta da casa.

Quiett – mordomo.

Maya Stavisky – turista.

Esteban Loyola – hóspede que não foi convidado.

Poirot ficou aturdido e olhou na direção da sra. Oliver sem entender nada.

– Um elenco de personagens magnífico – ele disse, com educação. – Mas permita-me perguntar, madame, o que deve fazer o participante?

– Vire o cartão do outro lado – disse o capitão Warburton.

Foi o que Poirot fez.
Do outro lado, estava escrito:

Nome e endereço.....

Solução:

Nome do assassino:

Arma:

Motivo:

Hora e lugar:

Razões para chegar às suas conclusões:

– Todo os inscritos recebem um destes – o capitão Warburton explicou rapidamente. – E também um caderno e um lápis para anotar as pistas. Vai haver seis pistas. Passa-se de uma a outra como se fosse uma caça ao tesouro, e as armas ficam escondidas em lugares suspeitos. Eis a primeira pista. Um instantâneo. Todo mundo começa com um destes.

Poirot pegou a pequena fotografia da mão dele e a estudou com o rosto franzido. Então a virou de ponta cabeça. Ainda parecia confuso. Warburton deu risada.

– É um truque fotográfico genial, não é mesmo? – disse, complacente. – É bastante simples uma vez que se conhece o segredo.

Poirot, que não conhecia o segredo, sentiu-se cada vez mais incomodado.

– É algum tipo de janela gradeada? – sugeriu.

– Parece ser, um pouco, reconheço. Mas, não, é um pedaço de rede de tênis.

– Ah. – Poirot olhou de novo para a fotografia. – Sim, é como disse... Bastante óbvio depois que se sabe o que é!

– Muito depende de o quanto se olha para uma coisa – Warburton deu risada.

– Essa é uma verdade profunda.

– A segunda pista será encontrada em uma caixa embaixo da parte central da rede de tênis. Na caixa, vai estar este frasco vazio

de veneno... Pronto, e uma rolha solta.

– Só que, perceba – a sra. Oliver interrompeu rapidamente –, o frasco tem tampa de atarraxar, de modo que a pista de fato é a rolha.

– Eu sei, madame, que a senhora é sempre cheia de ideias, mas não compreendo muito bem...

A sra. Oliver o interrompeu.

– Ah, mas é claro – ela disse. – Temos a história. Como em uma série de revista... Uma sinopse. – Ela se voltou ao capitão Warburton. – Está com os panfletos?

– Ainda não chegaram da gráfica.

– Mas eles prometeram!

– Eu sei. Eu sei. Todo mundo sempre faz promessas. Vão estar prontos hoje no fim da tarde, às seis. Vou buscá-los com o carro.

– Ah, que bom.

A sra. Oliver soltou um suspiro profundo e voltou-se para Poirot.

– Bom, então vou ter que contar ao senhor. Só que não sou muito boa em fazer relatos. Quer dizer, quando escrevo, sou capaz de deixar tudo perfeitamente claro, mas, quando falo, sempre parece uma confusão das mais assustadoras; e é por isso que eu nunca discuto os meus enredos com ninguém. Aprendi a fazer isso porque, se não, as pessoas só olham para mim sem entender nada e dizem: "...Hum... sei, mas... não compreendo o que aconteceu... e isso certamente não pode virar um livro". É muito desencorajador. E falso, porque quando eu escrevo, vira!

A sra. Oliver pausou para respirar e então prosseguiu:

– Bom, é assim. Temos Peter Gaye, que é um jovem cientista atômico e é suspeito de receber dinheiro dos comunistas, e é casado com uma moça, Joan Blunt, e a primeira esposa dele já morreu, mas na verdade não está morta, e ela aparece porque é agente secreta, ou talvez não, quer dizer, na verdade talvez ela só seja turista... E a esposa está tendo um caso, e o tal de Loyola aparece ou para se encontrar com Maya, ou para espioná-la, e há uma carta de chantagem que pode ser da governanta, ou então pode ser do mordomo, e o revólver desapareceu e não se sabe para

quem é a carta de chantagem, e a seringa hipodérmica apareceu no jantar, e depois disso desapareceu...

A sra. Oliver fez um ponto final, estimando adequadamente a reação de Poirot.

– Eu sei – ela disse, solidária. – Parece uma confusão, mas na verdade não é, não na minha cabeça, e quando o senhor vir o folheto da sinopse, vai descobrir que tudo está muito claro. E, de todo modo – ela concluiu –, a história realmente não importa, não é mesmo? Quer dizer, não para o senhor. A única coisa que precisa fazer é entregar os prêmios – e são prêmios muito bons, o primeiro é uma cigareira de prata em forma de revólver – e dizer como a pessoa que decifrou o crime é inteligente.

Poirot pensou com seus botões como a pessoa que decifrasse o crime teria mesmo que ser inteligente. Aliás, ele duvidava muito de que alguém o decifraria. O enredo todo e a ação da caça ao assassino lhe pareciam estar envoltos em uma névoa impenetrável.

– Bom – disse o capitão, todo animado, consultando o relógio de pulso. – É melhor eu ir até a gráfica para pegar o material.

A sra. Oliver resmungou.

– Se não estiver pronto...

– Ah, vai estar pronto, sim. Eu telefonei. Até já. – Ele saiu da sala.

A sra. Oliver imediatamente pegou Poirot pelo braço e quis saber, com um sussurro rouco:

– E então?

– E então... o quê?

– O senhor descobriu alguma coisa? Ou reparou em alguém?

Poirot respondeu com um leve tom de desaprovação na voz:

– Todo mundo e tudo me parece completamente normal.

– Normal?

– Bom, talvez esta não seja exatamente a palavra certa. Lady Stubbs, como dizem, é decididamente abaixo do normal, e o sr. Legge me parece um tanto anormal.

– Ah, não há nada de errado com ele – disse a sra. Oliver, impaciente. – Ele teve um surto nervoso.

Poirot não questionou a construção um tanto duvidosa da frase, mas aceitou-a pelo que era.

– Todos parecem estar no estado de agitação nervosa que seria de se esperar, com muita ansiedade, cansaço generalizado e forte irritação, características das preparações para este tipo de diversão. Se puder apenas apontar...

– Psiu! – a sra. Oliver agarrou o braço dele mais uma vez. – Alguém está chegando.

Parecia um melodrama de má qualidade, e Poirot sentia sua própria irritação crescer.

O rosto agradável e suave da srta. Brewis apareceu à porta.

– Ah, o senhor está aqui, monsieur Poirot. Estive a sua procura para mostrar-lhe seu quarto.

Ela o conduziu escada acima, percorreu uma passagem e entrou em um grande quarto arejado com vista para o rio.

– Há um banheiro logo aqui na frente. Sir George fala em adicionar mais banheiros, mas para fazê-lo seria necessário, infelizmente, comprometer a proporção dos quartos. Espero que considere as instalações bastante confortáveis.

– Sim, de fato. – Poirot deu uma passada de olhos apreciativa na pequena estante de livros, no abajur de leitura e na caixa com o rótulo “biscoitos” ao lado da cama. – Parece que a senhorita mantém tudo nesta casa em perfeita organização. Devo parabenizar a senhorita ou minha encantadora anfitriã?

– Lady Stubbs ocupa todo o seu tempo sendo encantadora – respondeu a srta. Brewis, com tom ligeiramente ácido na voz.

– É uma jovem bastante decorativa – Poirot refletiu.

– Se o senhor está dizendo...

– Mas, em outros aspectos, talvez ela seja... – Ele se deteve. – *Pardon*. Fui indiscreto. Faço comentários sobre algo que provavelmente não deveria mencionar.

A srta. Brewis encarou-o. Seca, disse:

– Lady Stubbs sabe perfeita e exatamente o que está fazendo. Além de ser uma jovem altamente decorativa, como o senhor disse, ela também é muito astuta.

Ela já tinha dado meia-volta e saído do quarto antes que as sobranceiras de Poirot tivessem terminado de se erguer em surpresa. Ah, então era isso que a eficiente srta. Brewis pensava, não é mesmo? Ou será que só tinha dito aquilo por algum motivo pessoal? E por que ela tinha feito tal afirmação para ele, que acabara de chegar? Talvez porque ele tinha acabado de chegar? E também porque era estrangeiro. Como Hercule Poirot tinha descoberto por experiência própria, muitos ingleses consideravam que o que se dizia aos estrangeiros não contava!

Ele franziu a testa, perplexo, e ficou olhando para a porta pela qual a srta. Brewis tinha saído sem enxergá-la de fato. Então se dirigiu à janela e ficou ali, olhando para fora. Ao fazê-lo, viu lady Stubbs sair de casa com a sra. Folliat, e as duas ficaram um momento conversando perto da magnólia. Então a sra. Folliat fez um gesto com a cabeça para se despedir, pegou sua cesta de jardinagem e suas luvas e saiu caminhando na direção do portão. Lady Stubbs ficou observando-a por um instante e então, sem prestar atenção, arrancou uma flor de magnólia, sentiu seu perfume e começou lentamente a andar pelo caminho que atravessava as árvores e chegava ao rio. Ela olhou uma vez por cima do ombro antes de desaparecer de vista. Michael Weyman saiu discretamente de trás da magnólia, fez uma pausa indecisa por um instante e então seguiu a silhueta alta e esbelta no meio das árvores.

Um rapaz bonito e dinâmico, Poirot pensou. Com personalidade mais atraente, sem dúvida, do que sir George Stubbs...

Mas se fosse isso, e daí? Tais padrões formavam-se eternamente pela vida. Marido rico e de meia idade nada atraente, esposa jovem e bonita com ou sem desenvolvimento mental suficiente, rapaz bem apessoado e suscetível. O que havia ali para fazer a sra. Oliver proferir um chamado urgente pelo telefone? A sra. Oliver sem dúvida tinha imaginação vívida, mas...

– Mas, afinal de contas – Hercule Poirot murmurou para si mesmo –, não sou consultor em adultério... Nem em adultério incipiente.

Será que realmente podia haver algo nessa impressão extraordinária da sra. Oliver de que algo estava errado? A sra.

Oliver era uma mulher de mente singularmente confusa, e como ela conseguia, de um modo ou de outro, escrever histórias de detetive coerentes estava além de sua compreensão; mas, no entanto, apesar da teimosia confusa, ela com frequência o surpreendia com sua repentina compreensão da verdade.

– O tempo é curto... curto – ele murmurou para si mesmo. – Será que há algo errado aqui, como a sra. Oliver crê? Estou inclinado a acreditar que há. Mas o quê? Quem poderia me dar uma luz? Preciso saber mais, muito mais, a respeito das pessoas desta casa. Quem poderia me informar?

Depois de refletir por um momento, pegou o chapéu (Poirot nunca se arriscava a se expor ao ar da noite sem cobrir a cabeça) e apressou-se em sair do quarto e descer a escada. Ouviu ao longe os uivos ditatoriais da voz profunda da sra. Masterton. Mais próxima e acessível, a voz de sir George se ergueu com entonação amorosa.

– Amaldiçoada seja aquela coisa do borgo. Gostaria de tê-la em meu harém, Sally. Devo fazer com que a minha sorte seja lida diversas vezes amanhã. O que me dirá, hein?

Ouviu-se um leve farfalhar de tecido e a voz de Sally Legge disse, sem fôlego:

– George, não faça assim.

Poirot ergueu as sobancelhas e esgueirou-se por uma porta lateral adjacente muito conveniente. Disparou a toda velocidade por um caminho nos fundos que, de acordo com sua orientação espacial, em algum ponto se juntaria ao da entrada.

Sua manobra foi bem sucedida e permitiu-lhe, arfando ligeiramente, aparecer ao lado da sra. Folliat e auxiliá-la de modo galante a carregar sua cesta de jardinagem.

– Se me permite, madame?

– Ah, obrigada, monsieur Poirot, é muito gentil da sua parte. Mas não está pesada.

– Permita-me carregá-la para a senhora até sua casa. Mora aqui perto?

– Na verdade, moro no alojamento que fica ao lado do portão de entrada. Sir George é muito gentil em alugá-lo para mim.

O alojamento ao lado do portão de entrada de sua antiga residência... Como será que ela realmente se sentia em relação a *isso*, Poirot ficou imaginando. Sua compostura era tão absoluta que ele não fazia ideia de quais eram seus sentimentos. Mudou de assunto com a seguinte observação:

- Lady Stubbs é muito mais nova do que o marido, não é?
- É 23 anos mais nova.
- Fisicamente, é muito atraente.

A sra. Folliat disse baixinho:

- Hattie é uma querida e boa menina.

Não era a resposta que ele esperava. A sra. Folliat prosseguiu:

– Eu a conheço muito bem, compreenda. Ficou sob meus cuidados por um breve período.

- Eu não sabia.

– E como poderia saber? De certa maneira, é uma história triste. O pessoal dela tinha terras, terras produtoras de açúcar, nas Índias Ocidentais. Como consequência de um terremoto, a casa lá se incendiou e os pais dela, os irmãos e as irmãs, todos perderam a vida. Hattie, por sua vez, estava em um convento em Paris e, assim, de repente, ficou sem nenhum parente próximo. Os executores consideraram aconselhável que Hattie recebesse uma tutora e fosse reapresentada à sociedade depois de passar um período no exterior. Eu aceitei me incumbir dela. – A sra. Folliat completou com um sorriso seco: – Quando é necessário, posso usar vestimentas alinhadas e, naturalmente, eu tinha as conexões necessárias... Aliás, o falecido governador era nosso amigo próximo.

- Naturalmente, madame, isso tudo eu compreendo.

– Caiu-me muito bem... Eu estava passando por uma época difícil. O meu marido tinha morrido logo antes de a guerra irromper. Meu filho mais velho, que estava na marinha, afundou com seu barco; o mais novo, que estava no Quênia, juntou-se ao comando e foi morto na Itália. Isso significou o pagamento de três enterros, e esta casa precisou ser colocada à venda. Eu mesma estava em péssimas condições e fiquei contente pela distração de ter uma pessoa jovem de quem cuidar e com quem viajar por aí. Passei a

gostar muito de Hattie, ainda mais, talvez, por logo perceber que ela não era, digamos, totalmente capaz de se defender sozinha. Compreenda, monsieur Poirot, Hattie não tem deficiência mental, mas é o que o pessoal do campo classifica como "simplória". É fácil convencê-la de qualquer coisa, é dócil demais, totalmente aberta a sugestões. Acredito que tenha sido uma bênção quase não ter dinheiro. Se ela fosse herdeira, sua posição poderia ter sido bem mais difícil. Era bonita aos olhos dos homens e, por ter natureza afetuosa, era atraída e influenciada com facilidade...

Definitivamente inspirava cuidados. Depois da avaliação final da propriedade dos pais dela, descobriu-se que a plantação tinha sido destruída e que havia mais dívidas do que bens, e só pude me sentir agradecida por um homem como sir George Stubbs ter se apaixonado por ela e desejar se casar com ela.

– Possivelmente... Sim, foi uma solução.

– Sir George – disse a sra. Folliat – apesar de ser um homem que venceu na vida sozinho e, vamos encarar, completamente vulgar, é gentil e decente em nível fundamental, além de ser extremamente rico. Não acredito que jamais fosse exigir companhia intelectual de uma esposa, e está muito bem. Hattie é tudo o que ele deseja. Ela exhibe roupas e joias à perfeição, é afetuosa e solícita, e está completamente feliz com ele. Confesso que fico muito grata por ser assim, porque admito que a influenciei deliberadamente a aceitá-lo. Se tivesse dado errado – a voz dela falhou um pouco – teria sido minha culpa por convencê-la a se casar com um homem tantos anos mais velho do que ela. Perceba, como eu disse, Hattie é absolutamente sugestionável. Qualquer pessoa com quem esteja no momento é capaz de dominá-la.

– Parece-me – Poirot disse, em tom de aprovação – que a senhora providenciou um arranjo muito prudente a ela. Não sou, como os ingleses, um romântico. Para providenciar um bom casamento, é necessário levar em consideração mais do que romance.

E completou:

– E no que diz respeito a este lugar aqui, Nasse House, é um local muito bonito. Como diz o ditado, parece de outro mundo.

– Como Nasse precisou ser vendida – disse a sra. Folliat, com um ligeiro tremor na voz –, fico feliz por ter sido comprada por sir George. Foi requisitada durante a guerra pelo exército e depois poderia ter sido comprada para ser transformada em casa de hóspedes ou escola, com os quartos cortados e divididos, distorcidos de sua beleza natural. Nossos vizinhos, os Fletcher, de Hoodown, precisaram vender a propriedade, que agora é um Albergue da Juventude. É muito bom que os jovens possam se divertir... E por sorte Hoodown é do final do período vitoriano, sem nenhum grande mérito arquitetônico, de modo que as alterações não fazem diferença. Acredito que alguns desses jovens invadam a nossa propriedade. Isso deixa Sir George muito irritado. É verdade que, ocasionalmente, danificam um ou outro arbusto ao passar por cima das plantas; eles entram aqui tentando encontrar um atalho para a balsa que atravessa o rio.

Agora estavam parados ao lado do portão de entrada. O alojamento, um prédio pequeno e térreo, ficava um pouco afastado do caminho, com um pequeno jardim cercado ao redor dele.

A sra. Folliat pegou a cesta de Poirot com uma palavra de agradecimento.

– Sempre gostei muito do alojamento – ela disse, olhando para ele com afeição. – Merdle, nosso jardineiro-chefe durante 30 anos, morava aqui antes. Prefiro-o ao chalé lá de cima, apesar de ter sido ampliado e modernizado por Sir George. Tinha que ser; agora temos um rapaz bastante jovem como jardineiro-chefe, com uma esposa moça, e essas mulheres precisam de ferros elétricos, fogões modernos, televisão e tudo o mais. A gente precisa se adaptar aos tempos... – ela suspirou. – Não sobrou quase ninguém de antigamente na propriedade... São todos rostos novos.

– Fico contente, madame – Poirot respondeu –, que a senhora pelo menos tenha encontrado um porto seguro.

– Conhece os versos de Spenser? "*Sleep after toyle, port after stormie seas, ease after war, death after life, doth greatly please*[1]*..."

Ela fez uma pausa e disse, sem mudar de tom:

– Este mundo é muito perverso, monsieur Poirot. E há pessoas muito perversas no mundo. O senhor provavelmente sabe disso tão bem quanto eu. Não digo isso na frente dos jovens, pode desestimulá-los, mas é verdade... Sim, este mundo é muito perverso...

Ela deu um breve aceno com a cabeça, então se virou e entrou no alojamento. Poirot ficou ali parado, olhando fixo para a porta fechada.

[1] Tradução livre: "sono depois do trabalho, porto depois do mar tempestuoso, calma depois da guerra, morte depois da vida, dá grande prazer". (N.T.)

CAPÍTULO 5

I

Disposto a fazer um pouco de exploração, Poirot saiu pelo portão de entrada e desceu a estrada íngreme e cheia de curvas que ia dar em um pequeno ancoradouro. Um sino grande com uma corrente exibia cartaz em que se lia: "Toque para chamar a balsa". Havia diversos barcos atracados na lateral do ancoradouro. Um senhor muito velho, com olhos reumáticos, que estava apoiado em uma das pilastras da estrutura, aproximou-se de Poirot arrastando os pés.

– Quer atravessar, senhor?

– Muito obrigado, não. Só saí de Nasse House para dar um pequeno passeio.

– Ah, o senhor está em Nasse? Trabalhei lá quando era menino, foi sim, e o meu filho, ele era o jardineiro-chefe lá. Mas eu cuidava era dos barcos. O velho fidalgo Folliat, ele gostava muito de barcos. Saía para navegar com qualquer clima, era sim. Já o major, o filho dele, não ligava para barcos. Cavalos eram a única coisa que importava para ele. E gastou uma bela quantia com eles. Isso e o álcool... era difícil para a mulher dele, era sim. Já deve ter visto por aí, talvez... Agora mora no alojamento, é sim.

– Sim, estava na companhia dela agora mesmo.

– Ela também é Folliat, prima de segundo grau, lá de Tiverton. É ótima com o jardim, é sim, todos os arbustos que plantou estão floridos. Mesmo quando a casa foi ocupada durante a guerra, e os dois cavalheiros novos tinham ido lutar, ela continuou cuidando dos arbustos e fez de tudo para não serem pisoteados.

– Foi difícil para ela o fato de os dois filhos terem morrido.

– Ah, a vida dela foi dura, foi sim, com isso e mais aquilo. Problema com o marido, problema com os cavalheiros novos,

também. Não o sr. Henry. Ele era um jovem cavalheiro tão simpático como se possa desejar, puxou ao avô, gostava de velejar e entrou para a marinha como consequência natural dos fatos, mas o sr. James, este causou muita confusão. Era dívida e mulher, e também ele era muito rebelde de temperamento. Quando alguém nasce assim, não tem jeito de endireitar. Mas a guerra combinava com ele, pode-se dizer... Deu a ele uma chance. Ah! Tem tanta gente que não consegue ser correto em paz e morre com coragem na guerra...

– Então agora não há mais nenhum Folliat em Nasse – Poirot concluiu.

O arroubo de discurso do homem cessou de maneira abrupta.

– É bem como o senhor diz.

Poirot olhou para o velho com curiosidade.

– Em vez disso, quem está lá agora é sir George Stubbs. O que o pessoal das redondezas acha dele?

– A gente sabe que ele é poderoso e rico – respondeu o velho.

O tom dele parecia seco e quase surpreso.

– E a esposa dele?

– Ah, é uma moça fina de Londres, é sim. Não presta para jardim; ela, não. Também dizem por aí que é meio fraca aqui.

Cutucou a têtpora com o indicador para mostrar o que queria dizer.

– Não que não fale sempre muito bonito nem seja muito simpática. Só faz um pouco mais de um ano que eles estão aqui. Compraram o lugar e mandaram reformar, ficou como novo. Parece que foi ontem que chegaram. Foi de noite que chegaram, foi sim, no dia seguinte da pior ventania de que lembro. Tinha árvore caída para todo lado, uma por cima do caminho da entrada, e a gente teve que ir lá e serrar na maior pressa para limpar a passagem para o carro. E teve o carvalho grande lá em cima, que caiu e levou vários outros junto, fez uma confusão só, foi sim.

– Ah, sim, no lugar onde hoje fica a Extravagância?

O velho virou-se para o lado e cuspiu com desgosto.

– Chamam de Extravagância e extravagância é o que é... Uma tontice novidadeira. Nunca teve extravagância nenhuma no tempo

dos Folliat. Foi ideia da moça fazer essa tal de Extravagância. Não demorou três semanas depois que eles chegaram, e não tenho dúvida de que ela convenceu sir George a fazer aquilo. É ridículo lá no meio daquelas árvores, parece um templo pagão. Agora, um bom gazebo, com um ar rústico e uns vitrais coloridos... Eu não ia ter nada contra *isso*.

Poirot deu um sorriso fraco.

– As moças de Londres devem ter seus caprichos – ele disse. – É uma tristeza o tempo dos Folliat ter chegado ao fim.

– Nunca acredite nisto, senhor. – O velho soltou uma risada com chiado. – Sempre vai ter algum Folliat em Nasse House.

– Mas a casa pertence a sir George Stubbs.

– Isso pode ser... Mas ainda tem um Folliat aqui. Ah! Estranhos e ardilosos são esses Folliat!

– Como assim?

O velho olhou-o de soslaio.

– A sra. Folliat está morando no alojamento, não está? – inquiriu.

– Está – Poirot respondeu devagar. – A sra. Folliat está morando no alojamento e o mundo é muito perverso, e todas as pessoas que vivem nele são muito perversas.

O velho ficou olhando para ele.

– Ah – disse. – Quem sabe tem alguma coisa aí.

Afastou-se arrastando os pés mais uma vez.

– Mas o que eu posso ter? – Poirot perguntou a si mesmo, irritado, enquanto subia lentamente a colina de volta para casa.

II

Hercule Poirot fez um toalete meticuloso, aplicando pomada aromática nos bigodes e torcendo-os com ferocidade algumas vezes. Afastou-se do espelho e ficou contente com o que viu.

O som de um gongo ecoou pela casa, e ele desceu a escada.

O mordomo, depois de terminar sua performance bastante artística, *crescendo, forte, diminuendo, rallentando*, estava

guardando a baqueta do gongo no gancho. Seu rosto sombrio e melancólico demonstrava prazer.

Poirot pensou com seus botões: "*Uma carta de chantagem que pode ser da governanta, ou então pode ser do mordomo...*". Este mordomo tinha cara de quem poderia muito bem ter cartas de chantagem no repertório. Poirot ficou imaginando se a sra. Oliver tirava seus personagens da vida real.

A srta. Brewis atravessou o hall com um vestido florido de chiffon que não lhe caía nada bem, ele a alcançou e perguntou:

– A senhorita tem uma governanta aqui?

– Ah, não, monsieur Poirot. Acredito que hoje em dia não se depara com benesses desse tipo, a não ser em um estabelecimento realmente amplo, é claro. Ah, não, eu cuido de tudo na casa... Às vezes sou mais governanta do que secretária aqui.

Ela soltou uma risada curta e ácida.

– Então, a senhora é a governanta? – Poirot a examinou com atenção.

Não conseguia imaginar a srta. Brewis escrevendo uma carta de chantagem. Agora, uma carta anônima de chantagem seria outra coisa. Ele tinha visto cartas de chantagem escritas por mulheres não muito diferentes da srta. Brewis: sólidas, confiáveis, totalmente insuspeitas para as pessoas que as rodeavam.

– Qual é o nome do mordomo? – perguntou.

– Henden. – A srta. Brewis assumiu uma expressão um tanto atônita.

Poirot se recompôs e apressou-se em explicar:

– Pergunto porque tenho a impressão de tê-lo visto em algum lugar antes.

– É bem provável – a srta. Brewis respondeu. – Nenhuma dessas pessoas parece ser capaz de permanecer no mesmo lugar por mais de quatro meses. Em pouco tempo, devem passar por todas as posições disponíveis na Inglaterra. Afinal de contas, hoje em dia não há muita gente em condições de ter mordomos e cozinheiras.

Entraram na sala onde sir George, que de algum modo não parecia nada à vontade com um paletó formal, bebericava um

sherry. A sra. Oliver, vestida de cetim cinza-chumbo, parecia um navio de batalha obsoleto, e a cabeça negra e bem penteada de lady Stubbs estava abaixada enquanto ela estudava a moda da *Vogue*.

Alec e Sally Legge tinham vindo jantar, assim como Jim Warburton.

– Temos uma noite pesada pela frente – ele avisou. – Nada de bridge hoje. Todas as mãos estarão ocupadas. Há uma grande quantidade de cartazes a serem escritos, além da placa para a barraca da leitura da sorte. Que nome vamos colocar? Madame Zuleika? Esmeralda? Ou Romany Leigh, a Rainha Cigana?

– Um toque oriental – disse Sally. – Todo mundo nos distritos agrícolas odeia ciganos. Zuleika me parece bem. Trouxe a minha caixa de tintas e achei que Michael poderia desenhar para nós uma cobra espiralada para enfeitar o cartaz.

– Cleópatra então, em vez de Zuleika?

Henden apareceu à porta.

– O jantar está servido, patroa.

Todos foram para a sala de jantar. Havia velas em cima da mesa comprida. O local se enchia de sombras.

Warburton e Alec Legge sentaram-se cada um de um lado da anfitriã. Poirot ficou entre a sra. Oliver e a srta. Brewis. A segunda estava envolvida em uma conversa animada sobre os detalhes gerais dos preparativos para o dia seguinte.

A sra. Oliver ficou imóvel em uma espécie de abstração mal-humorada e não disse quase nada.

Quando finalmente rompeu o silêncio, foi para dar uma explicação um tanto contraditória.

– Não se incomode comigo – ela disse a Poirot. – Só estou tentando me lembrar se tem algo de que me esqueci.

Sir George soltou uma bela risada.

– A falha fatal, hein? – observou.

– É exatamente isto – respondeu a sra. Oliver. – Sempre existe alguma falha. Às vezes, só a percebemos quando o livro já está impresso. E então, é uma *agonia*! – O rosto dela refletia essa emoção. Ela suspirou. – O mais curioso é que a maior parte das

peessoas nunca repara. Eu digo a mim mesma: “Mas é claro que o cozinheiro teria notado que duas costeletas sobraram nos pratos”. Mas ninguém mais pensa assim, de maneira alguma.

– A senhora me fascina – Michael Weyman debruçou-se por cima da mesa. – *O Mistério da Segunda Costeleta*. Por favor, por favor, nunca explique. Vou refletir sobre o assunto durante o banho.

A sra. Oliver lançou-lhe um sorriso abstrato e retornou a suas preocupações.

Lady Stubbs também estava em silêncio. De vez em quando, bocejava. Warburton, Alec Legge e a srta. Brewis conversavam por cima dela.

Ao saírem da sala de jantar, lady Stubbs fez uma pausa ao pé da escada.

– Vou para a cama – anunciou. – Estou com muito sono.

– Ah, lady Stubbs – exclamou a srta. Brewis. – Há tanta coisa a ser feita, estamos contando com a senhora para nos ajudar.

– Sim, eu sei – respondeu lady Stubbs. – Mas vou para a cama.

Ela falou com o tom de satisfação de uma criancinha.

Voltou a cabeça quando sir George saiu da sala de jantar

– Estou cansada, George. Vou para a cama. Será que se importa?

Ele se aproximou e deu tapinhas afetuosos no ombro dela.

– Vá cuidar do seu sono de beleza, Hattie. Esteja bem disposta amanhã.

Ele lhe deu um beijo leve e ela subiu a escada, acenando e dizendo:

– Boa noite para todos.

Sir George sorriu para ela. A srta. Brewis respirou fundo e ruidosamente e deu meia-volta em um gesto brusco.

– Venham todos – disse com alegria forçada que não soou nada verdadeira. – Precisamos trabalhar.

Agora cada um cumpria sua tarefa. Como a srta. Brewis não podia estar em todo lugar ao mesmo tempo, logo surgiram alguns desertores. Michael Weyman enfeitou uma placa com uma magnífica cobra feroz e as palavras “*Madame Zuleika lê o seu futuro*” e então desapareceu sem se fazer notar. Alec Legge

completou alguns encargos gerais, avisou que ia sair para medir o espaço do jogo de argolas e não voltou mais. As mulheres, como é típico, trabalharam com energia e atenção. Hercule Poirot seguiu o exemplo de sua anfitriã e foi cedo para a cama.

III

Poirot desceu para tomar café da manhã no dia seguinte às nove e meia. O desjejum ali era servido à maneira do pré-guerra. Uma fileira de pratos quentes em um aquecedor elétrico. Sir George consumia um café da manhã inglês completo com ovos mexidos, bacon e rins. A sra. Oliver e a srta. Brewis tinham escolhido uma versão diferente da mesma coisa. Michael Weyman servia-se de um prato cheio de presunto frio. Apenas lady Stubbs se abstinha das carnes e mordiscava uma torrada fina bebericando café preto. Ela usava um chapéu grande rosa claro, que não combinava com a mesa de café da manhã.

A correspondência tinha acabado de chegar. A srta. Brewis tinha à frente uma pilha enorme de cartas, que separava rapidamente. Qualquer envelope endereçado a sir George em que se lesse "pessoal" ela entregava diretamente para ele. Os outros ela abria por conta própria e separava em categorias.

Lady Stubbs recebera três cartas. Abriu duas que eram obviamente contas e largou-as de lado. Então abriu a terceira e disse, de modo súbito e claro:

– Oh!

A exclamação foi tão sobressaltada que todas as cabeças se voltaram em sua direção.

– É de Etienne – ela disse. – Meu primo Etienne. Ele vem aqui de iate.

– Deixe-me ver, Hattie. – Sir George estendeu a mão. Ela fez a carta deslizar pela mesa. Ele alisou a folha e leu.

– Quem é este Etienne de Sousa? Um primo, foi o que disse?

– Acho que sim. Primo em segundo grau. Não me lembro dele muito bem... Aliás, nem um pouco. Ele era...

– Pois não, querida?

Ela deu de ombros.

– Não faz diferença. Foi há muito tempo. Eu era uma garotinha.

– Suponho que não se lembre dele muito bem. Mas precisamos fazer com que se sinta em casa – disse sir George, cheio de animação. – De certo modo, é uma pena que a quermesse seja hoje, mas vamos convidá-lo para jantar. Talvez possamos hospedá-lo por uma ou duas noites... Mostrar a ele um pouco da região?

Sir George estava agindo como um fidalgo hospitaleiro.

Lady Stubbs não disse nada. Ficou olhando para o fundo da xícara de café.

A conversa sobre o assunto inevitável da quermesse era generalizada. Apenas Poirot permanecia alheio. Observando a figura delgada e exótica à cabeceira da mesa. Ficou imaginando exatamente o que devia estar se passando pela cabeça dela. Naquele exato momento os olhos dela se ergueram e se dirigiram brevemente ao lugar da mesa onde ele estava sentado. Foi um olhar tão astucioso e atento que ele se sobressaltou. Quando os olhos dos dois se encontraram, a expressão de astúcia desapareceu e o vazio voltou. Mas aquela outra expressão estivera lá, fria, calculista, atenciosa...

Ou será que era a imaginação dele? De todo modo, por acaso não era verdade que as pessoas com leves deficiências mentais com muita frequência tinham uma espécie de astúcia sonsa intrínseca que às vezes surpreendia até quem as conhecia muito bem?

Ele pensou consigo mesmo que lady Stubbs certamente era enigmática. As pessoas pareciam ter ideias totalmente opostas em relação a ela. A srta. Brewis tinha dado a entender que lady Stubbs sabia muito bem o que fazia. No entanto, a sra. Oliver com toda a certeza a considerava meio lerda, e a sra. Folliat, que a conhecia havia muito tempo e na intimidade, tinha falado dela como se não fosse uma pessoa completamente normal, que precisava de cuidados e atenção.

A srta. Brewis provavelmente tinha algum tipo de preconceito. Não gostava de lady Stubbs por sua indolência e seu alheamento. Poirot ficou imaginando se a srta. Brewis tinha sido secretária de sir

George antes do casamento. Se fosse, poderia com facilidade se ressentir da chegada do novo regime.

Poirot, pessoalmente, teria concordado absolutamente com a sra. Folliat e a sra. Oliver... Até esta manhã. E, afinal de contas, será que ele realmente poderia se fiar naquilo que fora apenas uma impressão fugidia?

Lady Stubbs levantou-se da mesa abruptamente.

– Estou com dor de cabeça – disse. – Vou me deitar em meu quarto.

Sir George colocou-se de pé, ansioso.

– Minha querida. Está tudo bem, não está?

– É só uma dor de cabeça.

– Vai estar disposta para hoje à tarde, não vai?

– Vou, acredito que sim.

– Tome uma aspirina, lady Stubbs – disse a srta. Brewis, ríspida. – A senhora tem ou quer que eu providencie?

– Eu tenho.

Ela se dirigiu para a porta. Ao se movimentar, deixou cair o lenço que apertava entre os dedos. Poirot avançou em silêncio e o recolheu sem interromper.

Sir George, prestes a seguir a esposa, foi detido pela srta. Brewis.

– Preciso lhe falar sobre o estacionamento dos carros hoje à tarde, sir George. Estou indo dar as instruções a Mitchell. Acha que a melhor providência seria, como o senhor disse...?

Poirot, que ia saindo da sala, não escutou mais nada. Alcançou sua anfitriã à escada.

– Madame, deixou cair isto aqui.

Entregou o lenço com uma mesura. Ela o pegou com indiferença.

– Foi mesmo? Obrigada.

– Estou muito preocupado, madame, com o seu sofrimento. Especialmente porque seu primo está chegando.

Ela respondeu rápido, quase com violência.

– Não quero ver Etienne. Não gosto dele. Ele é perverso. Sempre foi perverso. Tenho medo dele. Ele faz coisas ruins.

A porta da sala de jantar se abriu e sir George atravessou o hall e subiu a escada.

– Hattie, coitadinha, minha querida. Permita-me colocá-la na cama.

Subiram a escada juntos, ele a abraçava com ternura, o rosto preocupado e absorto.

Poirot ficou observando os dois, então deu meia-volta e deparou com a srta. Brewis caminhando rapidamente, apertando papéis nas mãos.

– A dor de cabeça de lady Stubbs... – ele começou.

– Dor de cabeça coisa nenhuma – disse a srta. Brewis, de mau humor, desaparecendo dentro de seu escritório e fechando a porta atrás de si.

Poirot suspirou e saiu pela porta que dava no terraço. A sra. Masterton tinha acabado de chegar em um carro pequeno e estava coordenando a montagem de uma tenda, uivando ordens em tons imperativos.

Ela virou-se para cumprimentar Poirot.

– Essas coisas são um grande aborrecimento – observou. – E sempre colocam tudo no lugar errado. Não, Rogers! Mais à esquerda... *esquerda*... não direita! O que acha do tempo, monsieur Poirot? Para mim, parece duvidoso. A chuva, é claro, estragaria tudo. E o verão tem sido tão bonito, para variar, neste ano... Onde está sir George? Quero falar com ele sobre o estacionamento de carros.

– A esposa dele teve dor de cabeça e foi se deitar.

– Ela estará bem hoje à tarde – disse a sra. Masterton, cheia de confiança. – Gosta de eventos, sabe como é. Vai arrumar-se maravilhosamente e ficar feliz feito uma criança. Pode trazer para mim um punhado daqueles pregadores, por favor? Quero marcar o lugar dos números para o golfe.

Assim convocado para o trabalho, Poirot foi ocupado pela sra. Masterton de maneira incansável, servindo de aprendiz útil. Ela fazia a gentileza de conversar com ele nos intervalos do trabalho pesado.

– É preciso fazer tudo por conta própria, acredito. É a única maneira... Aliás, o senhor é amigo dos Eliot, não é?

Depois do longo período passado na Inglaterra, entendeu a pergunta como indicação de reconhecimento social. O que a sra. Masterton de fato dizia era: "Apesar de estrangeiro, compreendo que o senhor é um de nós". Continuou a conversar com ele como se fosse íntima.

– É bom ver gente morando em Nasse mais uma vez. Nós todos estávamos muito temerosos de que fosse se transformar em hotel. O senhor sabe como as coisas são hoje em dia; quando se viaja pelo interior, passa-se por lugar atrás de lugar com uma placa "Casa de Hóspedes" ou "Hotel Particular" ou "Hotel Licenciado". Todas as casas em que ficávamos quando éramos criança ou a que íamos em bailes. É muito triste. Sim, fico feliz por causa de Nasse, assim como a querida Amy Folliat, coitadinha, é claro. A vida dela foi tão difícil... Mas ela nunca reclama, isto eu digo. Sir George fez maravilhas por Nasse, sem deixá-la vulgar. Não sei se isso é resultado da influência de Amy Folliat ou se é o bom gosto natural dele. Ele tem muito bom gosto, sabe? É algo surpreendente em um homem como ele.

– Compreendo que ele não vem de uma família de posses? – Poirot inquiriu, com todo o cuidado.

– Ele nem é sir de verdade, foi apelidado assim, pelo que soube. Tirou a ideia do circo de lorde George Sanger, desconfio. É muito divertido, na verdade. É claro que nós nunca demonstramos saber. Os ricos precisam ter direito a seus esnobismos, não concorda? O mais engraçado é que, apesar das origens, George Stubbs não despertaria desconfiança em lugar algum. Ele é um tipo atávico. Tem todo o jeito de um fidalgo do século XVIII. Eu diria que deve ter sangue bom. Pai de alta estirpe e mãe atendente de bar, é o que imagino.

A sra. Masterton interrompeu a si mesma para dar bronca em um jardineiro.

– Não perto da azaleia. Precisa deixar lugar para o boliche à direita. À *direita*... não à esquerda!

Ela prosseguiu:

– É extraordinário como eles não conseguem distinguir a esquerda da direita. A tal Brewis é eficiente. Mas não gosta da coitada da Hattie. Às vezes olha para ela como se tivesse vontade de matá-la. Tantas boas secretárias se apaixonam pelo patrão. Mas onde será que Jim Warburton se enfiou? É tão tola a maneira como insiste para que o chamem de “capitão”... Nunca foi soldado regular e nunca chegou a quilômetros de um alemão. Mas, hoje em dia, a gente tem que suportar o que é capaz, é claro. E ele se empenha no trabalho, mas sinto que há algo de muito duvidoso em relação a ele. Ah! Lá vem o casal Legge.

Usando calça de sarja e um pulôver amarelo, Vally Legge disse, animada:

– Chegamos para ajudar.

– Há muito a fazer – ribombou a sra. Masterton. – Então, deixe-me ver...

Aproveitando-se do momento de desatenção dela, Poirot fugiu dali. Quando chegou ao canto da casa e entrou no terraço, tornou-se espectador de um novo drama.

Duas moças, usando shorts e blusas coloridas, tinham saído do bosque e estavam paradas, olhando para a casa, cheias de incerteza. Acreditou ter reconhecido uma delas como a italiana que pegara carona no carro no dia anterior. Da janela do quarto de lady Stubbs, sir George se inclinava e falava com elas, irado:

– Estão invadindo propriedade particular! – berrava.

– Por favor? – disse a jovem com um lenço verde na cabeça.

– Não pode entrar aqui. Particular.

A outra moça, que prendera o cabelo com um lenço azulão, disse, animada:

– Por favor? O cais de Nassecombe... – Ela pronunciou com todo cuidado. – É por aqui? Por favor.

– Estão invadindo propriedade particular – gritou sir George.

– Por favor?

– *Invasão!* Não podem passar. Precisam voltar. *VOLTAR!* Por onde vieram.

Elas ficaram olhando enquanto ele gesticulava. Então discutiram a questão em uma enxurrada de conversa estrangeira.

Finalmente, cheia de dúvidas, a moça de lenço azul disse:

– Voltar? No albergue?

– É isso mesmo. E usem a estrada... a *estrada* que fica por ali.

Elas recuaram, de má-vontade. Sir George enxugou a testa e olhou para Poirot.

– Passo todo o meu tempo expulsando as pessoas daqui – ele disse. – Costumavam entrar pelo portão de cima. Coloquei um cadeado lá. Agora vêm pelo bosque depois de pular a cerca. Achem que é mais fácil chegar ao ancoradouro por aqui. Bom, e é mesmo, claro, é bem mais rápido. Mas não podem passar por aqui... nunca puderam. E são praticamente todos estrangeiros, não compreendem o que a gente diz, e só balbuciam respostas em holandês ou algo do gênero.

– Dessas duas, uma é alemã e a outra, italiana, creio... Vi a italiana no caminho da estação ontem.

– Falam todo tipo de língua... Sim, Hattie? O que disse? – Ele recuou para dentro do quarto.

Poirot virou-se e deparou com a sra. Oliver e uma garota de catorze anos bem desenvolvida com uniforme de guia.

– Esta aqui é Marlene – disse a sra. Oliver.

Marlene deu risada.

– Sou o cadáver horrível – ela disse. – Mas não vai ter nenhum sangue em mim. – O tom dela expressava decepção.

– Não?

– Não. Só vou ser estrangulada por uma corda, mais nada. Eu *gostaria* de ser esfaqueada e ficar coberta de marcas de tinta vermelha.

– O capitão Warburton achou que talvez assim parecesse realista demais – disse a sra. Oliver.

– Em um assassinato, acho que se *deve* ter sangue – disse Marlene, cabisbaixa. Ela olhou para Poirot com interesse faminto. – O senhor já viu muitos assassinatos, não viu? É o que *ela* diz.

– Um ou dois – Poirot respondeu, com modéstia.

Ele observou, alarmado, que a sra. Oliver estava deixando os dois sozinhos.

– Algum maníaco sexual? – Marlene perguntou, ávida.

- Certamente que não.
- Eu gosto de maníacos sexuais – disse Marlene, cheia de animação. – De ler sobre eles, quero dizer.
- Provavelmente não gostaria de deparar com um deles.
- Ah, não sei. Sabe o quê? Acho que temos um maníaco sexual por aqui. O meu avô viu um corpo no bosque uma vez. Ficou assustado e saiu correndo, e quando voltou não estava mais lá. Era um corpo de mulher, mas claro que ele é gagá, o meu avô, então ninguém escuta o que ele diz.

Poirot conseguiu escapar e, ao retornar para casa por uma rota tortuosa, refugiou-se em seu quarto. Sentia necessidade de repouso.

CAPÍTULO 6

O almoço foi cedo e rápido, organizado em um bufê frio. Às duas e meia, uma atriz de cinema de pouca importância daria início à quermesse. Depois de parecer ameaçar chuva, o tempo começou a melhorar. Às três horas, a quermesse estaria a todo vapor. Muitas pessoas pagavam a entrada de meia coroa, e os carros se enfileiravam de um dos lados da entrada comprida. Estudantes hospedados no albergue da juventude chegavam aos montes, conversando em línguas estrangeiras. Bem de acordo com a previsão da sra. Masterton, lady Stubbs saiu do quarto pouco antes das duas e meia, usando um vestido rosa-ciclâmico com um chapéu triangular enorme de palha preta. Usava grandes quantidades de diamantes.

A srta. Brewis murmurou, sarcástica:

– Está achando que é o camarote real em Ascot, evidentemente!

Mas Poirot a elogiou com toda a seriedade.

– É uma linda criação que está usando, madame.

– É bonito, não é? – Hattie respondeu, contente. – Usei em Ascot.

A estrela de cinema de pouca importância estava chegando, e Hattie adiantou-se para cumprimentá-la.

Poirot recuou para o fundo. Ficou vagando a esmo, desconsolado: tudo parecia estar se dando da maneira comum aos festivais. Havia uma barraca de arremesso de cocos, controlada por sir George em toda a sua animação, uma pista de boliche e um jogo de argolas. Havia diversas “barraquinhas” exibindo a produção local de frutas, legumes, geleias e bolos, e outras com “objetos de decoração”. Havia “rifas” de bolos, de cestas de frutas; até de um porco, parecia; e uma “pescaria surpresa” para as crianças por dois pence cada tentativa.

A essa altura já havia uma boa quantidade de gente, e uma apresentação de dança infantil começou. Poirot não viu sinais da sra. Oliver, mas a silhueta cor-de-rosa de lady Stubbs se destacava na multidão enquanto ela vagava a esmo de um lado para o outro. O foco de atenção, no entanto, parecia ser a sra. Folliat. Sua aparência estava bastante transformada: usava um vestido de seda acetinada azul-hortênsia e um chapéu cinza elegante, parecendo ser a grande responsável pelo evento; cumprimentava os recém-chegados e os direcionava às diversas atrações secundárias.

Poirot demorou-se perto dela e ficou escutando algumas das conversas.

– Amy, minha cara, como vai?

– Ah, Pamela, como é gentil de sua parte e de Edward terem vindo. Estamos tão longe de Tiverton...

– O tempo se firmou para a senhora. Está lembrada do ano antes da guerra? O aguaceiro caiu por volta das quatro horas. Estragou todo o evento.

– Mas o verão neste ano está maravilhoso. Dorothy! Faz *séculos* que não nos vemos.

– Achamos que precisávamos vir para ver Nasse em toda a sua glória. Percebo que diminuiu o número de bérberis na encosta.

– É, assim as hortênsias se destacam mais, não concorda?

– Como estão maravilhosas! Que azul! Mas, querida, fez maravilhas no último ano. Nasse realmente está voltando a ser o que era.

A voz do marido de Dorothy ribombou profundamente:

– Vim aqui ver o comandante durante a guerra. Quase partiu o meu coração.

A sra. Folliat voltou-se para cumprimentar uma visitante mais humilde.

– Sra. Knapper, fico contente em vê-la. Esta é Lucy? Como cresceu!

– Ela termina a escola no ano que vem. Fico feliz em vê-la tão bem, senhora.

– Estou muito bem, muito obrigada. Precisa ir tentar a sorte nas argolas, Lucy. Nós nos vemos na barraca do chá mais tarde, sra.

Knapper. Vou ajudar a servir por lá.

Um homem idoso, supostamente o sr. Knapper, disse com muita timidez:

– Fico contente de vê-la de volta a Nasse, senhora. Parecem os velhos tempos.

A resposta da sra. Folliat ficou abafada quando duas mulheres e um homem grande e carnudo se apressaram em sua direção.

– Amy, querida, quanto *tempo*. Isto aqui parece *o maior* sucesso! Diga-me o que fez com o jardim de rosas. Muriel me disse que está sendo reformado só com roseiras novas.

O homem carnudo deu sua contribuição.

– Onde está Marilyn Gale...?

– Reggie está louco para conhecê-la. Assistiu ao último filme dela.

– É ela ali com aquele chapéu grande? Meu Deus, mas que figurino.

– Não seja tolo, querido. Aquela é Hattie Stubbs. Sabe, Amy, realmente não devia permitir que ela andasse por aí com *tanto* jeito de modelo.

– Amy? – Outra amiga exigia atenção. – Este é o filho de Roger Edward. Querida, como é bom tê-la de volta a Nasse.

Poirot se afastou lentamente e, sem prestar atenção, investiu um xelim em um tíquete que poderia lhe valer o porco.

Ainda ouvia baixo atrás de si o refrão “Que bom que veio”. Ficou imaginando se a sra. Folliat se dava conta de como tinha entrado completamente no papel de anfitriã ou se era totalmente inconsciente. Naquela tarde ela era, de maneira muito definitiva, a sra. Folliat de Nasse House.

Ele estava parado ao lado da barraca em que se lia “*Madame Zuleika lê o seu futuro por 2 xelins 6 pence*”. Os chás estavam começando a ser servidos e já não havia mais fila para ler a sorte. Poirot abaixou a cabeça, entrou na barraca e pagou de bom grado sua meia coroa pelo privilégio de se afundar em uma cadeira e descansar seus pés cansados.

Madame Zuleika usava vestes pretas esvoaçantes, um lenço de lantejoulas douradas na cabeça e um véu na metade inferior do

rosto, que abafava ligeiramente suas observações. Uma pulseira de ouro com amuletos da sorte pendurados tilintou quando ela pegou a mão de Poirot e fez uma leitura rápida, agradável, cheia de dinheiro que viria, sucesso com uma beleza morena e o milagre de escapar de um acidente.

– É muito agradável o que me diz, madame Legge. Eu apenas gostaria que tudo pudesse se tornar realidade.

– Ah! – disse Sally. – Então, o senhor me reconheceu, é?

– Fui informado anteriormente... A sra. Oliver me disse que a senhora seria a "vítima", mas que tinha sido elencada por ela para o oculto.

– Eu gostaria de *ser* o "cadáver" – disse Sally. – É muito mais tranquilo. Tudo culpa de Jim Warburton. Já são quatro horas? Quero meu chá. Faço intervalo das quatro às quatro e meia.

– Ainda faltam dez minutos – Poirot respondeu, depois de consultar seu relógio grande e antiquado. – Quer que lhe traga uma xícara de chá?

– Não, não. Quero o intervalo. Esta barraca é sufocante. Ainda tem muita gente esperando?

– Não. Acho que estão fazendo fila para o chá.

– Que bom.

Poirot saiu da barraca e foi imediatamente desafiado por uma mulher determinada a adivinhar o peso de um bolo, pagando seis *pence* para tanto.

Uma barraca de jogo de argolas comandada por uma mulher gorda com jeito de matrona fez com que ele tivesse vontade de tentar a sorte e, para sua frustração, imediatamente ganhou uma boneca de plástico bem grande. Caminhando acanhado com a prenda, encontrou Michael Weyman, que estava parado, cabisbaixo, longe da agitação, perto de um caminho que levava até o ancoradouro.

– Parece que o senhor está se divertindo, monsieur Poirot – ele disse, com um sorriso sarcástico.

Poirot contemplou seu prêmio.

– É realmente horrível, não é? – disse, com tristeza.

Uma criancinha perto dele de repente começou a chorar. Poirot agachou-se rapidamente e colocou a boneca no braço da criança.

– *Voilà*, é para você.

As lágrimas cessaram de maneira abrupta.

– Pronto, Violet, o senhor não é gentil? Agradeça, pelo menos...

– Concurso de roupas infantis – chamou o capitão Warburton com um megafone. – Primeira turma, de três a cinco, enfileirem-se, por favor.

Poirot dirigiu-se para perto da casa e foi atacado por um rapaz que caminhava de costas para fazer mira com um coco. O rapaz xingou e Poirot pediu desculpa, em um ato mecânico, com o olhar fascinado pela estampa da camisa do rapaz. Ele a reconheceu como a camisa de “tartaruga” que sir George descrevera. Todo tipo de tartaruga, jabuti e monstro do mar pareciam estar se contorcendo e se arrastando por cima dela.

Poirot piscou e foi abordado pela moça holandesa a quem tinha dado carona no dia anterior.

– Então, veio à quermesse – ele disse. – E a sua amiga?

– Ah, sim, ela também, veio aqui nesta tarde. Ainda não nos vimos, mas vamos embora juntas no ônibus que sai do portão às cinco e quinze. Vamos a Torquay e lá eu troco para outro ônibus que vai até Plymouth. É conveniente.

Isso explicou o que deixara Poirot perplexo, o fato de a moça holandesa estar suando sob o peso da mochila.

Ele disse:

– Vi a sua amiga hoje de manhã.

– Ah, sim, Elsa, uma moça alemã, estava com ela e me disse que tentaram chegar pelo bosque ao rio e ao cais. E o cavalheiro que é dono da casa ficou muito bravo e fez as duas voltarem.

Ela completou, virando a cabeça para o lugar de onde sir George chamava os competidores a lançar cocos:

– Mas agora, nesta tarde, ele está muito educado.

Poirot pensou em explicar que havia uma diferença entre moças que invadiam uma propriedade e as mesmas moças que tinham pagado a entrada de dois xelins e seis *pence* e assim tinham direito legal de experimentar as delícias de Nasse House e

seu terreno. Mas o capitão Warburton e seu megafone desabaram em cima dele. O capitão parecia calorento e incomodado.

– Por acaso viu lady Stubbs, Poirot? Alguém viu lady Stubbs? Ela devia ser a jurada desta coisa de roupas infantis, e eu não a encontro em lugar algum.

– Eu a vi, deixe-me pensar... Ah, há cerca de meia hora. Mas daí fui saber o meu futuro.

– Maldita mulher – disse Warburton, irritado. – Aonde pode ter se enfiado? As crianças estão esperando e já estamos atrasados a esta altura.

Ele olhou ao redor de si.

– Onde está Amanda Brewis?

A srta. Brewis também não estava por ali.

– Realmente, está tudo muito ruim – disse Warburton. – Para se tocar um evento, é necessário ter cooperação. Onde Hattie pode estar? Talvez esteja dentro de casa.

Ele saiu pisando firme e rápido.

Poirot abriu caminho na direção do espaço delimitado por cordas onde estavam servindo chás embaixo de uma grande tenda, mas a fila de espera era muito grande, e ele mudou de ideia.

Inspecionou a barraca de objetos de decoração, onde uma senhora determinada por pouco não lhe vendeu uma caixa de colares de plástico, e finalmente afastou-se das barracas e foi para um lugar de onde pudesse contemplar a agitação à distância segura.

Ficou imaginando onde estaria a sra. Oliver.

Passos atrás dele fizeram com que voltasse a cabeça. Um rapaz vinha pelo caminho do ancoradouro, era um rapaz muito moreno, vestido dos pés à cabeça com roupa para navegar a bordo de um iate. Fez uma pausa, como se tivesse ficado desconcertado com a cena que via à frente.

Então, falou com Poirot, hesitante:

– Perdoe-me. Esta é a casa de sir George Stubbs?

– É, de fato. – Poirot fez uma pausa e então arriscou um palpite. – O senhor não seria por acaso o primo de lady Stubbs?

– Sou Etienne de Sousa...

– Meu nome é Hercule Poirot.

Os dois trocaram acenos de cabeça. Poirot explicou as circunstâncias da quermesse. Quando terminou, sir George estava atravessando o gramado na direção deles, vindo da barraca de arremesso de cocos.

– De Sousa? Fico encantado em vê-lo. Hattie recebeu sua carta hoje pela manhã. Onde está o seu iate?

– Está ancorado em Helmmouth. Subi o rio até aqui na minha lancha.

– Precisamos encontrar Hattie. Está em algum lugar por aqui. Janta conosco esta noite, espero?

– É muita gentileza.

– Podemos hospedá-lo?

– Isto também é muita gentileza, mas dormirei no meu iate. É mais fácil assim.

– Vai ficar muito tempo?

– Dois ou três dias, talvez. Depende. – De Sousa deu de ombros, em um gesto elegante.

– Hattie ficará deliciada, tenho certeza – disse sir George, com muita educação. – Onde ela está? Vi-a por aqui há pouco.

Olhou ao redor de si com expressão perplexa.

– Deveria estar avaliando o concurso de roupas infantis. Não compreendo. Dê-me licença um instante. Vou perguntar à srta. Brewis.

Ele saiu apressado. De Sousa ficou observando-o. Poirot olhou para De Sousa.

– Faz muito tempo que não vê sua prima? – perguntou.

O outro deu de ombros.

– Não a vejo desde que tinha quinze anos. Pouco depois, foi mandada para o exterior, para estudar em um convento na França. Quando criança, prometia ser bonita.

Olhou para Poirot com ar inquisitivo.

– Ela é uma linda mulher – Poirot respondeu.

– E aquele é o marido dela? Parece ser o que chamam de “bom camarada”, mas talvez não muito refinado? Ainda assim, para Hattie, talvez seja um pouco difícil encontrar um marido adequado.

Poirot permaneceu com expressão curiosa e educada no rosto. O outro deu risada.

– Ah, não é segredo. Aos quinze anos, Hattie não tinha se desenvolvido mentalmente. Tinha cabeça fraca, não é assim que dizem? Continua igual?

– Parece que continua, sim – Poirot respondeu com cautela. De Sousa deu de ombros.

– Ah, muito bem! Por que se deve exigir isso das mulheres? Que sejam inteligentes? Não é necessário.

Sir George tinha voltado, fumegando de raiva. A srta. Brewis estava com ele e falava, sem fôlego.

– Não faço ideia de onde ela está, sir George. Eu a vi na barraca da leitura da sorte. Mas isso faz pelo menos vinte minutos ou meia hora. Não está dentro de casa.

– Será possível que tenha ido observar o progresso da caça ao assassino da sra. Oliver? – Poirot perguntou.

O cenho de George se desanuviou.

– Deve ser isto. Vejam, não posso abandonar o evento. Tenho responsabilidades. E Amanda está atolada. Será que pode dar uma olhada por aí, Poirot? O senhor conhece o enredo.

Mas Poirot não conhecia o enredo. No entanto, uma conversa com a srta. Brewis lhe deu uma orientação superficial. A srta. Brewis rapidamente se encarregou de De Sousa, e Poirot se afastou, murmurando para si mesmo, como se fosse um mantra:

– Quadra de tênis, jardim de camélias, a Extravagância, estufa superior, casa de barcos...

Ao passar pela barraquinha de arremesso de cocos, ficou surpreso ao reparar que sir George oferecia bolas de madeira com um sorriso reluzente de boas vindas à mesma italiana que ele tinha expulsado naquela manhã e que estava claramente confusa com a mudança de atitude.

Ele tomou o rumo da quadra de tênis. Mas não havia ninguém ali além de um senhor de idade de aparência militar que dormia profundamente em um banco de jardim com o chapéu puxado por cima dos olhos. Poirot refez seus passos de volta para casa e dirigiu-se ao jardim de camélias.

Lá, Poirot encontrou a sra. Oliver vestida em esplendor roxo, sentada em um banco de jardim cabisbaixa, muito parecida com a sra. Siddons. Ela fez um sinal para que ele se sentasse ao seu lado.

– Esta é apenas a segunda pista – ela sibilou. – Acho que fiz tudo difícil demais. Ninguém apareceu por aqui ainda.

Naquele momento, um rapaz de shorts, com o pomo-de-adão proeminente, entrou no jardim. Com um gritinho de satisfação, correu até uma árvore em um canto, e um grito mais satisfeito ainda anunciou a descoberta da pista seguinte. Ao passar por eles, sentiu-se impelido a comunicar sua satisfação.

– Muita gente não conhece as árvores de rolha – ele disse, confiante. – A primeira pista era uma fotografia inteligente, mas logo percebi o que era: um pedaço de rede de tênis. Havia um frasco de veneno, vazio, e uma rolha. A maior parte das pessoas vai atrás da pista do recipiente... Achei que era uma pegadinha. As árvores de rolha são muito delicadas e raríssimas nesta parte do mundo. Eu me interesso por arbustos e árvores raras. E *agora*, para onde devo ir? É o que gostaria de saber.

Ele franziu a testa, olhando para a anotação no caderno que segurava.

– Copiei a próxima pista, mas não parece fazer sentido. – Olhou para os dois, desconfiado. – Estão competindo?

– Ah, não – a sra. Oliver disse. – Só estamos... supervisionando.

– Certo... “*Quando uma mulher adorável cai na extravagância.*” Tenho a impressão de que já ouvi isso em algum lugar.

– É uma citação muito conhecida – Poirot disse.

– Uma extravagância também pode ser uma construção – disse a sra. Oliver, tentando ajudar. – Branca... com pilastras – acrescentou.

– Esta é uma boa ideia! Muito obrigado. Dizem que a sra. Ariadne Oliver em pessoa está por aqui, em algum lugar. Gostaria de pedir o autógrafo dela. Será que a viram?

– Não – a sra. Oliver respondeu, com firmeza.

– Gostaria de conhecê-la. Escreve belos enredos. – Ele baixou a voz. – Mas dizem que bebe até cair.

Ele saiu apressado e a sra. Oliver disse, indignada:

– Realmente! Isso é muito injusto, ainda mais que só bebo limonada!

– E por acaso a senhora não acaba de cometer a maior injustiça ao ajudar aquele rapaz na direção da próxima pista?

– Levando em conta que ele foi o único que chegou aqui até agora, achei que deveria ser incentivado.

– Mas não quis lhe dar um autógrafo.

– Isso é diferente – a sra. Oliver respondeu. – Psiu! Lá vem mais alguém.

Mas não eram caçadores de pistas. Eram duas mulheres que, depois de pagar a entrada, estavam determinadas a recuperar o dinheiro gasto examinando a propriedade inteira.

Estavam irritadas e nada satisfeitas.

– Achei que teriam algumas flores bonitas aqui – disse uma à outra. – Não há nada além de árvores e mais árvores. Não é o que chamo de jardim.

A sra. Oliver cutucou Poirot com o cotovelo, e os dois se afastaram.

– Suponha – disse a sra. Oliver, distraída – que ninguém encontre o meu cadáver?

– Paciência, madame, e coragem – disse Poirot. – A tarde ainda é uma criança.

– Isso é verdade – disse a sra. Oliver, alegrando-se. – E a entrada cai pela metade depois das quatro e meia, então é provável que muita gente chegue agora. Vamos ver como a pequena Marlene está. Na verdade, não confio naquela menina, sabe? Não tem senso de responsabilidade. Eu não duvidaria se ela escapasse de fininho, em vez de ficar lá como cadáver, para tomar um chá. O senhor sabe como as pessoas são em relação ao chá delas.

Avançaram amigavelmente pelo caminho no meio do bosque, e Poirot fez comentários sobre a geografia da propriedade.

– Acho tudo muito confuso – ele disse. – Tantos caminhos, e nunca se sabe onde vão dar. E árvores, árvores por todos os lados.

– O senhor parece aquela mulher decepcionada que acabamos de deixar para trás.

Passaram pela Extravagância e ziguezaguearam pelo caminho que levava até o rio. Os contornos da casa de barcos apareceram lá embaixo.

Poirot observou que seria uma lástima se os caçadores de assassino fossem até a casa de barcos sem querer e encontrassem o corpo por acaso.

– Uma espécie de atalho? Pensei nisso. É por isso que a última pista é só uma chave. Não se pode abrir a porta sem ela. É uma fechadura Yale. Só pode ser aberta por dentro.

Uma encosta curta e íngreme levava até a porta da casa de barcos, que era construída por cima do rio, com um pequeno píer e um local coberto para guardar barcos. A sra. Oliver tirou uma chave de um bolso escondido entre as dobras de tecido roxo e abriu a porta.

– Viemos aqui só para animá-la, Marlene – ela disse toda contente ao entrar.

Sentiu um leve remorso pelas suspeitas injustas em relação à lealdade de Marlene, já que a menina, em posição artística de “cadáver”, fazia seu papel com nobreza, esparramada no chão perto da janela.

Marlene não respondeu. Ficou lá deitada, bastante imóvel. O vento suave que entrava pela janela aberta fez farfalhar uma pilha de gibis espalhados na mesa.

– Está tudo bem – disse a sra. Oliver, impaciente. – Somos apenas eu e monsieur Poirot. Ninguém chegou nem perto daqui com as pistas por enquanto.

Poirot estava com a testa franzida. Com muita gentileza, puxou a sra. Oliver de lado, aproximou-se e se debruçou por cima da menina no chão. Uma exclamação abafada saiu de seus lábios. Ergueu os olhos para a sra. Oliver.

– Então... – ele disse. – O que a senhora achava que aconteceria aconteceu.

– Não está dizendo... – Os olhos da sra. Oliver se arregalaram de pavor. Ela puxou uma cadeira de palha e se sentou. – Não pode estar dizendo... Ela não está *morta*, está?

Poirot assentiu.

– Ah, sim – ele disse. – Está morta. Mas não faz muito tempo.

– Mas como...?

Ele ergueu a beirada do lenço alegre amarrado na cabeça da menina para que a sra. Oliver pudesse ver as pontas da corda de varal.

– Igualzinho ao meu assassinato – disse a sra. Oliver, descontrolada. – Mas quem? E como?

– Esta é a questão – disse Poirot.

Omitiu-se de observar que essas também tinham sido as questões dela.

E que as respostas não podiam ser as dela, porque a vítima não era a primeira esposa iugoslava de um cientista atômico, mas sim Marlene Tucker, uma menina de catorze anos do vilarejo que, até onde se sabia, não tinha nenhum inimigo neste mundo.

CAPÍTULO 7

O detetive-inspetor Bland acomodou-se atrás de uma mesa no escritório. Sir George o tinha recebido ao chegar, levava-o até a casa de barcos e agora retornara com ele à casa principal. Na casa de barcos, uma unidade fotográfica trabalhava, e os homens responsáveis por colher digitais e o representante médico tinham acabado de chegar.

– Aqui está bom para o senhor? – sir George perguntou.

– Está ótimo, muito obrigado.

– O que devo fazer em relação à quermesse em andamento?

Devo dizer o que está acontecendo, mandar parar ou o quê?

O inspetor Bland refletiu por um momento ou dois.

– Que providências tomou até agora, sir George? – perguntou.

– Eu não disse nada. Há uma espécie de ideia circulando de que houve um acidente. Nada mais do que isso. Acho que ninguém desconfia de que seja... hum... bom, um assassinato.

– Então deixe as coisas como estão por enquanto – Bland decidiu. – A notícia vai correr bem rápido, ousou dizer – completou, cínico. Refletiu novamente por um momento ou dois e perguntou: – Quantas pessoas o senhor avalia que estejam por aqui?

– Umas duzentas, eu diria – respondeu sir George –, mas não para de chegar gente. Parece que vieram de longe na região. Aliás, a coisa toda foi um sucesso estrondoso. Que infelicidade maldita.

O inspetor Bland concluiu corretamente que sir George estava falando do assassinato, e não do sucesso da quermesse.

– Umas duzentas pessoas – ele refletiu. – E suponho que qualquer uma delas pode ter feito isso.

Ele suspirou.

– É complicado – sir George disse, solidário. – Mas não vejo razão para alguma dessas pessoas ter feito isso. A coisa toda me

parece bastante fantástica... Não sei quem sairia por aí matando uma menina como aquela.

– O que pode me dizer sobre a menina? Ela era da região, pelo que eu soube, não?

– Era, sim. A família dela mora em uma das casinhas próximas ao ancoradouro. O pai dela trabalha em um dos sítios da região... O dos Paterson, acredito. – Ele completou: – A mãe está aqui na quermesse nesta tarde. A srta. Brewis, minha secretária, que vai poder explicar tudo bem melhor do que eu, tirou a mulher de lado, levou-a para algum lugar e está lhe servindo xícaras de chá.

– Muito bem – disse o inspetor, em tom de aprovação. – Ainda não ficou muito claro para mim, sir George, quais foram as circunstâncias de tudo isto. O que a menina estava fazendo lá na casa de barcos? Compreendo que há uma espécie de caça ao assassino ou caça ao tesouro em andamento.

Sir George assentiu.

– Sim. Achamos que essa foi uma ideia bastante inteligente. Agora já não parece assim tão interessante. Acredito que a srta. Brewis provavelmente seja capaz de explicar tudo ao senhor muito melhor do que eu. Eu a mandarei falar com o senhor, pode ser? A menos que haja alguma outra coisa que queira saber antes.

– Não neste momento, sir George. Pode ser que eu tenha mais perguntas a fazer mais tarde. Há pessoas com quem vou querer falar. O senhor, e lady Stubbs, e as pessoas que encontraram o corpo. Uma delas, pelo que entendi, é a escritora que criou a caça ao assassino, como está sendo chamada.

– Está correto. É a sra. Oliver. A sra. Ariadne Oliver.

As sobranceiras do inspetor se ergueram um pouco.

– Ah... ela! – ele disse. – É uma autora de muito sucesso. Eu mesmo já li vários de seus livros.

– Ela está um pouco aborrecida no momento – disse sir George. – É natural, suponho. Vou dizer a ela que o senhor a espera, está bem? Não sei onde minha esposa está. Parece ter desaparecido completamente de vista. Deve estar em algum lugar entre as duzentas ou trezentas pessoas, suponho... Não que ela vá

poder dizer muita coisa ao senhor. Digo em relação à menina ou algo do gênero. Com quem gostaria de falar primeiro?

– Acho que talvez com a sua secretária, a srta. Brewis, e depois com a mãe da menina.

Sir George assentiu e saiu da sala.

O delegado de polícia local, Robert Hoskins, abriu a porta para ele e a fechou atrás de si. Então fez um comentário, obviamente com a intenção de completar algumas das observações de sir George.

– Lady Stubbs é um tanto prejudicada aqui – disse, dando tapinhas na testa. – Foi por isso que ele disse que ela não poderia ajudar muito. É avoadada, é isso.

– Ele se casou com uma moça da região?

– Não. É algum tipo de estrangeira. De cor, de acordo com algumas pessoas, mas não é o que penso.

Bland assentiu. Ficou em silêncio por um instante, rabiscando uma folha de papel a sua frente com um lápis. Então fez uma pergunta que claramente não deveria ficar registrada nos autos.

– Quem foi o responsável, Hoskins?

Se alguém tinha alguma ideia do que estava acontecendo, Bland pensou, seria o delegado Hoskins. Hoskins era um homem de mente curiosa com grande interesse por tudo e por todo mundo. Sua mulher era fofqueira e isso, combinado a sua posição como delegado local, fornecia-lhe grandes quantidades de informações de natureza pessoal.

– Um estrangeiro, se quer saber a minha opinião. Ninguém aqui da região faria isso. A família Tucker é boa, simpática e respeitável. No total, são nove. Duas das moças mais velhas são casadas, um rapaz está na Marinha, o outro, no Serviço Nacional, outra moça trabalha no cabeleireiro em Torquay. Três filhos mais novos ficam em casa, dois meninos e uma menina. – Ele fez uma pausa para reflexão. – Nenhum deles é o que se pode chamar de inteligente, mas a sra. Tucker cuida bem da casa, que está sempre tinindo de limpa... Era a mais nova de onze. O pai dela, já de bastante idade, mora com eles.

Bland recebeu as informações em silêncio. Descrito à maneira própria de Hoskins, aquele era o contorno da posição e da situação social dos Tucker.

– É por isso que digo que foi um estrangeiro – Hoskins prosseguiu. – É bem provável que seja um daqueles que se hospedam no albergue de Hoodown. Há alguns bem estranhos entre eles... E acontece muita coisa por lá. O senhor ficaria surpreso de saber o que vi essas pessoas fazendo nos arbustos e no bosque! Exatamente tão ruim como o que acontece nos carros estacionados ao longo do parque.

A essa altura, o delegado Hoskins era especialista absoluto no assunto dos “acontecimentos” sexuais. Eles correspondiam a grande parte de suas conversas fora do expediente, enquanto tomava seu chope no Bull and Bear. Bland disse:

– Não acredito que tenha sido nada, bom, desse tipo. O médico nos dirá, é claro, assim que terminar o exame.

– Sim, vai ficar por conta dele, vai sim. Mas o que estou dizendo é que nunca se sabe sobre os estrangeiros. Em um instante, são capazes de virar uns monstros.

O inspetor Bland suspirou e pensou com seus botões que não era tão fácil assim. Estava muito bem para o delegado Hoskins colocar a culpa, de modo conveniente, nos “estrangeiros”. A porta se abriu, e o médico entrou.

– Minha parte está feita – ele observou. – Posso levá-la agora? As outras unidades também já terminaram.

– O sargento Cottrill cuida disso – disse Bland. – Bom, doutor, o que descobriu?

– A coisa é tão simples e direta quanto pode ser – o médico respondeu. – Nenhuma complicação. Foi estrangulada com um pedaço de corda de varal. Nada poderia ser mais simples ou mais fácil de fazer. Não houve nenhum tipo de luta antes do acontecido. Eu diria que a garota não percebeu o que estava acontecendo com ela antes de já ter acontecido.

– Algum sinal de violência?

– Nenhum. Nada de violência, nenhum indício de estupro, nem de alguma interferência de qualquer tipo.

– Então se supõe que não tenha sido crime sexual?
– Eu diria que não. – O médico completou: – Não diria que fosse uma garota especialmente bonita.

– Ela gostava de rapazes?

Bland dirigiu a pergunta ao delegado Hoskins.

– Eu não diria que eles viam muita utilidade nela – respondeu o delegado Hoskins. – Mas talvez ela tivesse gostado se eles vissem.

– Talvez – concordou Bland. A mente dele retornou à pilha de gibis na casa de barcos e aos rabiscos aleatórios nas margens. “Johnny fica com Kate”, “Georgie Porgie beija moças que passeiam no bosque”. Ele achou que ali havia um certo pensamento positivo. Mas, de modo geral, parecia improvável haver um ângulo sexual na morte de Marlene Tucker. Só que, é claro, nunca se sabe... Sempre podia haver algum indivíduo criminoso peculiar, um homem com um desejo secreto de matar, especializado em vítimas femininas imaturas. Um homem assim poderia estar nesta parte do mundo nesta temporada de férias. Ele quase acreditou que *deveria* ser assim; se não, que razão haveria para um crime tão sem motivo como esse? No entanto – ele pensou – estamos apenas no começo, é melhor ver o que toda essa gente tem a dizer.

– O que pode dizer sobre o horário da morte? – perguntou.

O médico olhou para o relógio da sala e depois para o seu.

– Agora passa um pouco das cinco e meia – ele respondeu. – Digamos que eu a tenha examinado às cinco e vinte... Ela estava morta havia mais ou menos uma hora. A grosso modo, quer dizer. Entre quatro horas e vinte para as cinco. Informarei ao senhor se houver mais alguma informação depois da autópsia. – E completou: – O senhor receberá o relatório adequado com as palavras compridas a seu tempo. Agora, vou me retirar. Tenho alguns pacientes para visitar.

Ele saiu da sala, e o inspetor Bland pediu a Hoskins que fosse chamar a srta. Brewis. Seu humor melhorou um pouco quando a srta. Brewis entrou na sala. Reconheceu no mesmo instante que aquilo era eficiência. Ele obteria respostas claras a suas perguntas, horários bem definidos e nada de confusão mental.

– A sra. Tucker está na minha sala de estar – a srta. Brewis disse ao se sentar. – Dei a notícia a ela e lhe ofereci um pouco de chá. Está muito abalada, naturalmente. Queria ver o corpo, mas disse a ela que seria bem melhor não ver. O sr. Tucker sairia do trabalho às seis e viria para cá se juntar à esposa. Avisei para que o procurem e o tragam para cá quando chegar. As crianças menores ainda estão na quermesse, e há uma pessoa de olho nelas.

– Excelente – disse o inspetor Bland, em tom de aprovação. – Acho que, antes de falar com a sra. Tucker, gostaria de ouvir o que a senhorita e lady Stubbs podem me dizer.

– Não sei onde lady Stubbs está – a srta. Brewis disse, ácida. – Imagino que tenha se entediado com a quermesse e fugido para algum lugar, mas não imagino que ela possa fornecer qualquer informação a mais do que eu. O que o senhor deseja saber, exatamente?

– Primeiro, quero saber todos os detalhes desta caça ao assassino e como essa menina, Marlene Tucker, passou a fazer parte dela.

– Isso é bem fácil.

De maneira sucinta e clara, a srta. Brewis explicou a ideia da caça ao assassino como atração original para a quermesse, a contratação da sra. Oliver, a escritora famosa, para providenciar a atividade, e fez um resumo do enredo.

– Originalmente – a srta. Brewis explicou –, a sra. Alec Legge iria fazer o papel de vítima.

– A sra. Alec Legge? – questionou o inspetor.

O delegado Hoskins adiantou-se em explicar.

– Ela e o sr. Legge estão na casinha dos Lawder, aquela cor-de-rosa, perto de Mill Creek. Chegaram aqui há um mês, foi. Alugaram por uns dois ou três meses.

– Compreendo. E a sra. Legge, a senhorita ia dizendo, seria a vítima original? Por que não foi?

– Bom, certa noite, a sra. Legge leu o futuro de todos nós e se saiu tão bem que decidimos colocar uma barraquinha de vidente como uma das atrações, e a sra. Legge devia usar um vestido oriental, ser Madame Zuleika e ler o futuro por meia coroa por

pessoa. Acredito que isso não seja verdadeiramente ilegal, não é, inspetor? Quer dizer, é comum neste tipo de evento, não?

O inspetor Bland deu um sorriso ténue.

– Previsões do futuro e rifas nem sempre são levados a sério, srta. Brewis – ele disse. – De vez em quando precisamos... hum... dar o exemplo.

– Mas os senhores costumam ser diplomáticos, não? Bom, foi o que aconteceu. A srta. Legge concordou em nos ajudar, de modo que precisamos encontrar outra pessoa para ser o corpo. Os guias locais iriam nos ajudar com a quermesse, e acho que alguém sugeriu que um deles seria bastante adequado.

– Exatamente quem fez essa sugestão, srta. Brewis?

– Para falar a verdade, não sei bem... Acho que pode ter sido a srta. Masterton, a esposa do parlamentar. Não, talvez tenha sido o capitão Warburton... Na verdade, não tenho certeza. Mas, de todo modo, a sugestão foi feita.

– Há alguma razão por que esta menina específica foi escolhida?

– Não, acredito que não. A família dela é inquilina da propriedade, e a mãe dela, a srta. Tucker, às vezes ajuda na cozinha. Não sei bem por que nos decidimos por ela. É provável que o nome dela tenha sido citado primeiro. Perguntamos se gostaria de participar, e parece que ela ficou bem contente com o convite.

– Ela quis participar, com toda a certeza?

– Ah, sim, acho que ficou lisonjeada. Era uma menina meio bobona – a srta. Brewis prosseguiu. – Não teria condições de representar um papel nem nada do tipo. Mas era tudo muito simples, e ela achou que iria se destacar em relação às demais e ficou muito contente.

– O que exatamente ela tinha de fazer?

– Ela tinha de ficar na casa de barcos. Quando ouvisse alguém se aproximando da porta, tinha de se deitar no chão, colocar a corda ao redor do pescoço e se fingir de morta. – O tom da srta. Brewis era calmo e profissional. O fato de a menina que devia se fingir de morta ter sido realmente encontrada morta não parecia afetá-la emocionalmente no momento.

– É uma maneira bastante tediosa para uma menina passar a tarde, quando poderia estar na quermesse – o inspetor Bland sugeriu.

– Suponho que sim, de certo modo – disse a srta. Brewis. – Mas não se pode ter tudo, não é mesmo? E Marlene de fato gostou da ideia de ser o corpo; fez com que se sentisse importante. Ela tinha uma pilha de jornais e outras coisas para se ocupar.

– Tinha também algo para comer? – o inspetor perguntou. – Reparei que havia lá uma bandeja com um prato e um copo.

– Ah, sim, ela tinha um prato grande de bolos doces e um refresco de groselha. Eu mesma levei.

Bland ergueu os olhos de supetão.

– A senhorita levou? Quando?

– Mais ou menos no meio da tarde.

– Em que horário, exatamente? Consegue se lembrar?

A srta. Brewis refletiu por um instante.

– Deixe-me ver. Houve o julgamento das roupas infantis, que atrasou um pouco... Não conseguimos encontrar lady Stubbs, mas a sra. Folliat tomou o lugar dela, então deu tudo certo... Sim, deve ter sido, tenho quase certeza, mais ou menos quatro e cinco quando peguei os bolos e o refresco de fruta.

– E a senhorita levou tudo até a casa de barcos pessoalmente. A que horas chegou lá?

– Ah, demora cerca de cinco minutos para descer até a casa de barcos... Lá pelas quatro e quinze, acredito.

– E às quatro e quinze Marlene Tucker estava viva e bem?

– Estava, é claro – respondeu a srta. Brewis. – E também muito ansiosa para saber como os participantes estavam avançando na caça ao assassino. Não pude lhe dar essa informação. Fiquei muito ocupada com as outras atrações no gramado, só soube que muita gente tinha se inscrito. Que eu saiba, umas vinte ou trinta pessoas. Provavelmente deve ter tido mais.

– Como estava Marlene quando a senhorita chegou à casa de barcos?

– Acabei de lhe dizer.

– Não, não, não é disso que estou falando. Quero saber se ela estava no chão se fingindo de morta quando a senhorita abriu a porta.

– Ah, não – respondeu a srta. Brewis. – Porque eu avisei que tinha chegado antes de entrar. De modo que ela abriu a porta e eu levei a bandeja para dentro e a coloquei na mesa.

– Às quatro e quinze – disse Bland, anotando a informação – Marlene Tucker estava viva e bem. Vai compreender, tenho certeza, srta. Brewis, que este ponto é muito importante. Está segura dos horários?

– Não posso dizer que tenho certeza exatamente, porque não olhei no relógio, mas tinha olhado um pouco antes e isso é o mais próximo que posso chegar. – Ela completou, ao perceber de repente o que o inspetor queria dizer: – O senhor está dizendo que foi um pouco depois...?

– Não pode ter sido muito depois, srta. Brewis.

– Ah, nossa – disse a srta. Brewis.

Foi uma expressão bastante inadequada, mas, mesmo assim, transmitiu muito bem a aflição e a preocupação da srta. Brewis.

– Então, srta. Brewis, quando desceu até a casa de barcos e depois, quando retornou à casa principal, encontrou-se com alguém ou viu alguma pessoa perto da casa de barcos?

A srta. Brewis pensou um pouco.

– Não – respondeu. – Não vi ninguém. Poderia ter visto, é claro, porque a propriedade está aberta a todos nesta tarde. Mas, em geral, a tendência das pessoas foi ficar pelo gramado, visitando as outras atrações e tudo o mais. Queriam visitar as hortas e as estufas, mas não passearam pelos bosques tanto quanto achei que passeariam. Nesse tipo de evento, a tendência das pessoas é ficar sempre juntas, o senhor não concorda, inspetor?

O inspetor disse que provavelmente era assim.

– Mas acho que havia alguém na Extravagância – a srta. Brewis disse, quando se lembrou de algo de repente.

– Extravagância?

– Sim. É uma espécie de pequeno templo. Foi construído há apenas um ou dois anos. Fica à direita do caminho que leva até a

casa de barcos. Tinha alguém lá. Um casal de namorados, desconfio. Alguém estava dando risada, e a outra pessoa disse “Psiu”.

– A senhorita não sabe quem era esse casal de namorados?

– Não faço ideia. Não dá pra ver a frente da Extravagância do caminho. As laterais e a parte de trás são fechadas.

O inspetor refletiu por um momento ou dois, mas não lhe pareceu provável que o casal da Extravagância, seja lá quem fosse, tivesse importância. Talvez fosse melhor descobrir quem eram essas pessoas, porque era possível que elas, por sua vez, tivessem visto alguém indo para a casa de barcos ou voltando de lá.

– E não havia mais ninguém no caminho? Ninguém mesmo? – ele insistiu.

– Percebo onde o senhor quer chegar, é claro – disse a srta. Brewis. – Só posso lhe garantir que não vi ninguém. Mas, bom, veja bem, não precisaria ter visto. Quer dizer, se houvesse alguém no caminho que não quisesse ser visto por mim, seria a coisa mais simples do mundo esconder-se atrás de um arbusto de azaleia. O caminho é ladeado de moitas e arbustos de azaleia. Se alguém que não devia estar lá ouvisse outra pessoa se aproximar pelo caminho, poderia sumir de vista em um instante.

O inspetor passou para outra linha de questionamento.

– Há algo que a senhorita sabe sobre essa menina que possa nos ajudar? – ele perguntou.

– Realmente, não sei nada sobre ela – disse a srta. Brewis. – Acho que nunca tinha falado com ela antes deste evento. É uma das meninas que já vi por aí... Conheço-a de vista, mas é só.

– E não sabe nada *sobre* ela... Nada que possa ser útil?

– Não conheço nenhuma razão por que alguém desejaria matá-la – disse a srta. Brewis. – Aliás, parece-me bastante impossível uma coisa dessas ter acontecido, se é que me entende. Só posso imaginar que, para uma mente desequilibrada, o fato de que ela seria a vítima assassinada tenha induzido ao desejo de transformá-la em vítima verdadeira. Mas até isso me parece muito improvável e tolo.

Bland suspirou.

– Ah, bom – ele disse. – Suponho que agora seja melhor eu ir falar com a mãe.

A sra. Tucker era uma mulher magra, de rosto anguloso, com cabelo loiro escorrido e nariz pontudo. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, mas ela agora estava controlada e pronta para responder às perguntas do inspetor.

– Não me parece certo que uma coisa dessas aconteça – ela disse. – A gente lê sobre essas coisas no jornal, mas acontecer com a nossa Marlene...

– Sinto muito, muitíssimo por isso – disse o inspetor Bland, com gentileza. – Quero que a senhora pense bem e me diga se há alguém com algum motivo para prejudicar a menina.

– Já andei pensando sobre isso – a sra. Tucker respondeu, com uma fungada repentina. – Pensei e pensei, foi sim, mas não cheguei a lugar algum. De vez em quando Marlene discutia com a professora na escola, e às vezes brigava com alguma menina ou algum menino, mas nada muito sério, de jeito nenhum. Não há ninguém que realmente tivesse alguma coisa contra ela, ninguém que pudesse lhe fazer mal.

– Ela nunca falou para a senhora de alguém que pudesse ser inimigo dela, de qualquer tipo?

– Ela vivia falando bobagem, a Marlene, mas nada desse tipo. Era só maquiagem e penteado, e o que ela queria fazer com o rosto e com o corpo. O senhor sabe como as meninas são. Era nova demais para usar batom e aquelas coisas todas, e foi o que o pai dela disse, e eu também. Mas era o que ela fazia sempre que arranjava algum dinheiro. Comprava perfume e batom e escondia tudo.

Bland assentiu. Não havia nada ali que pudesse ajudá-lo. Uma adolescente, uma menina bem boba, com a cabeça cheia de atores de cinema e glamour... Existiam centenas de Marlenes por aí.

– Não sei o que o pai dela vai dizer – disse a sra. Tucker. – Chega a qualquer minuto, é sim, pronto para se divertir. Ele é bom no lançamento de cocos, é sim.

De repente, ela desmoronou e começou a soluçar.

– Se quer saber a minha opinião, foi um desses estrangeiros nojentos lá do albergue. Nunca se sabe qual é o comportamento desses estrangeiros. Por mais que falem bonito, o senhor não acreditaria nas camisas que alguns deles usam. Camisas com moças com aqueles biquínis, como dizem. E todos tomando sol aqui e ali sem camisa... Isso só causa problema. É o que eu digo!

Sem parar de chorar, a sra. Tucker foi acompanhada para fora da sala pelo delegado Hoskins. Bland refletiu que o veredicto local parecia ser o costume confortável e provavelmente antiquíssimo de atribuir qualquer acontecimento trágico a estrangeiros genéricos.

CAPÍTULO 8

– Que língua afiada ela tem – disse Hoskins ao retornar. – Reclama do marido e incomoda o pai idoso. Ouso dizer que foi ríspida demais com a menina uma ou duas vezes e agora está se sentindo mal por causa disso. Não que as meninas se incomodem com o que a mãe lhes diz. Escorre como água das costas de um pato.

O inspetor Bland cortou essas reflexões generalizadas e disse a Hoskins que fosse buscar a sra. Oliver.

O inspetor ficou levemente surpreso ao ver a sra. Oliver. Não esperava nada tão volumoso, tão roxo nem em tal estado de descontrole.

– Eu me sinto péssima – disse a sra. Oliver, afundando-se na cadeira à frente dele como um manjar roxo. – PÉSSIMA – ela completou, claramente em letras maiúsculas.

O inspetor soltou alguns sons ambíguos, e a sra. Oliver prosseguiu.

– Afinal, veja bem, é o *meu* assassinato. Eu sou a responsável!

Por um instante de surpresa, o inspetor Bland ficou achando que a sra. Oliver estava se acusando do crime.

– Por que fiz com que a esposa iugoslava do cientista atômico fosse a vítima, não posso imaginar – disse a sra. Oliver, passando as mãos pelo penteado complicado em gestos frenéticos, com o resultado de que parecia levemente bêbada. – Foi uma burrice absoluta da minha parte. Poderia muito bem ter sido o segundo jardineiro, que não seria o que parecia ser, e isso não teria nem metade da importância porque, afinal de contas, a maior parte dos homens sabe cuidar de si mesmo. Se não sabem cuidar de si mesmos, deveriam saber, e nesse caso eu não teria me importado tanto. Homens são assassinados e ninguém se importa... Quer dizer, ninguém além da esposa e dos filhos e coisas assim.

A essa altura, o inspetor começou a alimentar desconfianças nada honrosas a respeito da sra. Oliver. A ideia foi auxiliada pelo leve cheiro de álcool que vinha em sua direção. Ao retornarem à casa principal, Hercule Poirot tinha ministrado com firmeza o remédio máximo contra choques à amiga.

– Não sou louca e não estou bêbada – disse a sra. Oliver, adivinhando os pensamentos dele por intuição.– Mas ousou dizer que, com aquele homem achando que bebo até cair e dizendo que todo mundo acha a mesma coisa, provavelmente é o que o senhor está pensando.

– Que homem? – quis saber o inspetor, desviando a mente da introdução inesperada do segundo jardineiro no drama para a introdução ainda de um homem não-especificado.

– Tinha sardas e sotaque do Yorkshire – a sra. Oliver respondeu. – Mas, como disse, não estou bêbada e não sou louca. Só estou perturbada. Absolutamente PERTURBADA – ela repetiu, mais uma vez recorrendo às letras maiúsculas.

– Tenho certeza, madame, de que deve ter sido muito desconcertante – disse o inspetor.

– O mais horrível é que ela *queria* ser vítima de um maníaco sexual – disse a sra. Oliver. – E agora ela foi... É... Que tempo verbal devo usar?

– Não foi um crime cometido por maníaco sexual – disse o inspetor.

– Não foi? – perguntou a sra. Oliver. – Bom, graças a Deus por isso. Ou, pelo menos, não sei. Talvez ela tivesse preferido que fosse assim. Mas se não foi um maníaco sexual, por que a mataram, inspetor?

– Eu estava torcendo para que a senhora pudesse me ajudar nesta questão.

Sem dúvida, ele pensou, a sra. Oliver tinha colocado o dedo no ponto fundamental. Por que alguém assassinaria Marlene?

– Não posso ajudá-lo – disse a sra. Oliver. – Não posso imaginar quem possa ter feito isso. Pelo menos, é claro, posso *imaginar*... Posso imaginar qualquer coisa! Esse é o meu problema. Posso imaginar coisas agora, neste minuto. Posso até fazer com

que soem adequadas, mas é claro que nenhuma delas seria verdade. Quer dizer, ela pode ter sido morta por alguém que simplesmente gosta de atacar meninas, mas isso é fácil demais... E, de todo modo, é coincidência demais haver alguém nesta quermesse querendo matar uma menina. E como esse homem poderia saber que Marlene estava na casa de barcos? Ou ela podia saber algum segredo sobre os casos amorosos de alguém, ou pode ter visto alguém enterrar um corpo no meio da noite, ou pode ter reconhecido alguém que estava escondendo sua identidade... Ou talvez soubesse algum segredo a respeito de onde um tesouro foi enterrado durante a guerra. Ou o homem da lancha pode ter jogado alguém no rio e ela viu da janela da casa de barcos... Ou ela pode até ter se apoderado de alguma mensagem muito importante em código secreto sem nem saber o que era.

– Por favor! – o inspetor ergueu a mão. A cabeça dele girava.

A sra. Oliver parou, obediente. Ficou claro que poderia continuar nessa toada durante algum tempo, apesar de parecer ao inspetor que já tinha levantado todas as possibilidades, prováveis ou não. De todo o rico material que lhe fora apresentado, ele ficou com uma frase na cabeça.

– O que a senhora quis dizer quando falou do “homem da lancha”? Está apenas imaginando um homem em uma lancha?

– Alguém me disse que ele viria de lancha – disse a sra. Oliver.

– Não me lembro quem. Aquele sobre quem estávamos falando no café da manhã, quero dizer – ela completou.

– Por favor – o tom do inspetor agora era de súplica. Antes disso, ele não fazia ideia de como eram os escritores de histórias de detetive. Sabia que a sra. Oliver tinha escrito quarenta e poucos livros. Naquele momento, parecia-lhe surpreendente o fato de não ter escrito 140. Soltou uma pergunta peremptória. – Que história é essa de um homem no café da manhã que veio de lancha?

– Ele não chegou de lancha na hora do café da manhã – a sra. Oliver disse. – Era um iate. Pelo menos, não estou dizendo que foi isso exatamente. Foi uma carta.

– Bom, e o que foi? – Bland inquiriu. – Um iate ou uma carta?

– Foi uma carta – a sra. Oliver respondeu. – Para lady Stubbs. De um primo em um iate. E ela ficou com medo – ela concluiu.

– Com medo? De quê?

– Dele, suponho – respondeu a sra. Oliver. – Qualquer um poderia perceber. Ela ficou apavorada com o homem, e não queria que ele viesse, e acho que é por isso que está escondida agora.

– Escondida? – perguntou o inspetor.

– Bom, ela não está por aqui – a sra. Oliver respondeu. – Está todo mundo procurando por ela. E *eu* acho que ela está escondida porque tem medo dele e não quer vê-lo.

– Quem é este homem? – o inspetor quis saber.

– É melhor perguntar a monsieur Poirot – a sra. Oliver respondeu. – Porque ele conversou com o homem e eu, não. O nome dele é Estaban... não, não é, esse era do meu enredo. De Sousa, este é o nome dele. Etienne de Sousa.

Mas outro nome tinha chamado a atenção do inspetor.

– Quem a senhora mencionou? – ele perguntou. – O sr. Poirot?

– É. Hercule Poirot. Ele estava comigo quando encontramos o corpo.

– Hercule Poirot... Estou aqui imaginando. Será que é o mesmo homem? Um belga, um homem baixinho com um bigodão?

– Um bigode enorme – concordou a sra. Oliver. – É. O senhor o conhece?

– Já faz muitos anos desde que estive com ele. Eu era um jovem sargento na época.

– O senhor o conheceu em um caso de assassinato?

– Sim, foi isso mesmo. O que ele está fazendo aqui?

– Ele entregaria os prêmios – a sra. Oliver explicou. Ela hesitou por um momento antes de dar a resposta, mas o fato passou despercebido ao inspetor.

– E ele estava com a senhora quando o corpo foi descoberto – disse Bland. – Hum, eu gostaria de falar com ele.

– Quer que eu o chame para o senhor? – a sra. Oliver apertou seus panos roxos, cheia de expectativa.

– A senhora não tem mais nenhuma contribuição a fazer? Nada mais que possa nos ajudar de algum modo?

– Acho que não – a sra. Oliver respondeu. – Não sei de nada. Como já disse, posso imaginar razões...

O inspetor a interrompeu. Ele não tinha desejo algum de escutar outras soluções imaginadas pela sra. Oliver. Eram confusas demais.

– Muito obrigado, madame – ele se apressou em dizer. – Se puder pedir a monsieur Poirot que venha até aqui conversar comigo, ficarei muito agradecido.

A sra. Oliver saiu da sala. O delegado Hoskins perguntou, cheio de interesse:

– Quem é esse tal de monsieur Poirot, senhor?

– Acho que a melhor maneira de descrevê-lo é como um homem berrante – o inspetor Bland respondeu. – É como se fosse uma paródia de teatro de revista de um francês, mas ele na verdade é belga. E, apesar da aparência absurda, é inteligentíssimo. Deve estar bem avançado em anos a esta altura.

– E esse tal De Sousa? – perguntou o delegado. – O senhor acredita que ele tenha algum envolvimento?

O inspetor Bland não escutou a pergunta. Se deu conta de um fato que, apesar de lhe ter sido repetido diversas vezes, só agora começava a registrar.

Primeiro, tinha sido sir George, irritado e preocupado. “Parece que a minha esposa desapareceu. Não sei onde ela se enfiou.” Depois, a srta. Brewis, desdenhosa: “Ninguém encontrou lady Stubbs. Ela se entediou com o evento”. E agora a sra. Oliver, com sua teoria de que lady Stubbs estava escondida.

– Hã? O quê? – perguntou, sem prestar atenção.

O delegado Hoskins limpou a garganta.

– Eu estava perguntando ao senhor se acha que esse tal De Sousa está envolvido... Seja lá quem for.

O delegado Hoskins estava claramente deliciado de ter um estrangeiro específico introduzido no caso em vez de estrangeiros em massa. Mas a mente do inspetor Bland se encaminhava por outra direção.

– Quero falar com lady Stubbs – ele disse, sucinto. – Encontre-a para mim. Se não estiver à vista, procure.

Hoskins assumiu uma expressão um tanto confusa, mas deixou a sala com obediência. À saída, fez uma pausa e recuou um pouco para permitir que Hercule Poirot entrasse. Olhou por cima do ombro com certo interesse antes de fechar a porta atrás de si.

– Acredito que o senhor não se lembre de mim, monsieur Poirot
– Bland disse, estendendo a mão.

– Mas tenha certeza que sim – Poirot respondeu. – O senhor é... Dê-me um momento, só um momentinho. É o jovem sargento... Sim, sargento Bland, que conheci há catorze... Não, quinze anos.

– Está bem certo. Mas que memória!

– De modo algum. Se o senhor se lembra de mim, por que eu não me lembraria do senhor?

Seria difícil, Bland pensou, esquecer Hercule Poirot, e não apenas por motivos elogiosos.

– Então, aqui está, monsieur Poirot – ele disse. – Mais uma vez auxiliando em um assassinato.

– Tem razão – disse Poirot. – Fui chamado aqui para auxiliar.

– Foi chamado para auxiliar? – Bland pareceu confuso.

Poirot apressou-se em explicar:

– Quer dizer, fui chamado aqui para distribuir os prêmios da caça ao assassino.

– Foi o que a sra. Oliver me disse.

– Ela não lhe disse mais nada? – Poirot perguntou, com descuido aparente. Estava ansioso para descobrir se a sra. Oliver tinha dado ao inspetor alguma indicação dos reais motivos por que insistira para que Poirot viajasse a Devon.

– Não disse mais nada? Ela não parou de falar um segundo. Descreveu todos os motivos possíveis e impossíveis para o assassinato da menina. Deixou a minha cabeça rodando. Ufa! Que imaginação!

– Ela ganha a vida com a imaginação, *mon ami* – Poirot respondeu, seco.

– Ela mencionou um homem chamado De Sousa... Saiu da imaginação dela?

– Não, esse é um fato concreto.

– Disse alguma coisa sobre uma carta no café da manhã e um iate e subir o rio em uma lancha. Achei a história totalmente sem pé nem cabeça.

Poirot deu início a uma explicação. Descreveu a cena à mesa do café da manhã, a carta, a dor de cabeça de lady Stubbs.

– A sra. Oliver disse que lady Stubbs estava com medo. O senhor também acha que ela ficou temerosa?

– Essa foi a impressão que ela me passou.

– Estava com medo desse primo dela? Por quê?

Poirot deu de ombros.

– Não faço ideia. Ela só me disse que o homem era perverso, muito perverso. Compreenda, ela é um pouco simplória. Abaixo do normal.

– Sim, essa parece ser uma informação bastante generalizada por aqui. Ela não disse por que tinha medo desse De Sousa?

– Não.

– Mas acha que o medo dela era verdadeiro?

– Se não era, então ela é uma ótima atriz – Poirot respondeu, seco.

– Estou começando a ter algumas ideias estranhas sobre este caso – disse Bland. Ele se levantou e caminhou irrequieto de um lado para o outro. – É culpa daquela maldita mulher, creio.

– A sra. Oliver?

– É. Ela enfiou um monte de ideias melodramáticas na minha cabeça.

– E o senhor acha que podem ser verdadeiras?

– Não todas, naturalmente, mas uma ou duas talvez não sejam tão insanas como parecem. Tudo depende...

Ele se interrompeu quando a porta se abriu para a reentrada do delegado Hoskins.

– Não consigo encontrar a lady, senhor – ele disse. – Ela não está em lugar nenhum.

– Disso eu já sei – Bland respondeu, irritado. – Eu lhe disse para encontrá-la.

– O sargento Farrell e o delegado estão fazendo uma busca na propriedade, senhor – Hoskins explicou. – Ela não está na casa –

completou.

– Veja com o homem que está recolhendo as entradas no portão se ela saiu do terreno. Seja a pé ou de carro.

– Sim, senhor.

Hoskins se retirou.

– E descubra quando e onde ela foi vista pela última vez – Bland gritou para que ele escutasse.

– Então é assim que a sua mente está funcionando – disse Poirot.

– Por enquanto, não está funcionando em direção alguma – Bland respondeu. – Mas acabei de acordar para o fato de que uma mulher que deveria estar por aqui não está! E quero saber por quê. Fale mais sobre o que sabe a respeito desse tal de De Sousa.

Poirot descreveu seu encontro com o rapaz que tinha subido o caminho vindo do ancoradouro.

– Provavelmente ainda está aqui na quermesse – ele disse. – Posso dizer a sir George que o senhor deseja falar com ele?

– Por enquanto, não – Bland respondeu. – Eu gostaria de obter mais informações primeiro. Quando foi a última vez que o senhor viu lady Stubbs?

Poirot puxou pela memória. Teve dificuldade para se lembrar exatamente. Lembrou-se de contornos vagos da silhueta alta vestida de rosa com o enorme chapéu preto que circulava pelo gramado e conversava com as pessoas, parando aqui e ali; ocasionalmente, escutava aquela risada estranha dela, distinta no meio de tantos outros sons atordoantes.

– Acho – ele respondeu, em dúvida – que deve ter sido pouco antes das quatro horas.

– E onde ela estava na ocasião, e com quem?

– Estava no meio de um grupo de pessoas, perto da casa.

– Ela estava presente quando De Sousa chegou?

– Não me lembro. Acho que não; pelo menos, eu não a vi. Sir George disse a De Sousa que a esposa estava em algum lugar por ali. Ele pareceu surpreso, eu me lembro, por ela não estar participando do julgamento do concurso de roupas infantis, como deveria estar fazendo.

– Que horas eram quando De Sousa chegou?
– Deviam ser umas quatro e meia, imagino. Não olhei no relógio, então não posso dizer com exatidão.
– E lady Stubbs tinha desaparecido antes de ele chegar?
– Parece que sim.
– É possível que tenha fugido para não vê-lo – o inspetor sugeriu.
– É possível – Poirot concordou.
– Bom, não pode ter ido longe – disse Bland. – Não deve ser difícil encontrá-la e, quando eu a encontrar... – Ele parou de falar.
– E se não encontrar? – Poirot colocou a questão com uma entonação curiosa na voz.
– Isto é bobagem – o inspetor respondeu com vigor. – Por quê? O que o senhor acha que aconteceu com ela?
Poirot deu de ombros.
– O que aconteceu... Ninguém sabe. Apenas sabemos que ela... Desapareceu!
– Pare com isto, monsieur Poirot, da maneira como fala, tudo parece muito sinistro.
– Talvez *seja* sinistro.
– Estamos investigando o assassinato de Marlene Tucker – o inspetor disse, em tom severo.
– Evidentemente. Então... Por que o interesse em De Sousa? O senhor acha que ele matou Marlene Tucker?
O inspetor Bland respondeu, de modo irrelevante:
– É aquela mulher!
Poirot deu um leve sorriso.
– Está falando da sra. Oliver?
– Estou. Veja bem, monsieur Poirot, o assassinato de Marlene Tucker não faz sentido. Não faz o menor sentido. Temos uma menina sem nenhum atributo e destaque e meio bobona, que foi encontrada estrangulada, sem o menor indício de qualquer motivo possível.
– E a sra. Oliver forneceu ao senhor algum motivo?
– Forneceu pelo menos uma dúzia deles! Entre as possibilidades, sugeriu que Marlene pudesse estar sabendo de um

caso amoroso de alguém, ou que possa ter testemunhado o assassinato de alguém, ou que sabia onde um tesouro estava escondido, ou que talvez tivesse visto através da janela da casa de barcos alguma ação desempenhada por De Sousa em sua lancha, ao navegar rio acima.

– Ah. E qual destas teorias o agrada, *mon cher*?

– Não sei. Mas não consigo parar de pensar nelas. Escute, monsieur Poirot. Tente se lembrar com cuidado. O senhor diria que, pela impressão que teve com o que lady Stubbs lhe disse nesta manhã, diria que ela estava com medo da chegada do primo porque ele poderia, talvez, saber algo que ela não gostaria que chegasse aos ouvidos do marido, ou diria que era um medo direto e pessoal do homem em si?

Poirot não hesitou para responder.

– Eu diria que era um medo direto e pessoal do homem em si.

– Hum – respondeu o inspetor Bland. – Bom, é melhor eu ir falar com este rapaz, se ele estiver por aqui.

CAPÍTULO 9

I

Apesar de não ter nada do preconceito arraigado do delegado Hoskins contra os estrangeiros, o inspetor Bland não gostou de Etienne de Sousa de cara. A elegância refinada do rapaz, sua perfeição polida e o aroma floral do cabelo penteado com brilhantina se combinavam para incomodar o inspetor.

De Sousa era muito seguro de si mesmo, muito à vontade. Também exibia, de forma velada e decorosa, um certo ar despreocupado de quem estava se divertindo.

– É preciso reconhecer – ele disse – que a vida é cheia de surpresas. Chego aqui em um cruzeiro de férias, admiro a bela paisagem, venho passar a tarde com uma priminha que não vejo há anos e o que acontece? Primeiro, mergulho em uma espécie de festança com cocos voando perto da minha cabeça e, logo na sequência, passo da comédia à tragédia e me vejo envolvido em um assassinato.

Acendeu um cigarro, deu uma tragada profunda e disse:

– Não que esse assassinato suscite em mim algum tipo de preocupação. De fato, não consigo compreender por que o senhor deseja falar comigo.

– O senhor chegou aqui como desconhecido, sr. De Sousa...

O jovem interrompeu:

– E os desconhecidos logo se tornam suspeitos, é isso?

– Não, não, de modo algum, senhor. Não, não está entendendo o que eu quero dizer. O seu iate, pelo que eu soube, está ancorado em Helmmouth?

– É isso mesmo.

– E o senhor subiu o rio nesta tarde a bordo de uma lancha motorizada?

– Mais uma vez... é isso mesmo.

– Ao subir o rio, o senhor reparou à sua direita uma pequena casa de barcos que se projeta para cima do rio com telhado de sapê e um pequeno píer de ancoradouro por baixo?

De Sousa jogou a bela cabeça morena para trás e fez uma careta enquanto refletia.

– Deixe-me ver, havia um riacho e uma casinha cinzenta com telhado de ardósia.

– Um pouco mais para cima no rio do que isso, sr. De Sousa. Localizada entre as árvores.

– Ah, sim. Agora me lembrei. Um local bem pitoresco. Eu não sabia que era a casa de barcos anexa a esta casa. Se soubesse, teria ancorado ali e desembarcado. Quando pedi indicações, fui instruído a subir até onde ficam as balsas e desembarcar no ancoradouro ali.

– Percebo. E foi o que fez?

– Foi o que fiz.

– Não atracou na casa de barcos nem perto dela?

De Sousa sacudiu a cabeça.

– Viu alguém na casa de barcos quando passou?

– Se vi alguém? Não. Devia ter visto?

– Era apenas uma possibilidade. Sabe, sr. De Sousa, a menina assassinada passou a tarde na casa de barcos. Foi morta ali, e isso deve ter acontecido em um horário não muito distante daquele em que o senhor passou por lá.

Mais uma vez, De Sousa ergueu as sobrancelhas.

– O senhor acha que eu posso ter sido testemunha deste crime?

– O assassinato aconteceu dentro da casa de barcos, mas pode ser que o senhor tenha visto a menina... ela pode ter olhado pela janela ou saído à varanda. Se o senhor a tivesse visto, pelo menos serviria para estreitar o horário da morte para nós. Se, quando o senhor passou, ela ainda estivesse viva...

– Ah. Percebo. Sim, percebo. Mas por que perguntar especificamente para mim? Há muitos barcos subindo e descendo

de Helmmouth. Barcos a vapor de passeio. Passam o tempo todo. Por que não pergunta a eles?

– Podemos perguntar a eles – disse o inspetor. – Não se preocupe, vamos perguntar a eles. Então devo concluir que o senhor não viu nada fora do comum na casa de barcos?

– Nada mesmo. Não havia nada que indicasse a presença de alguém ali. Claro que não olhei com atenção especial e não passei muito perto. Alguém podia estar olhando pela janela, como o senhor sugeriu, mas, se fosse assim, eu não enxergaria a pessoa. – Ele completou, em tom educado: – Sinto muito por não poder ajudar.

– Ah, muito bem – disse o inspetor Bland, em tom simpático. – Não podemos esperar mesmo muita coisa. Mas há algumas outras perguntas que gostaria de fazer ao senhor.

– Pois não?

– O senhor veio sozinho ou está acompanhado de amigos nesta viagem?

– Estive com amigos até bem pouco tempo atrás, mas passei os últimos três dias sozinho... Com a tripulação, é claro.

– E qual é o nome do seu iate, sr. De Sousa?

– *Espérance*.

– Pelo que entendi, lady Stubbs é sua prima?

De Sousa deu de ombros.

– Prima distante. Não muito próxima. Nas ilhas, compreenda, há muitos casamentos dentro da família. Somos todos primos. Hattie é minha prima em segundo ou terceiro grau. Não a vejo desde que era praticamente uma menininha, com catorze... quinze anos.

– E o senhor pensou em fazer-lhe uma visita-surpresa hoje?

– Não é exatamente uma visita-surpresa, inspetor. Eu tinha escrito a ela.

– Sei que ela recebeu uma carta sua hoje pela manhã, mas foi surpresa para ela saber que o senhor estava no país.

– Ah, mas aí é que o senhor se engana, inspetor. Eu escrevi para a minha prima... deixe-me ver, há três semanas. Escrevi a ela da França, logo antes de entrar neste país.

O inspetor ficou surpreso.

– O senhor escreveu a ela da França, dizendo que estava disposto a visitá-la?

– Escrevi. Disse a ela que faria um cruzeiro de iate e que provavelmente chegaríamos a Torquay ou a Helmmouth por volta desta data, e que posteriormente eu a avisaria exatamente quando chegaria.

O inspetor Bland ficou olhando fixo para ele. Essa afirmação destoava completamente da informação que ele tinha recebido a respeito da chegada da carta de Etienne de Sousa à mesa do café da manhã. Mais do que uma testemunha declarara que lady Stubbs tinha ficado alarmada e perturbada e claramente assustada com o conteúdo da carta. De Sousa retribuiu o olhar fixo com calma. Com um sorrisinho, tirou um fragmento de poeira do joelho com um peteleco.

– Lady Stubbs respondeu à sua primeira carta? – o inspetor perguntou.

De Sousa hesitou por um momento ou dois antes de responder, então disse:

– É difícil lembrar... Não, acredito que não. Mas não era necessário. Eu estava viajando, não tinha endereço fixo. E, além do mais, não acredito que a minha prima, Hattie, seja boa para escrever cartas. – E completou: – Ela não é muito inteligente, o senhor sabe, mas compreendo que se tornou uma mulher muito bonita.

– O senhor não a viu? – Bland fez a afirmação em forma de pergunta, e De Sousa mostrou os dentes em um sorriso agradável.

– Parece que ela sumiu, pelo que andam dizendo – ele respondeu. – Não há dúvidas de que esta *espèce de gala* a entedia.

Escolhendo as palavras com muito cuidado, o inspetor Bland disse:

– Sr. De Sousa, tem alguma razão para acreditar que a sua prima pode ter algum motivo para evitá-lo?

– Hattie quer evitar a mim? Realmente, não vejo por quê. Que motivo ela poderia ter?

– É exatamente o que estou perguntando, sr. De Sousa.

– O senhor acha que Hattie se ausentou desta festa para me evitar? Mas que ideia absurda.

– Até onde sabe, ela não tinha motivo para... digamos... ter medo do senhor de algum modo?

– Medo... de mim? – A voz de De Sousa tinha tom cético e surpreso. – Mas, se me permite dizer, inspetor, que ideia fantástica!

– Seu relacionamento com ela sempre foi bastante amigável?

– É como eu lhe disse. Não tenho relacionamento com ela. Não a vejo desde que era uma criança de catorze anos.

– No entanto, veio visitá-la em sua passagem pela Inglaterra?

– Ah, em relação a isso, eu tinha visto um parágrafo sobre ela em um dos nossos jornais da sociedade. Mencionava o sobrenome de solteira dela e dizia que estava casada com um inglês rico, e eu pensei: “Preciso ir ver no que a pequena Hattie se transformou. Se o cérebro dela agora funciona melhor do que antes”. – Ele deu de ombros mais uma vez. – Foi puramente um gesto de boa educação de um primo. Uma curiosidade gentil... Nada mais.

Mais uma vez, o inspetor ficou olhando fixo para De Sousa. Ficou imaginando o que se desenrolava por trás daquela fachada zombeteira e afável. Adotou uma postura mais confidencial.

– Será que o senhor talvez poderia me falar um pouco mais sobre sua prima? O caráter, as reações dela?

De Sousa pareceu educadamente surpreso.

– Sinceramente... Por acaso isto tem algo a ver com o assassinato da menina na casa de barcos? Compreendo que esta é a verdadeira questão que o preocupa, não?

– Pode ser que exista uma ligação – disse o inspetor Bland.

De Sousa observou-o por um momento ou dois em silêncio. Então disse, com um leve dar de ombros:

– Nunca conheci a minha prima muito bem. Ela era uma unidade em uma família grande, e nunca me despertou interesse especial. Mas, para responder à sua pergunta, eu diria que, apesar de ser fraca do ponto de vista mental, ela nunca foi possuída por tendências homicidas, até onde sei.

– Francamente, sr. De Sousa, eu não estava sugerindo isso!

– Não estava? Será? Não vejo outro motivo para a pergunta. Não, a menos que Hattie tenha mudado muito, não é homicida! – Ele se levantou. – Tenho certeza de que o senhor não pode querer me perguntar mais nada, inspetor. Só posso desejar-lhe todo o sucesso possível na busca do assassino.

– O senhor não está pensando em sair de Helmmouth por um dia ou dois, espero.

– O senhor fala de maneira muito educada, inspetor. É uma ordem?

– Apenas um pedido, senhor.

– Obrigado. Pretendo ficar em Helmmouth dois dias. Sir George fez a gentileza de me convidar para ficar hospedado na casa, mas prefiro permanecer no *Espérance*. Se quiser me fazer mais perguntas, é onde poderá me encontrar.

Ele se despediu com um aceno de cabeça educado.

O delegado Hoskins abriu a porta, e ele saiu.

– Que sujeito mais hipócrita – o inspetor murmurou para si mesmo.

– Ah – disse o delegado Hoskins, em sinal de concordância absoluta.

– Pode dizer que ela é homicida, se quiser – o inspetor prosseguiu, falando consigo mesmo. – Por que ela atacaria uma menina qualquer? Não há o menor sentido nisso.

– Nunca dá para entender as pessoas excêntricas – Hoskins respondeu. – A questão, na verdade, é saber o quão excêntrica ela é.

Hoskins sacudiu a cabeça como quem sabe do que está falando.

– Tem QI baixo, acredito – disse.

O inspetor olhou para ele, aborrecido.

– Não fique repetindo esses termos da moda como um papagaio. Não me importa se ela tem QI alto ou QI baixo. Só me importa saber se ela é o tipo de mulher que acharia engraçado, ou desejável, ou necessário colocar uma corda em volta do pescoço de uma menina e estrangulá-la. E onde diabos está esta mulher, aliás? Vá lá fora para ver se Frank descobriu alguma coisa.

Hoskins saiu, obediente, e voltou um momento ou dois mais tarde, com o sargento Cottrell, um rapaz enérgico e cheio de si que sempre conseguia irritar seus superiores. O inspetor Bland preferia bem mais a sabedoria rural de Hoskins do que a atitude esperta de sabe-tudo de Frank Cottrell.

– Ainda estamos examinando a propriedade, senhor – Cottrell disse. – A senhora não saiu pelo portão, disso temos bastante certeza. É o segundo jardineiro que está lá distribuindo os tíquetes e pegando o dinheiro das entradas. Ele jura que ela não saiu.

– Há outras maneiras de sair além do portão principal, imagino?

– Ah, sim, senhor. Há o caminho que leva à balsa, mas o velho que está lá, o nome dele é Merdell, também tem bastante certeza de que ela não saiu por lá. Ele tem uns cem anos, mas é bastante confiável, acho. Descreveu com bastante clareza a maneira como o cavalheiro estrangeiro chegou com a lancha dele e perguntou o caminho até Nasse House. O velho disse a ele que era para pegar a estrada e pagar a entrada no portão. Mas ele disse que o cavalheiro parecia não saber nada a respeito da quermesse e disse ser parente da família. Então o velho o encaminhou pela trilha que sai do ancoradouro e atravessa o bosque. Parece que Merdell ficou ali pelo cais a tarde toda, então ele tem bastante certeza de que teria visto lady Stubbs se ela tivesse passado por ali. Depois há o portão lá em cima, que leva a Hoodown Park, mas foi fechado por causa de invasores de propriedade, então ela não passou por lá. Parece que ainda deve estar por aqui, não é mesmo?

– Pode ser que sim – o inspetor respondeu. – Mas não há nada que a impeça de passar por baixo de uma cerca e sair para o campo aberto, não é mesmo? Sir George ainda está reclamando das pessoas hospedadas no albergue da propriedade vizinha que invadem o terreno dele, pelo que soube. Se é assim que os invasores entram, suponho que seja possível sair da mesma forma.

– Ah, sim, senhor, sem dúvida, senhor. Mas falei com a criada dela, senhor. Ela está usando – Cottrell consultou um papel que tinha na mão – um vestido cor-de-rosa de *crêpe georgette*, seja lá o que isso for, um chapéu preto grande, escarpins pretos com saltos

franceses de dez centímetros. Não é o tipo de coisa que alguém usaria para sair correndo pelo meio do campo.

– Ela não trocou de roupa?

– Não. Examinei a possibilidade com a criada. Não há nada faltando... Nada mesmo. Ela não preparou uma mala nem nada do tipo. Nem chegou a trocar de sapato. Todos os pares estão no armário.

O inspetor Bland franziu a testa. Possibilidades desagradáveis lhe vinham à mente. Disse apenas:

– Vá chamar de novo aquela mulher que trabalha como secretária... Bruce... sei lá qual é o nome dela.

II

A srta. Brewis entrou, parecendo mais atarantada do que o normal e um pouco sem fôlego.

– Pois não, inspetor? – ela disse. – O senhor queria falar comigo? Se não for urgente, sir George está em péssimo estado e...

– Por que ele está abalado?

– Ele só agora se deu conta de que lady Stubbs na verdade está... Bom, desaparecida. Eu disse a ele que ela provavelmente só foi dar um passeio no bosque ou algo do tipo, mas ele enfiou na cabeça que aconteceu alguma coisa com ela. É uma ideia absurda.

– Talvez não seja assim tão absurda, srta. Brewis. Afinal de contas, tivemos um... assassinato aqui nesta tarde.

– O senhor certamente não acredita que lady Stubbs...? Mas isso é ridículo! Lady Stubbs é capaz de tomar conta de si mesma.

– Será que é?

– Claro que sim! É uma mulher adulta, não é?

– Mas, pelo que me disseram, é bastante dependente.

– Bobagem – a srta. Brewis respondeu. – De vez em quando, é útil a lady Stubbs se fazer de inútil desmiolada quando não está disposta a fazer alguma coisa. Engana o marido dela, ousou dizer, mas não engana a mim!

– A senhorita não gosta muito dela, não é mesmo? – Bland perguntou, em tom levemente interessado.

Os lábios da srta. Brewis se fecharam em uma linha fina.

– Não é da minha conta gostar ou não gostar dela – respondeu.

A porta se abriu de supetão, e sir George entrou.

– Veja bem – ele disse, com violência. – O senhor precisa fazer alguma coisa. Onde está Hattie? Precisa encontrar Hattie. Que diabo está acontecendo aqui, eu não sei. Esta confusão de quermesse... Algum maníaco homicida enlouquecido pagou sua meia coroa e entrou aqui, misturou-se à multidão e passou a tarde matando pessoas. É isso que me parece.

– Não acho que precisemos adotar uma visão assim tão exagerada, sir George.

– Está muito bem para o senhor ficar aí sentado atrás dessa escrivaninha, anotando coisas. Mas eu quero saber da minha esposa.

– Mandei fazer uma busca na propriedade, sir George.

– Por que ninguém me disse que ela desapareceu? Parece que já faz umas duas horas que ninguém a vê. Achei estranho ela não ter comparecido ao julgamento da coisa de roupas infantis, mas ninguém me disse que ela de fato estava sumida.

– Ninguém sabia disso – respondeu o inspetor.

– Bom, alguém devia saber. Alguém devia ter notado.

Ele se voltou para a srta. Brewis.

– Você devia ter reparado, Amanda, estava de olho em tudo.

– Não posso estar em todo lugar – a srta. Brewis respondeu.

De repente, pareceu estar à beira das lágrimas. – Tenho tanta coisa para providenciar. Se lady Stubbs resolveu sair vagando a esmo...

– Vagando a esmo? Por que ela sairia vagando a esmo? Ela não teria razão para sair vagando a esmo, a não ser que desejasse evitar aquele tal latino.

Bland aproveitou a oportunidade.

– Há uma coisa que desejo perguntar – ele disse. – Por acaso sua esposa recebeu uma carta do sr. De Sousa há cerca de três semanas, dizendo que ele visitaria o país?

Sir George pareceu surpreso.

– Não, é claro que não.

– Tem certeza disso?

– Ah, tenho bastante certeza. Hattie teria me dito. Nossa, ela ficou absolutamente sobressaltada e aborrecida ao receber a carta dele hoje pela manhã. Aquilo mais ou menos a derrubou. Passou a maior parte da manhã deitada, com dor de cabeça.

– O que ela lhe disse especificamente sobre a visita do primo? Por que estava tão temerosa em encontrar-se com ele?

Sir George pareceu bastante acanhado.

– Quem me dera saber – respondeu. – Ela só ficava repetindo que ele era perverso.

– Perverso? Em que aspecto?

– Ela não falou muito a respeito. Só ficou dizendo, de maneira bastante infantil, que ele era um homem perverso, maldoso; e que preferia que ele não viesse aqui. Disse que ele tinha feito coisas ruins.

– Feito coisas ruins? Quando?

– Ah, há muito tempo. Devo imaginar que esse Etienne de Sousa era a ovelha negra da família e que Hattie ouviu dizer coisas aqui e ali durante a infância, sem compreender muito bem. E, como resultado, adquiriu uma espécie de pavor dele. Eu, pessoalmente, achei que era apenas uma coisa que ficou para ela da infância. A minha esposa é bastante infantil às vezes. Tem muito de gostar e de não gostar, mas não consegue explicar por quê.

– Tem certeza de que ela não deu nenhuma explicação específica, sir George?

Sir George pareceu ficar pouco à vontade.

– Eu preferia que o senhor não precisasse escutar... hum... o que ela disse.

– Então, ela disse alguma coisa?

– Certo. Vou dizer o que foi. Ela falou que... e repetiu várias vezes: "*Ele mata gente*".

CAPÍTULO 10

I

– Ele mata gente – o inspetor Bland repetiu.

– Acho que o senhor não deve levar isto muito a sério – sir George afirmou. – Ela ficou repetindo e dizendo: “Ele mata gente”, mas não soube dizer quem ele matou, nem quando, nem por quê. Fiquei pensando com meus botões que devia ser alguma lembrança extravagante e infantil... Problemas com os nativos, alguma coisa assim.

– O senhor disse que ela não foi capaz de dizer nada de definitivo... está dizendo que ela não soube dizer nada, sir George, ou que talvez se recusou a dizer algo?

– Não acho... – Ele se interrompeu. – Não sei. O senhor me deixou confuso. Como eu disse, não levei nada daquilo a sério. Achei que talvez esse primo a tivesse incomodado um pouco quando era criança... Algo do tipo. É difícil explicar, porque o senhor não conhece a minha esposa. Tenho afeição por ela, mas na metade do tempo não escuto o que diz, porque simplesmente não faz sentido. De todo modo, esse tal de De Sousa não pode ter tido nada a ver com tudo isto... não me diga que ele chegaria aqui a bordo de um iate e iria diretamente até o bosque para matar uma menina infeliz em uma casa de barcos! Por que faria uma coisa dessas?

– Não estou sugerindo que algo desse tipo possa ter acontecido – o inspetor Bland respondeu. – Mas o senhor precisa se dar conta, sir George, de que, na busca pelo assassino de Marlene Tucker, o campo é muito mais restrito do que pode parecer de início.

– Restrito! – sir George ficou olhando para ele. – O senhor tem esta quermesse maldita inteira para examinar, não é mesmo?

Duzentas, trezentas pessoas? Qualquer uma delas pode ter feito isto.

– Sim, foi o que pensei no início, mas, pelo que apurei, não é bem assim. A porta da casa de barcos tem uma fechadura Yale. Ninguém poderia entrar sem chave.

– Bom, havia três chaves.

– Exatamente. Uma chave era a pista final desta caça ao assassino. Ela continua escondida no caminho das azaleias no alto do jardim. A segunda chave estava com a sra. Oliver, a organizadora da caça ao assassino. Onde está a terceira chave, sir George?

– Deve estar na gaveta desta escrivaninha onde o senhor está sentado. Não, na da direita, com várias outras chaves-reserva da propriedade.

Ele se aproximou e remexeu na gaveta.

– Sim. Está aqui mesmo.

– Então, o senhor percebe o que isto significa? – o inspetor Bland perguntou. – As únicas pessoas que poderiam ter entrado na casa de barcos seriam, primeiro, a pessoa que tivesse concluído a caça ao assassino e encontrado a chave e, até onde sabemos, isto não aconteceu. Segundo, a sra. Oliver ou alguém da casa para quem ela tivesse emprestado a chave e, terceiro, alguém *que a própria Marlene tivesse deixado entrar no local*.

– Bom, esta última possibilidade praticamente inclui todo mundo, não é mesmo?

– Muito longe disso, sir – o inspetor Bland respondeu. – Se compreendi bem a combinação desta caça ao assassino, quando a menina escutasse alguém se aproximando da porta, ela teria que se deitar no chão, fazer o papel da vítima e esperar ser descoberta pela pessoa que tivesse encontrado a última pista... a chave. Portanto, como o senhor mesmo pode perceber, as únicas pessoas que ela teria deixado entrar, se tivessem se anunciado do lado de fora e pedido para falar com ela, *eram as pessoas que de fato tinham organizado a caça ao assassino*. Quer dizer, qualquer pessoa que está nesta casa: o senhor, lady Stubbs, a srta. Brewis, a sra.

Oliver... Possivelmente monsieur Poirot que, acredito, tinha sido apresentado a ela nesta manhã. Quem mais, sir George?

Sir George refletiu por um momento ou dois.

– O casal Legge, é claro – respondeu. – Alec e Sally Legge. Estão participando desde o início. E Michael Weyman, é um arquiteto que está hospedado aqui na casa para projetar um pavilhão de tênis. E Warburton, os Masterton... Ah, e a sra. Folliat, é claro.

– Só isso? Ninguém mais?

– As pessoas todas são essas.

– Então, veja bem, sir George, o campo não é assim tão amplo. O rosto de sir George assumiu tom escarlate.

– Acredito que o senhor esteja dizendo bobagens... bobagens completas! Está sugerindo... O que está sugerindo?

– Só estou sugerindo que por enquanto há muita coisa que não sabemos. É possível, por exemplo, que Marlene, por alguma razão, tenha saído da casa de barcos. Pode até ter sido estrangulada em algum outro lugar, e seu corpo pode ter sido levado até lá e posicionado no chão. Mas, ainda assim, a pessoa que tivesse feito isso, mais uma vez, seria alguém totalmente ciente de todos os detalhes da caça ao assassino. Sempre retornamos a isso. – E completou, em tom levemente diferente: – Posso garantir, sir George, que estamos fazendo todo o possível para encontrar lady Stubbs. Nesse ínterim, eu gostaria de dar uma palavra com o sr. e a sra. Alec Legge e também com o sr. Michael Weyman.

– Amanda.

– Vou ver o que posso fazer em relação a isto – a srta. Brewis disse. – Acredito que a sra. Legge ainda esteja lendo a sorte na barraca. Muita gente chegou com a meia entrada depois das cinco, e todas as atrações estão bem cheias. É possível que eu consiga chamar o sr. Legge ou o sr. Weyman. Com qual dos dois deseja falar primeiro?

– Não importa a ordem em que eu fale com eles – o inspetor Bland respondeu.

A srta. Brewis assentiu e deixou a sala. Sir George a seguiu, erguendo a voz em tom de lamento.

– Veja bem, Amanda, você precisa...

O inspetor Bland percebeu que sir George dependia muito da eficiência da srta. Brewis. De fato, naquele momento, Bland enxergou o dono da casa como se fosse um garotinho.

Enquanto esperava, o inspetor Bland pegou o telefone, pediu para ser transferido para a delegacia em Helmmouth e tomou certas providências em relação ao iate *Espérance*.

– O senhor percebe, suponho – ele disse a Hoskins, que obviamente era bastante incapaz de perceber qualquer coisa do tipo –, que só existe um lugar perfeitamente possível para esta maldita mulher estar... E que este lugar é a bordo do iate de De Sousa?

– Como chegou a esta conclusão, senhor?

– Bom, ninguém viu a mulher sair por qualquer uma das passagens mais comuns, ela está vestida de maneira que torna improvável estar caminhando pelos campos ou pelo bosque, mas existe a possibilidade de ela ter combinado de se encontrar com De Sousa na casa de barcos e de ele a ter levado de lancha até o iate, para depois retornar à quermesse.

– E por que ele faria tal coisa, senhor? – Hoskins quis saber, confuso.

– Não faço ideia – o inspetor respondeu. – E é bastante improvável que tenha feito. Mas é uma possibilidade. E se ela estiver a bordo do *Espérance*, vou me assegurar de que não sairá de lá despercebida.

– Mas se ela não podia nem ver o homem pintado... – Hoskins começou a falar, sem cerimônia.

– Só sabemos que isso foi o que ela disse. As mulheres contam muitas mentiras – o inspetor disse, em tom de quem profere uma sentença. – Lembre-se disto sempre, Hoskins.

– Ah – o delegado Hoskins respondeu, em sinal de apreciação.

II

A conversa chegou ao fim quando a porta se abriu e um rapaz alto de olhar vago entrou. Usava um terno elegante de flanela

cinza, mas o colarinho da camisa estava amassado e a gravata, torta. O cabelo estava arrepiado e todo despenteado.

– Sr. Alec Legge? – o inspetor ergueu os olhos e perguntou.

– Não – o rapaz respondeu. – Eu sou Michael Weyman. O senhor mandou me chamar, fui informado.

– É bem verdade, senhor – o inspetor Bland respondeu. – Não quer se sentar? – Apontou para uma cadeira à sua frente na mesa.

– Não quero me sentar – Michael Weyman respondeu. – Gostaria de ficar andando de um lado para o outro. Aliás, por que há tantos policiais aqui? O que aconteceu?

O inspetor Bland olhou para ele, surpreso.

– Sir George não lhe informou? – perguntou.

– Ninguém “me informou”, como o senhor está dizendo, de nada. Não fico no pé de sir George o tempo todo. O que aconteceu?

– Fui informado de que o senhor está hospedado na casa?

– Claro que estou hospedado na casa. O que isso tem a ver?

– Simplesmente imaginei que as pessoas hospedadas na casa teriam sido informadas a respeito da tragédia desta tarde.

– Tragédia? Que tragédia?

– A menina que estava fazendo o papel de vítima do assassinato foi morta.

– Não! – Michael Weyman exibiu surpresa exuberante. – Está dizendo que ela foi morta de verdade? Que não é fingimento?

– Não sei o que o senhor quer dizer com fingimento. A menina está morta.

– Como ela morreu?

– Foi estrangulada com um pedaço de corda.

Michael Weyman soltou um assobio.

– Exatamente como no roteiro? Bom, isso dá ideias às pessoas.

– Ele se aproximou da janela, virou-se para trás rapidamente e disse: – Então, agora somos todos suspeitos? Ou será que foi algum dos garotos daqui?

– Não vemos possibilidade de que seja algum garoto daqui, como o senhor está dizendo – o inspetor respondeu.

– Também não sei como posso ser eu, realmente – Michael Weyman respondeu. – Bom, inspetor, muitos dos meus amigos me

chamam de louco, mas não sou este tipo de maluco. Não ando pelo campo estrangulando garotas pouco desenvolvidas com o rosto coberto de espinhas.

– Fui informado de que o senhor está aqui para projetar um pavilhão de tênis para sir George, não?

– É uma ocupação inocente – Michael respondeu. – Do ponto de vista criminal, quer dizer. Do ponto de vista arquitetônico, já não tenho tanta certeza. O produto final provavelmente será a representação de um crime contra o bom gosto. Mas isso não o interessa, inspetor. O que o interessa?

– Bom, gostaria de saber, sr. Weyman, exatamente onde o senhor estava entre as quatro e quinze desta tarde e, digamos, as cinco horas.

– Como foi que o senhor chegou a este intervalo? Evidências médicas?

– Não inteiramente, senhor. Uma testemunha viu a menina viva às quatro e quinze.

– Que testemunha? Ou será que não posso perguntar?

– A srta. Brewis. Lady Stubbs pediu a ela que levasse uma bandeja com bolos de creme e um pouco de suco de frutas para a menina.

– A nossa Hattie pediu que ela fizesse isso? Não acredito nem por um instante.

– Por que não acredita, sr. Weyman?

– Ela não age assim. Não é o tipo de coisa em que pensaria ou com que se incomodaria. A mente da nossa cara lady Stubbs só gira ao redor dela mesma.

– Ainda estou esperando a sua resposta à minha pergunta, sr. Weyman.

– Onde eu estava entre as quatro e quinze e as cinco horas? Bom, sinceramente, inspetor, não sei dizer assim de pronto. Eu estava por aí... se é que o senhor me entende.

– Por aí onde?

– Ah, aqui e ali. Socializei um pouco no gramado, observei o pessoal da região se divertindo, troquei uma ou duas palavras com a estrela de cinema espreitada. Então, quando enjoei disso tudo,

fui até a quadra de tênis e fiquei pensando sobre o projeto do pavilhão. Também fiquei imaginando quanto tempo ia demorar para que alguém identificasse a fotografia que era a primeira pista da caça ao assassino com um pedaço da rede de tênis.

– Alguém identificou?

– Sim, acredito que alguém tenha ido até lá, mas, àquela altura, eu já não estava mais prestando atenção. Tive uma ideia nova para o pavilhão... Uma maneira de conseguir tirar o melhor de dois mundos. O meu e o de sir George.

– E depois?

– Depois? Bom, dei um passeio por aí e voltei para a casa. Fui até o ancoradouro e dei umas boas risadas com o velho Merdell e depois retornei. Não posso estabelecer nenhum dos horários com exatidão. Eu estava, como disse no começo, por aí! É tudo que tenho a dizer.

– Bom, sr. Weyman – o inspetor disse, ríspido. – Espero poder confirmar estas informações de alguma maneira.

– Merdell pode lhe dizer que conversei com ele no ancoradouro. Mas é claro que isso aconteceu bem mais tarde do que o horário em que o senhor está interessado. Devo ter chegado lá depois das cinco. É muito insatisfatório, não é mesmo, inspetor?

– Espero que sejamos capazes de especificar melhor os horários, sr. Weyman.

O tom do inspetor era agradável, mas havia algo de duro por trás dele que não escapou ao jovem arquiteto. Ele se sentou no braço de uma cadeira.

– Falando sério – ele disse. – Quem poderia querer matar aquela menina?

– O senhor não tem nenhuma teoria?

– Bom, assim, de pronto, eu diria que foi a nossa prolífica autora, o Perigo Roxo. O senhor a viu com seus trajes púrpura imperial? Sugiro que ela tenha se exaltado um pouco demais e pensado como a caça ao assassino ficaria muito melhor se houvesse um cadáver *de verdade*. O que acha?

– Está fazendo uma sugestão séria, sr. Weyman?

– É a única probabilidade em que consigo pensar.

– Há mais uma coisa que eu gostaria de perguntar ao senhor. Por acaso viu lady Stubbs no decorrer da tarde?

– Claro que a vi. Quem não a veria, assim vestida como se fosse modelo de Jacques Fath ou de Christian Dior?

– Quando foi a última vez que a viu?

– A última vez? Não sei. Exibia toda a sua atitude no gramado por volta das três e meia... Ou talvez às quinze para as quatro.

– E o senhor não a viu depois disso?

– Não. Por quê?

– Fiquei imaginando... Porque parece que ninguém a viu depois das quatro. Lady Stubbs... desapareceu, sr. Weyman.

– Desapareceu! A nossa Hattie?

– Isso o surpreende?

– Sim, de fato... Fico imaginando o que ela deve estar aprontando.

– O senhor conhece bem lady Stubbs?

– Nunca a tinha visto antes de chegar aqui, há quatro ou cinco dias.

– Tem alguma opinião formada a respeito dela?

– Devo dizer que ela sabe proteger seus interesses melhor do que a maior parte das pessoas – Michael Weyman respondeu, seco.

– É uma jovem muito bonita, que sabe tirar o melhor proveito disso.

– Mas mentalmente não é assim tão ativa? Estou correto?

– Depende do que deseja dizer com “mentalmente” – Michael Weyman respondeu. – Eu não a descreveria como intelectual. Mas se está pensando que ela tem algum problema, está errado. – Um tom de amargor tomou conta de sua voz. – Eu diria que ela não tem absolutamente problema algum.

As sobranceiras do inspetor se ergueram.

– Isso não é o que todo mundo pensa dela.

– Por alguma razão, ela gosta de se fazer de tonta. Não sei por quê. Mas, como já disse, ela sabe muito bem o que faz.

O inspetor o observou por um instante, então disse:

– E o senhor realmente não consegue estabelecer horários e locais mais exatos no intervalo que mencionei?

– Desculpe. – Weyman respondeu aos trancos. – Acho que não vou conseguir. Minha memória é péssima, nunca consigo me lembrar de horários. – E completou: – Será que já terminou comigo?

Quando o inspetor assentiu, ele se apressou em sair da sala.

– E eu gostaria de saber – disse o inspetor, meio para si mesmo, meio para Hoskins – o que aconteceu entre ele e lady Stubbs. Ou ele tentou seduzi-la e ela o dispensou ou então houve algum tipo de desentendimento. – Ele prosseguiu: – Como descreveria a opinião geral aqui pela região a respeito de sir George e a esposa?

– Ela é bobona – o delegado Hoskins respondeu.

– Sei que você pensa assim, Hoskins. É o que todo mundo acha?

– Eu diria que sim.

– E sir George? Ele é benquisto?

– As pessoas gostam bastante dele. É um sujeito cortês e tem um certo conhecimento sobre agricultura. A antiga dona fez muito para ajudar.

– Que antiga dona?

– A sra. Folliat, que mora ali no alojamento.

– Ah, é claro. Os Folliat eram donos da propriedade, não é mesmo?

– Eram sim, e é graças a ela que sir George e lady Stubbs foram tão bem aceitos. Ela os apresentou para todo mundo, foi sim.

– Acha que ela recebeu para fazer isso?

– Ah, não, não a sra. Folliat. – Hoskins parecia chocado. – Sei que ela conhecia lady Stubbs antes de ela se casar, e foi ela quem convenceu sir George a comprar a propriedade.

– Vou ter que conversar com a sra. Folliat – o inspetor disse.

– Ah, ela é uma senhora muito astuta, é sim. Ela sempre sabe de tudo o que acontece.

– Preciso conversar com ela – disse o inspetor. – Onde será que está agora?

CAPÍTULO 11

I

A sra. Folliat naquele momento estava conversando com Hercule Poirot na sala de estar grande. Ele a encontrara ali, recostada em uma poltrona em um canto da sala. Quando ele entrou, ela olhou para ele, nervosa. Então relaxou e murmurou:

– Ah, é o senhor, monsieur Poirot.

– Peço desculpas, madame. Eu a incomodo.

– Não, não. Não incomoda. Só estou descansando, nada mais. Já não sou mais tão jovem como antes. O choque... foi demais para mim.

– Compreendo – disse Poirot. – De fato, compreendo.

Com um lençinho apertado na mão pequena, a sra. Folliat olhava para o teto. Disse em tom meio endurecido pela emoção:

– Mal consigo pensar. Coitada daquela menina. Coitada, coitadinha...

– Eu sei – disse Poirot. – Eu sei.

– Tão jovem – disse a sra. Folliat. – Só estava no começo da vida. – Disse mais uma vez: – Mal consigo pensar.

Poirot olhou para ela com curiosidade. Ficou pensando que parecia ter envelhecido dez anos desde o início da tarde, quando ele a vira como a anfitriã graciosa recebendo seus convidados. Agora, o rosto dela parecia exausto, com as rugas acentuadas.

– Foi ontem mesmo que a senhora me disse que este mundo é muito perverso, madame.

– Eu disse isso? – a sra. Folliat pareceu se assustar. – É verdade... Ah, sim, estou apenas começando a ver como isto é verdade. – Ela completou, em voz baixa: – Mas nunca achei que algo assim fosse acontecer.

Mais uma vez, ele olhou para ela com curiosidade.

– O que a senhora achou que aconteceria, então? Alguma coisa?

– Não, não foi isso que eu quis dizer.

Poirot insistiu.

– Mas a senhora de fato esperava que *alguma coisa* acontecesse... Algo fora do normal.

– O senhor está me interpretando mal, monsieur Poirot. Só quero dizer que essa é a última coisa que poderia acontecer no meio de uma quermesse como esta.

– Lady Stubbs também falou de perversidade hoje pela manhã.

– Hattie, é? Ah, não fale sobre ela para mim... Não fale sobre ela. Não quero pensar nela. – Ficou em silêncio por um momento ou dois, então perguntou: – O que foi que ela disse... sobre perversidade?

– Estava falando do primo. Etienne de Sousa. Ela disse que ele era perverso, que era um homem maldoso. Também disse que tinha medo dele.

Ele observou, mas ela só sacudiu a cabeça, incrédula.

– Etienne de Sousa... Quem é?

– Claro, a senhora não estava presente no café da manhã. Esqueci, sra. Folliat. Lady Stubbs recebeu uma carta de um primo que não via desde que era menina, quando tinha quinze anos. Ele informou que viria vê-la hoje, nesta tarde.

– E ele veio?

– Veio. Chegou por volta das quatro e meia.

– Certamente... Está falando do rapaz moreno e bonito que subiu pelo caminho da balsa? Na ocasião, fiquei mesmo imaginando quem seria.

– Sim, madame, aquele era o sr. De Sousa.

A sra. Folliat disse, com firmeza:

– Se eu fosse o senhor, não prestaria atenção às coisas que Hattie diz. – Ela corou quando Poirot olhou para ela, surpreso, e prosseguiu: – Ela é como uma criança... quer dizer, usa os termos como se fosse criança... perverso, bonzinho. Não tem meios-tons. Eu não prestaria atenção no que ela disser ao senhor a respeito deste Etienne de Sousa.

Mais uma vez, Poirot refletiu. Disse devagar:

– A senhora conhece lady Stubbs muito bem, não é mesmo, sra. Folliat?

– Provavelmente, melhor do que qualquer outra pessoa.

Possivelmente, até mais do que o marido realmente a conhece. E se for o caso?

– Como ela é na verdade, madame?

– Mas que pergunta peculiar, monsieur Poirot.

– A senhora sabe, não é mesmo, que não estamos encontrando lady Stubbs em lugar nenhum?

Mais uma vez, a resposta dela o surpreendeu. Não expressou preocupação nem surpresa. Disse:

– Então ela fugiu, foi? Percebo.

– E para a senhora isso parece bem natural?

– Natural? Ah, não sei. Hattie não gosta de reconhecer os próprios erros.

– A senhora acha que ela fugiu por estar se sentindo culpada?

– Como assim, monsieur Poirot?

– O primo falou dela hoje à tarde. Mencionou de modo passageiro que ela sempre foi abaixo do normal do ponto de vista mental. Acho que a senhora deve saber, madame, que as pessoas com intelecto abaixo do normal nem sempre são responsáveis por suas ações.

– O que está tentando dizer, monsieur Poirot?

– Essas pessoas são, como a senhora disse, muito simplórias... como crianças. Em um ataque de raiva repentino, podem até matar alguém.

A sra. Folliat voltou-se para ele com nervosismo súbito.

– Hattie nunca foi assim! Não permitirei que o senhor diga tais coisas. Era uma moça gentil e de bom coração, apesar de ser... um pouco simplória do ponto de vista mental. Hattie jamais mataria *ninguém*.

Ela o encarou, respirando pesado, indignada.

Poirot ficou imaginando. Imaginou muitas coisas.

II

O delegado Hoskins apareceu, interrompendo a cena.

Disse, em tom de desculpas:

– Estava procurando pela senhora, dona.

– Boa noite, Hoskins. – A sra. Folliat tinha retomado a compostura, era mais uma vez a senhora de Nasse House. – Pois não, o que foi?

– Trago os cumprimentos do inspetor, e ele gostaria de dar uma palavra com a senhora... Se estiver disposta, quer dizer – Hoskins apressou-se em completar ao notar, como tinha acontecido com Hercule Poirot, os efeitos do choque sobre ela.

– Claro que estou disposta. – A sra. Folliat se levantou. Seguiu Hoskins e saiu da sala. Poirot, que tinha se levantado por educação, sentou-se novamente e ficou olhando para o teto com a testa franzida, em expressão intrigada.

O inspetor se levantou quando a sra. Folliat entrou, e o delegado puxou a cadeira para que ela se sentasse.

– Sinto muito por incomodá-la, sra. Folliat – disse Bland. – Mas imagino que a senhora conheça todas as pessoas da vizinhança e acredito que possa nos ajudar.

A sra. Folliat deu um sorriso fraco.

– Acredito que eu conheça todo mundo por aqui melhor do que ninguém – ela disse. – O que o senhor deseja saber, inspetor?

– A senhora conhecia os Tucker? A família e a menina?

– Ah, sim, é claro, sempre foram inquilinos da propriedade. A sra. Tucker era a mais nova de uma família grande. O irmão mais velho dela era nosso jardineiro-chefe. Ela casou-se com Alfred Tucker, que é um trabalhador do campo... Um homem burro, mas muito simpático. A sra. Tucker é um tanto ranzinza. É uma boa dona de casa, sabe, e mantém tudo sempre muito limpo, mas Tucker nunca tem permissão de passar da estrebaria com suas botas enlameadas. Esse tipo de coisa. Ela reclama muito dos filhos. A maior parte deles já se casou e arrumou emprego. Só tinha sobrado a pobre menina, Marlene, e três crianças menores. Dois meninos e uma menina que ainda estão na escola.

– Bom, conhecendo a família como a senhora conhece, consegue imaginar algum motivo por que Marlene poderia ter sido assassinada hoje?

– Não, para falar a verdade, não consigo. É algo bastante inacreditável, se é que me entende, inspetor. Não tinha namorado nem nada do gênero; pelo menos, acho que não. Afinal, nunca ouvi dizer nada sobre isso.

– E as pessoas que participaram desta caça ao assassino? Pode me dizer alguma coisa sobre elas?

– Bom, eu não conhecia a sra. Oliver. Ela é bastante diferente da ideia que eu fazia a respeito de como uma escritora de livros policiais seria. Ela está muito abalada, coitadinha... Naturalmente.

– E as outras pessoas que ajudaram? O capitão Warburton, por exemplo?

– Não vejo motivo algum por que ele mataria Marlene Tucker, se é isso que o senhor está me perguntando – a sra. Folliat respondeu, com muita compostura. – Não gosto muito dele. É o que chamo de homem ardiloso, mas acredito que ele precise conhecer todas as artimanhas políticas e esse tipo de coisa, quando se trabalha nesse ramo. Certamente é um homem vivaz e se empenhou muito nesta quermesse. Não acho que *pudesse* matar a menina, de todo modo, porque passou a tarde toda no gramado.

O inspetor assentiu.

– E o casal Legge? O que sabe sobre eles?

– Bom, parecem formar um jovem casal muito simpático. Ele tem a tendência de ser, como eu diria... mal-humorado. Não sei muita coisa sobre ele. O sobrenome dela era Carstairs antes do casamento, e conheço alguns parentes dela muito bem. Alugaram Mill Cottage por dois meses, e espero que tenham aproveitado as férias aqui. Nós todos nos demos muito bem.

– Soube que é uma moça bonita.

– Ah, sim, muito bonita.

– A senhora diria que sir George se sentiu atraído por ela em algum momento?

A sra. Folliat pareceu bastante surpresa.

– Ah, não, tenho certeza de que nunca houve nada do tipo. Todo o tempo de sir George é tomado pelo trabalho, e ele gosta muito da esposa. Não é o tipo de homem galanteador, de maneira alguma.

– E a senhora diria que não havia nada entre lady Stubbs e o sr. Legge?

Mais uma vez, a sra. Folliat sacudiu a cabeça.

– Ah, não, estou bem certa disso.

O inspetor insistiu.

– Não houve nenhum tipo de problema entre sir George e a esposa de que a senhora tenha conhecimento?

– Tenho certeza que não – a sra. Folliat respondeu, em tom enfático. – E eu saberia se houvesse.

– Então, o fato de lady Stubbs ter ido embora não estaria conectado a um desentendimento entre marido e mulher?

– Ah, não. – Ela completou, em tom despreocupado: – Aquela menina boba, pelo que sei, não queria se encontrar com o tal primo. Era uma fobia infantil. Então ela fugiu, exatamente como uma criança faria.

– Essa é a opinião da senhora. Não acredita que haja alguma outra coisa?

– Ah, não. Acredito que ela vá aparecer logo. Vai estar bastante envergonhada de si mesma. – Ela completou, despreocupada: – O que aconteceu com o tal primo, aliás? Ele ainda está aqui na casa?

– Soube que ele voltou para o iate.

– Está ancorado em Helmmouth, é isso?

– Sim, em Helmmouth.

– Percebo – disse a sra. Folliat. – Bom, é uma pena... O fato de Hattie se comportar de maneira assim tão infantil. No entanto, se ele for ficar um dia ou mais, providenciaremos para que ela se comporte da maneira adequada.

O inspetor reparou que se tratava de uma pergunta, mas, apesar de ter notado, não respondeu.

– A senhora deve estar achando que isso não tem muito a ver com a questão – ele disse. – Mas precisa compreender, sra. Folliat,

que precisamos cobrir um terreno bastante extenso. A srta. Brewis, por exemplo. O que acha da srta. Brewis?

– Bom, ela é uma excelente secretária. Mais do que secretária. Ela praticamente atua como governanta aqui. Aliás, não sei o que fariam sem ela.

– Ela já era secretária de sir George antes de ele se casar?

– Acredito que sim. Não estou bem certa. Só a conheci quando veio para cá com eles.

– Ela não gosta muito de lady Stubbs, não é mesmo?

– Não – a sra. Folliat respondeu. – Acredito que não goste.

Acho que as boas secretárias nunca simpatizam muito com as esposas, se é que me entende. Talvez seja natural.

– Foi a senhora ou lady Stubbs quem pediu à srta. Brewis que levasse bolos e suco de frutas para a menina na casa de barcos?

A sra. Folliat pareceu levemente surpresa.

– Lembro de ter visto a srta. Brewis pegando alguns bolos e outras coisas e dizendo que levaria tudo para Marlene. Não sabia que alguém tinha lhe pedido especialmente que assim o fizesse, nem que tomasse essa providência. Certamente não fui eu.

– Percebo. A senhora disse que ficou na barraca de chá a partir das quatro horas. Acredito que a sra. Legge também estava tomando chá na mesma hora.

– A sra. Legge? Não, acho que não. Pelo menos, não me lembro de tê-la visto por lá. Aliás, estou bem certa de que ela não esteve lá. O fluxo foi grande quando o ônibus de Torquay chegou, e me lembro de ter dado uma olhada nas pessoas que estavam na barraca e pensar que deviam ser todos turistas de verão; não havia quase nenhum rosto que eu conhecesse. Acho que a sra. Legge deve ter tomado seu chá mais tarde.

– Ah, bom – disse o inspetor. – Não faz diferença. – Ele completou, em tom suave: – Bom, realmente acho que isto é tudo. Muito obrigado, sra. Folliat, por sua gentileza. Espero que lady Stubbs retorne em breve.

– Eu também espero – respondeu a sra. Folliat. – É muito descuido desta pobre criança nos causar tanta ansiedade. – Ela falou com animação, mas o tom de sua voz não era nada natural. –

Tenho certeza – disse a sra. Folliat – de que ela está *muito bem*.
Muito bem.

Naquele instante, a porta se abriu e uma moça ruiva e bonita com o rosto sardento entrou e disse:

– Ouvi dizer que o senhor estava à minha procura?

– Esta é a sra. Legge, inspetor – disse a sra. Folliat. – Sally, querida, não sei se está a par da coisa terrível que aconteceu, está?

– Ah, sim! Chocante, não é mesmo? – disse a sra. Legge.

Soltou um suspiro de exaustão e se afundou na cadeira quando a sra. Folliat saiu da sala. – Sinto muitíssimo por tudo isso – ela disse.

– Parece realmente inacreditável, se é que me entende. Creio que não possa ajudá-lo em nada. Sabe, passei a tarde toda lendo o futuro, de modo que não vi nada do que estava acontecendo.

– Eu sei, sra. Legge. Mas simplesmente preciso fazer a todos as mesmas perguntas de rotina. Por exemplo, exatamente onde a senhora estava entre as quatro e quinze e as cinco horas?

– Bom, fui tomar chá às quatro horas.

– Na barraca do chá?

– Sim.

– Estava bastante apinhada de gente, creio?

– Ah, estava lotada de dar medo.

– Viu alguém que conhecesse por lá?

– Ah, uma ou outra pessoa. Ninguém que valha a pena mencionar. Meu Deus, como eu queria tomar um chá! Eram quatro horas, como disse. Voltei para a barraquinha de ler a sorte às quatro e meia e continuei com meu trabalho. E só Deus sabe o que eu estava prometendo às mulheres no fim. Marido milionário, sucesso em filmes de Hollywood... Vá saber o que mais. Simples viagens pelo mar e morenas suspeitas me pareceram muito inofensivas.

– O que aconteceu nessa meia hora em que a senhora se ausentou? Quer dizer, supondo que houvesse alguém querendo ler o futuro?

– Ah, coloquei um aviso na frente da barraca. “Retorno às quatro e meia.”

O inspetor fez uma anotação em seu bloquinho.

– Quando foi a última vez que viu lady Stubbs?
– Hattie? Na verdade, não sei dizer. Ela estava por perto quando saí da barraca de leitura do futuro para tomar chá, mas não falei com ela. Depois, não lembro de tê-la visto. Alguém acaba de me dizer que ela está desaparecida. É verdade?
– É, sim.
– Ah, bom – Sally Legge disse, animada. – Ela é um pouco desregulada no andar de cima, sabe? Ouso dizer que o fato de um assassinato ter ocorrido aqui deve tê-la assustado.
– Bom, muito obrigado, sra. Legge.
A sra. Legge aceitou a deixa com prontidão. Saiu e cruzou com Hercule Poirot à porta.

III

O inspetor olhou para o teto e falou.
– A sra. Legge diz que estava na barraca do chá entre quatro e quatro e meia. A sra. Folliat diz que ficou ajudando na barraca de chá a partir das quatro horas, mas que a sra. Legge não estava entre os presentes. – Fez uma pausa e então prosseguiu: – A srta. Brewis diz que lady Stubbs pediu-lhe que levasse uma bandeja de bolos e suco de frutas para Marlene Tucker. Michael Weyman diz ser quase impossível lady Stubbs ter feito tal coisa... Seria muito pouco característico dela.
– Ah – disse Poirot. – Testemunhos conflitantes! Sim, eles sempre ocorrem.
– E que aborrecimentos causam até serem esclarecidos – o inspetor respondeu. – Às vezes são importantes, mas, nove entre dez vezes, não são. Bom, está claro que temos muito que desenterrar.
– E no que está pensando agora, meu caro? Quais são suas últimas ideias?
– Acredito – o inspetor disse, em tom grave – que Marlene Tucker viu algo que não devia ter visto. Acho que Marlene Tucker teve que ser morta por causa do que viu.

– Não vou contradizer o senhor – Poirot respondeu. – A questão é a seguinte: o que ela viu *de fato*?

– Ela pode ter visto um assassinato – disse o inspetor. – Ou pode ter visto a pessoa que cometeu o assassinato.

– Assassinato? – Poirot perguntou. – Assassinato de quem?

– O que acha, Poirot? Será que lady Stubbs está viva ou morta?

Poirot demorou um momento ou dois para responder. Então, disse:

– Acredito, *mon ami*, que lady Stubbs esteja morta. E vou lhe dizer *por quê*. É *porque a sra. Folliat acredita que ela esteja morta*. Sim, independentemente do que possa dizer agora, ou do que finja pensar, a sra. Folliat acredita que Hattie Stubbs esteja morta. – E completou: – A sra. Folliat sabe de muitas coisas que nós não sabemos.

CAPÍTULO 12

Hercule Poirot chegou para tomar café da manhã no dia seguinte e deparou com a mesa vazia. A sra. Oliver, ainda abalada pelo choque do dia anterior, resolveu tomar o desjejum na cama. Michael Weyman tinha tomado uma xícara de café e saído cedo. Apenas sir George e a fiel srta. Brewis estavam à mesa do café da manhã. Sir George apresentava provas irrefutáveis de seu estado mental ao se recusar a comer qualquer coisa. O prato estava quase intocado à sua frente. Ele empurrou para o lado uma pequena pilha de cartas que a srta. Brewis tinha colocado perto dele depois de abrir. Bebia café com ar de quem não sabia o que estava fazendo. Disse, de maneira automática:

– Bom dia, monsieur Poirot.

Depois disso, retornou a seu estado de preocupação. Vez por outra, pensava alto.

– Esta desgraça toda é muito inacreditável. Onde ela *pode* estar?

– O inquérito ocorrerá no instituto, na quinta-feira – a srta. Brewis informou. – Ligaram para nos informar.

O patrão olhou para ela como se não tivesse compreendido.

– Inquérito? – perguntou. – Ah, sim, é claro. – Parecia atordoado e desinteressado. Depois de mais um ou dois goles de café, disse: – As mulheres são indecifráveis. O que ela acha que está fazendo?

A srta. Brewis apertou os lábios. Poirot teve a percepção bastante exata de que ela estava em estado acentuado de tensão.

– Hodgson virá ter com o senhor nesta manhã – ela observou. – Para falar sobre a instalação de eletricidade nos estábulos de ordenha na fazenda. E ao meio-dia temos...

Sir George interrompeu.

– Não posso receber ninguém. Dispense todos! Como diabos acha que alguém pode cuidar dos negócios se está preocupado e sem cabeça para nada por causa da mulher?

– Se o senhor quer assim, sir George, que seja – a srta. Brewis deu a resposta doméstica equivalente à de um advogado. O descontentamento dela era óbvio.

– Nunca se sabe o que as mulheres enfiam na cabeça nem que coisas tolas são capazes de fazer! – sir George disse. – O senhor concorda, não é mesmo? – Esta pergunta ele dirigiu a Poirot.

– *Les femmes?* São indecifráveis – Poirot respondeu, erguendo as sobrancelhas e as mãos com fervor gaulês. A srta. Brewis assoou o nariz, em um gesto aborrecido.

– Ela *parecia* estar bem – disse sir George. – Muito contente com o anel novo, arrumou-se toda para aproveitar a quermesse. A mesma coisa de sempre. Não tivemos discussões nem brigas de qualquer espécie. Como pode sair assim, sem falar nada?

– Queria falar sobre as cartas, sir George – a srta. Brewis começou.

– Que se danem as malditas cartas para o inferno – sir George respondeu e empurrou a xícara de café para o lado.

Pegou as cartas que estavam ao lado do prato e mais ou menos jogou-as em cima dela.

– Responda como bem entender! Não vou me incomodar com isso. – E prosseguiu, mais ou menos falando consigo mesmo, em tom magoado: – Parece que eu não posso fazer nada... Nem sei se aquele sujeito da polícia presta para alguma coisa. Com aquela fala mansa dele e tudo o mais.

– A polícia é muito eficiente, creio – a srta. Brewis disse. – Tem vastos recursos para descobrir o paradeiro de pessoas desaparecidas.

– Às vezes, demora dias para encontrar alguma criança desgraçada que fugiu e se escondeu em um monte de feno – respondeu sir George.

– Não acredito que lady Stubbs esteja em um monte de feno, sir George.

– Ah, se pelo menos eu pudesse fazer alguma coisa... – repetiu o marido infeliz. – Acho, sabe como é, que vou colocar um anúncio nos jornais. Pode anotar, Amanda? – Fez uma pausa para refletir por um momento. – *Hattie. Por favor, volte para casa. Estou desesperado. George.* Em todos os jornais, Amanda.

A srta. Brewis respondeu, ácida:

– Lady Stubbs não tem o hábito de ler jornais, sir George. Ela não tem interesse algum por atualidades nem pelo que acontece no mundo. – E completou, só para provocar, mas sir George não estava com disposição para apreciar provocações. – Claro, o senhor poderia colocar um anúncio na *Vogue*. Assim talvez chamasse a atenção dela.

Sir George apenas respondeu:

– Pode colocar em qualquer lugar, apenas tome as providências.

Ele se levantou e caminhou em direção à porta. Colocou a mão na maçaneta e recuou alguns passos. Falou diretamente com Poirot.

– Veja bem, Poirot – disse. – Não acha que ela esteja morta, acha?

Poirot ficou com os olhos fixos na xícara de café ao responder:

– Devo dizer que ainda é muito cedo, sir George, para tirar qualquer conclusão deste tipo. Não há razão por que alimentar tal ideia.

– Então, o senhor acha que sim – sir George respondeu, pesaroso. – Bom – completou, em tom desafiador –, eu *não* acho! *Eu* digo que ela está muito bem. – Assentiu com a cabeça várias vezes, em um gesto cada vez mais desafiador, saiu e bateu a porta atrás de si.

Poirot passou manteiga em uma torrada, pensativo. Nos casos em que havia qualquer suspeita de assassinato de uma esposa, ele sempre suspeitava do marido automaticamente. (Da mesma maneira, quando era o marido o morto, ele suspeitava da esposa.) Mas, neste caso, ele não suspeitava de que sir George tivesse dado cabo de lady Stubbs. Baseado na breve observação que fizera dos dois, tinha bastante certeza de que sir George era dedicado à

mulher. Além disso, até onde podia se fiar em sua memória excelente (e ele realmente podia se fiar nela), sir George passara a tarde toda no gramado até que ele próprio saíra de lá com a sra. Oliver para encontrar o corpo. Continuava no gramado quando retornou com a notícia. Não, não tinha sido sir George o responsável pela morte de Hattie. Isso se Hattie estivesse morta. Afinal de contas, Poirot disse para si mesmo, ainda não havia razão para acreditar nisto. O que ele tinha acabado de dizer a sir George era bem verdade. Mas, em sua mente, a convicção era inabalável. O padrão, refletiu, era o padrão de assassinato: assassinato duplo.

A srta. Brewis interrompeu seus pensamentos ao falar em tom ressentido, quase lacrimoso.

– Os homens são tão tolos – ela disse. – São uns tolos completos! São bastante sagazes em alguns aspectos, e daí vão lá e se casam com o tipo de mulher completamente errado.

Poirot sempre tinha disponibilidade para deixar as pessoas falarem. Quanto mais as pessoas falavam com ele, e quanto mais coisas diziam, melhor. Quase sempre havia um grão de trigo no meio do joio.

– A senhorita acha que este era um casamento infeliz? – ele quis saber.

– Desastroso... Bastante desastroso.

– Está dizendo que os dois não eram felizes juntos?

– Ela exerce influência absolutamente negativa sobre ele, em todos os aspectos.

– Ah, mas esta informação me interessa muito. Que tipo de influência negativa?

– Faz com que ele corra de um lado para o outro para atender a todos os caprichos dela, arranca presentes caros dele... Muito mais joias do que qualquer mulher é capaz de usar. E peles. Ela tem dois casacos de mink e um de arminho russo. Eu gostaria de saber para que qualquer mulher precisa de dois casacos de mink.

Poirot sacudiu a cabeça.

– Esta pergunta eu não sei responder – disse.

– É matreira – prosseguiu a srta. Brewis. – Dissimulada!

Sempre se fazendo de simplória... principalmente quando tem

gente aqui. Suponho que seja porque ela acha que ele gosta dela assim!

– E ele gosta dela assim?

– Ah, os homens! – disse a srta. Brewis, com a voz trêmula, à beira da histeria. – Não apreciam a eficiência nem o altruísmo, nem a lealdade ou qualquer uma dessas qualidades! Ah, com uma esposa inteligente e capaz, sir George teria chegado a algum lugar.

– Chegado aonde? – Poirot perguntou.

– Bom, ele poderia ter assumido papel de destaque na política local. Ou se apresentado como candidato ao Parlamento. Ele é um homem muito mais capaz em um palanque do que o sr. Masterton... que é um orador muito fraco e sem inspiração. Deve sua posição inteiramente à esposa. A sra. Masterton é a força por trás do trono. Ela tem todo o ímpeto e a iniciativa de um político perspicaz.

Poirot estremeceu internamente com a ideia de ser casado com a sra. Masterton, mas concordou com a verdade das palavras da srta. Brewis.

– Sim – ele disse. – Ela é mesmo tudo o que a senhorita diz. Uma *femme formidable* – murmurou para si mesmo.

– Sir George não parece ser ambicioso – a srta. Brewis prosseguiu. – Parece bem contente de viver aqui e fazer tudo sem pressa e exercer o papel de fidalgo rural, ir até Londres apenas de vez em quando para cumprir suas obrigações legais e tudo o mais, mas poderia ser muito mais do que isso com sua capacidade. Ele é realmente um homem muito notável, monsieur Poirot. Aquela mulher nunca o compreendeu. Ela apenas o considera uma espécie de máquina de onde ela pode tirar casacos de pele e joias... e roupas caras. Se ele fosse casado com alguém que realmente aprecia suas habilidades... – Ela perdeu a compostura, sua voz começou a tremer, cheia de incerteza.

Poirot olhou para ela com verdadeira compaixão. A srta. Brewis estava apaixonada por seu empregador. Ela lhe oferecia devoção fiel, leal e apaixonada, da qual ele provavelmente não fazia ideia e pela qual certamente não se interessaria. Para sir George, Amanda Brewis era uma máquina eficiente que tirava o peso das atividades maçantes do dia a dia de cima de seus ombros, que atendia o

telefone, escrevia cartas, contratava empregados, providenciava refeições e, de maneira geral, facilitava a vida para ele. Poirot duvidava que ele alguma vez tivesse pensado nela como mulher. E isso, ele refletiu, tinha lá seus perigos. As mulheres eram capazes de enfiar coisas na cabeça, de chegar próximas à histeria sem que fossem notadas pelo homem desatento que era o objeto de sua devoção.

– É uma loba ardilosa, astuta e inteligente, é isso que ela é – disse a srta. Brewis, chorosa.

– Observo que a senhorita diz *é*, e não *era* – Poirot comentou.

– Claro que ela não está morta! – disse a srta. Brewis, em tom de desdém. – Fugiu com algum homem, foi o que fez! É bem o jeito dela.

– É possível, é sempre possível – disse Poirot. Pegou mais uma fatia de torrada, inspecionou o pote de marmelada sem nenhum entusiasmo e examinou a mesa para ver se havia algum tipo de geleia. Como não havia, ele se resignou à manteiga.

– Esta é a única explicação – a srta. Brewis disse. – É claro que *e/e* não pensaria nisso.

– Já houve... algum... problema com homens? – Poirot perguntou, com toda a delicadeza.

– Ah, ela sempre foi muito esperta – respondeu a srta. Brewis.

– Está dizendo que já observou alguma coisa do tipo?

– Ela toma todo o cuidado para que eu não observe – a srta. Brewis disse.

– Mas a senhorita acha que deve ter havido... como posso colocar? ...Episódios sorrateiros?

– Ela fez tudo o que pôde para fazer Michael Weyman de bobo – a srta. Brewis afirmou. – Levando-o para ver os jardins de camélias nesta época do ano! Fingindo tanto interesse no pavilhão de tênis.

– Mas ele está aqui por questões profissionais e, pelo que eu soube, sir George encomendou a construção principalmente para agradar à mulher.

– Ela não joga bem tênis – a srta. Brewis respondeu. – Não é boa em esporte algum. Só deseja um cenário bonito para se

acomodar enquanto os outros correm de um lado para o outro e passam calor. Ah, sim, ela fez tudo o que pôde para fazer Michael Weyman de bobo. E provavelmente teria feito, se ele não tivesse outras possibilidades em vista.

– Ah – disse Poirot, servindo-se de uma quantidade ínfima de marmelada, que colocou na pontinha de uma fatia de torrada e mordiscou, cheio de dúvidas. – Então, monsieur Weyman tem outras possibilidades em vista?

– Foi a sra. Legge quem o recomendou a sir George – a srta. Brewis informou. – Ela o conheceu antes de se casar. Acredito que esteja relacionado a Chelsea e tudo mais. Sabe, ela era pintora.

– Ela parece ser uma jovem muito bonita e inteligente – disse Poirot, sentindo o terreno.

– Ah, sim, ela é muito inteligente – a srta. Brewis respondeu. – Tem diploma universitário, e ousou dizer que poderia ter seguido carreira se não tivesse se casado.

– Faz tempo que se casou?

– Cerca de três anos, acredito. Acho que o casamento não foi muito bem sucedido.

– Há alguma... incompatibilidade?

– Ele é um rapaz estranho, muito mal-humorado. Caminha muito por aí sozinho e já o ouvi falar com ela de maneira muito irritada algumas vezes.

– Ah, bom – disse Poirot. – Brigas e reconciliações fazem parte do início da vida de um casal. Sem isso, é possível que a vida ficasse muito tediosa.

– Ela tem passado muito tempo com Michael Weyman desde que ele chegou – a srta. Brewis afirmou. – Acho que era apaixonado por ela antes que se casasse com Alec Legge. Arrisco-me a dizer que, da parte dela, não passa de um flerte.

– Mas talvez o sr. Legge não tenha ficado muito contente com isso?

– Com ele, nunca se sabe, é muito vago. Mas acredito que ande mais de mau humor do que o normal ultimamente.

– Será que ele sentiu alguma espécie de admiração por lady Stubbs?

– Arrisco-me a dizer que ela achou que sim. Ela acha que só precisa erguer um dedo para qualquer homem se apaixonar por ela!

– De todo modo, se ela fugiu com um homem, como a senhorita sugere, não foi o sr. Weyman, porque ele continua aqui.

– É alguém com quem ela anda se encontrando às escondidas, não tenho dúvidas – disse a srta. Brewis. – Ela sempre sai de casa discretamente e vai até o bosque sozinha. Saiu ontem à noite, depois de bocejar e dizer que estava indo para a cama. Não tinha passado nem meia hora quando a vi se esgueirando pela porta lateral com um xale por cima da cabeça.

Poirot olhou pensativo para a mulher à sua frente. Ficou imaginando se as afirmações que a srta. Brewis fazia a respeito de lady Stubbs podiam ter algum nível de credibilidade, ou se aqueles eram apenas pensamentos positivos de sua parte. Ele tinha certeza de que a sra. Folliat não compartilhava das ideias da srta. Brewis, e que a sra. Folliat conhecia Hattie muito melhor do que a srta. Brewis poderia conhecer. Se lady Stubbs tivesse fugido com um amante, isso certamente se encaixaria muito bem nos planos da srta. Brewis. Sobraria só ela para consolar o marido abandonado e para providenciar o divórcio para ele, com muita eficiência. Mas não era por isso que a hipótese se transformava em verdadeira, ou provável, ou até mesmo plausível. Se Hattie Stubbs tivesse fugido com um amante, tinha escolhido um momento muito curioso para fazê-lo, Poirot pensou. Pessoalmente, ele não acreditava que isso tivesse acontecido.

A srta. Brewis fungou e reuniu as correspondências espalhadas.

– Se sir George realmente quer mandar publicar aqueles anúncios, acho que é melhor eu tomar as providências – ela disse. – É uma bobagem e perda de tempo completa. Ah, bom dia, sra. Masterton – ela completou quando a porta se abriu com autoridade, e a sra. Masterton entrou.

– Ouvi dizer que o inquérito está marcado para quinta-feira – a voz dela ribombou. – Bom dia, monsieur Poirot.

A srta. Brewis fez uma pausa, estava com a mão cheia de cartas.

– Posso ajudá-la em alguma coisa, sra. Masterton? – ela perguntou.

– Não, obrigada, srta. Brewis. Acredito que já tenha muito a fazer nesta manhã, mas gostaria de agradecê-la pelo excelente trabalho que fez ontem. A senhorita é tão boa organizadora e trabalha com tanto afinco... Estamos todos muito agradecidos.

– Obrigada, sra. Masterton.

– Bom, não quero atrapalhar. Vou me sentar para ter uma palavrinha com monsieur Poirot.

– Encantado, madame – Poirot respondeu. Ele tinha se levantado e feito uma mesura.

A sra. Masterton puxou uma cadeira e se sentou. A srta. Brewis saiu da sala, já bem recomposta em sua eficiência usual.

– Esta é uma mulher maravilhosa – disse a sra. Masterton. – Não sei o que o casal Stubbs faria sem ela. Administrar uma casa assim dá um certo trabalho hoje em dia. Coitada de Hattie, não seria capaz de fazê-lo. Este acontecimento é tão extraordinário, monsieur Poirot. Vim aqui perguntar o que o senhor acha disto tudo.

– O que a senhora acha, madame?

– Bom, é algo muito desagradável de encarar, mas devo dizer que temos algum personagem patológico nesta parte do mundo. Espero que não seja alguém que nasceu aqui. Talvez tenha saído de um hospício... Hoje em dia sempre deixam que saiam quando ainda não estão totalmente curados. Estou dizendo que ninguém jamais ia querer estrangular aquela menina Tucker. Não poderia haver nenhum motivo, quer dizer, a não ser algo muito fora do normal. E se esse homem, seja lá quem seja, for anormal, devo dizer que ele provavelmente estrangulou aquela pobre moça, Hattie Stubbs, também. Ela não tinha a cabeça muito no lugar, sabe, pobrezinha. Se ela deparasse com um homem de aparência normal, e ele a convidasse para ir ver alguma coisa no bosque, ela provavelmente iria como se fosse um cordeirinho, sem desconfiar de nada e com toda a docilidade.

– A senhora acha que o corpo dela está em algum lugar na propriedade?

– Acho, monsieur Poirot, acho, sim. Vão encontrar assim que fizerem uma busca. Mas, veja, com cerca de 26 hectares de bosques aqui, vai demorar um pouco, caso o corpo tenha sido arrastado para o meio dos arbustos ou jogado em uma encosta coberta de árvores. Precisam mesmo é de uns cães farejadores para encontrá-la – disse a sra. Masterton, ela mesma com a aparência exata de um sabujo. – Cães farejadores! Vou eu mesma ligar para o chefe de polícia para dar a ideia.

– É bem possível que esteja certa, madame – disse Poirot. Claramente, essa era a única coisa possível de se dizer à sra. Masterton.

– Claro que estou certa – a sra. Masterton respondeu. – Mas devo dizer, sabe, que me deixa muito pouco à vontade, porque o sujeito está por aí. Quando sair daqui, vou dar uma passada no vilarejo para dizer às mães que tomem muito cuidado com as filhas... Não deixem que saiam sozinhas. Não é nada agradável pensar que temos um assassino entre nós.

– Apenas um detalhe, madame. Como um homem desconhecido poderia ter conseguido entrar na casa de barcos? Seria necessário ter uma chave para isso.

– Ah, sim – a sra. Masterton respondeu. – Isso seria muito fácil. Ela saiu, é claro.

– Saiu da casa de barcos?

– Sim, imagino que tenha ficado entediada, como acontece com as meninas. Deve ter saído para dar uma olhada ao redor. O mais provável, acredito, é que ela de fato tenha presenciado o assassinato de Hattie Stubbs. Ouviu uma briga ou algo assim, saiu para olhar e o homem, depois de dar cabo de lady Stubbs, naturalmente precisou matá-la também. Foi bem fácil carregá-la novamente para a casa de barcos, largá-la lá, sair e fechar a porta atrás de si. Era uma tranca Yale. Bastava puxar e trancar.

Poirot assentiu em um gesto de gentileza. Não era sua intenção discutir com a sra. Masterton nem observar que um fato interessante que ela não estava levando em consideração era que, se Marlene Tucker tinha sido morta fora da casa de barcos, alguém devia ter conhecimento suficiente sobre a caça ao assassino para

colocá-la de volta no lugar e na posição exata em que a vítima deveria estar. Em vez disso, disse, gentil:

– Sir George Stubbs tem certeza de que a mulher ainda está viva.

– É o que ele diz, meu caro, porque é nisso que deseja acreditar. Ele era muito dedicado a ela, sabe? – E concluiu, de maneira bastante inesperada: – Eu gosto de George Stubbs, apesar de suas origens e de ter vindo da cidade e tudo mais, ele combina muito bem com o condado. A pior coisa que se pode dizer a respeito dele é que é um pouco esnobe. E, afinal de contas, esnobismo social é algo bem inofensivo.

Poirot disse, um tanto cínico:

– Hoje em dia, madame, é certo que o dinheiro passou a ser tão bem aceito quanto um bom nascimento.

– Meu caro, não tenho como discordar do senhor. Não há necessidade para que ele seja esnobe, bastava comprar a propriedade e gastar um pouco de dinheiro por aí que nós todos viríamos bater à porta dele! Mas as pessoas gostam dele de verdade. Não só por causa do dinheiro. Claro que Amy Folliat tem algo a ver com isso. Ela os adotou e, saiba, tem muita influência nesta parte do mundo. Ah, os Folliat estão por aqui desde a época dos Tudor.

– Sempre houve membros da família Folliat em Nasse House – Poirot murmurou para si mesmo.

– É – a sra. Masterton suspirou. – Os danos causados pela guerra são uma tristeza. Rapazes mortos em batalha... o preço dos enterros e tudo mais. E daí a pessoa que herda uma propriedade não tem dinheiro para mantê-la e precisa vender...

– Mas a sra. Folliat, apesar de não ser mais a dona, continua morando na propriedade.

– Sim. E também deixou o alojamento bastante charmoso. O senhor entrou lá?

– Não, nós nos despedimos à porta.

– Não apeteceria a todo mundo a ideia de morar em um alojamento de sua própria residência e ver desconhecidos como os proprietários – disse a sra. Masterton. – Mas, para ser justa com

Amy Folliat, acho que ela não se ressentiu disso. Para falar a verdade, foi ela quem tramou a coisa toda. Não há dúvida de que ela incutiu em Hattie a ideia de morar aqui e fez com que ela convencesse George Stubbs a fazê-lo. Acredito que Amy Folliat não suportaria ver o lugar transformado em albergue ou instituição, ou dilapidado com reformas. – Ela se levantou. – Bom, preciso ir andando. Sou uma mulher ocupada.

– Claro. Precisa falar com o chefe de polícia sobre sabujos.

A sra. Masterton soltou uma risada profunda e repentina que mais parecia um ganido.

– Eu já fui criadora de sabujos – ela disse. – As pessoas dizem que me pareço um pouco com um sabujo.

Poirot ficou um pouco surpreso, e ela rapidamente percebeu.

– Aposto que o senhor já tinha pensado nisto, monsieur Poirot – ela disse.

CAPÍTULO 13

Depois que a sra. Masterton se retirou, Poirot saiu para dar um passeio pelo bosque. Os nervos dele não estavam em muito bom estado. Sentia um desejo irresistível de olhar atrás de cada arbusto e examinar cada moita de azaleia como local provável para se esconder um corpo. Finalmente chegou à Extravagância, entrou e se sentou em um banco de pedra ali, para descansar os pés que estavam encerrados em sapatos de couro apertados e de bico fino, como era seu costume.

Através das árvores, ele vislumbrava à distância o rio e a margem coberta de vegetação do outro lado. Pegou-se concordando com o jovem arquiteto: aquele não era lugar para colocar uma fantasia ornamentada como aquela. Claro que espaços poderiam ser abertos entre as árvores, mas, mesmo assim, a vista não seria adequada. Por outro lado, como Michael Weyman tinha dito, se tivesse sido colocada na ribanceira gramada perto da casa, a Extravagância poderia ter sido erguida com uma linda vista para o rio, até Helmmouth. Os pensamentos de Poirot começaram a se desviar: Helmmouth, o iate *Espérance* e Etienne de Sousa. A coisa toda tinha que se juntar em algum tipo de padrão, mas ele não conseguia visualizar que padrão seria esse. Indícios tentadores para tanto apareciam aqui e ali, mas não passava disso.

Algo brilhante chamou sua atenção e ele se abaixou para pegar. Tinha se alojado em uma pequena rachadura da base de concreto do templo. Colocou o objeto na palma da mão e olhou para ele com uma leve impressão de que o reconhecia de algum lugar. Era um pequeno berloque em forma de avião. Enquanto o examinava com a testa franzida, uma imagem lhe veio à mente. Uma pulseira. Uma pulseira de ouro com berloques pendurados. Estava sentado mais uma vez dentro da barraca, e a voz de Madame Zuleika, ou melhor, de Sally Legge, falava de mulheres

morenas e de viagens pelo mar e de boa sorte em uma carta. Sim, ela usava um bracelete no qual se pendurava uma multiplicidade de pequenos objetos de ouro. Era um desses modismos modernos que repetiam os modismos da época em que Poirot era jovem. Provavelmente tinha sido por causa disso que chamara sua atenção. Presumiu que a sra. Legge tivesse ido até a Extravagância em algum momento e um dos berloques caíra de sua pulseira. Talvez nem tivesse notado. Talvez tivesse acontecido na tarde do dia anterior.

Poirot refletiu sobre o último ponto. Então ouviu passos do lado de fora e ergueu os olhos abruptamente. Uma silhueta apareceu na frente da Extravagância e parou, sobressaltada, ao avistar Poirot. Ele examinou com atenção o rapaz magro e de tez clara que vestia uma camisa em que ampla variedade de jabutis e tartarugas estava retratada. A camisa era inconfundível. Ele a observara de perto no dia anterior, quando a pessoa que a usava lançava cocos.

Ele observou que o rapaz estava perturbado de um modo quase fora do comum. Disse rápido, com sotaque estrangeiro:

– Peço desculpas... Não sabia...

Poirot lançou um sorriso gentil para ele, mas com ar de reprovação.

– Acredito – ele disse – que esteja invadindo propriedade particular.

– Sim, sinto muito.

– Está vindo do albergue?

– Sim. Estou sim. Achei que talvez fosse possível atravessar o bosque por aqui para chegar ao cais.

– Acredito – Poirot disse, em tom gentil – que vá precisar retornar por onde veio. Aqui não há nenhum caminho que atravesse até lá.

O rapaz disse mais uma vez, mostrando todos os dentes em um sorriso com o intuito de ser agradável:

– Sinto muito. Sinto muito mesmo.

Fez uma mesura e se afastou.

Poirot saiu da Extravagância e retornou para o caminho que levava até lá, de onde ficou observando o rapaz se afastar. Quando

ele chegou ao fim do caminho, olhou por cima do ombro. Então, ao ver que Poirot o observava, apertou o passo e desapareceu em uma curva.

– *Eh bien* – Poirot disse para si mesmo. – Será que vi um assassino ou não?

O rapaz certamente tinha estado na quermesse no dia anterior e tinha ficado de cenho franzido ao deparar com Poirot, e este tinha bastante certeza de que ele sabia muito bem que não havia como chegar ao ancoradouro através do bosque. Se, de fato, estivesse procurando chegar até o cais, não teria tomado o caminho até a Extravagância, teria permanecido no nível mais baixo, próximo ao rio. Além do mais, ele chegara à Extravagância com o ar de alguém que chega a um encontro e que fica muito desconcertado ao ver a pessoa errada no lugar combinado.

– Então, é isto – Poirot disse para si mesmo. – Ele veio aqui para se encontrar com alguém. Quem iria encontrar? – Depois, refletiu mais um pouco e completou: – E por quê?

Saiu andando pelo caminho e ficou olhando para o lugar em que se perdia no meio das árvores. Agora já não havia sinal do rapaz com camisa de tartaruga. Presumiu que ele avaliara prudente retirar-se o mais rápido possível. Poirot retraiu seus passos, sacudindo a cabeça.

Perdido em pensamentos, caminhou até a Extravagância pela lateral, parou à porta e foi sua vez de se sobressaltar. Sally Legge estava lá, ajoelhada, com a cabeça inclinada por cima das rachaduras no chão. Ergueu-se de um salto, assustada.

– Ah, monsieur Poirot, que susto o senhor me deu. Não ouvi quando se aproximou.

– Estava procurando alguma coisa, madame?

– Eu... Não, não exatamente.

– Quem sabe perdeu alguma coisa – Poirot disse. – Deixou cair alguma coisa. Ou talvez... – Adotou um ar malicioso e galanteador: – Ou, quem sabe, madame, seja um encontro. Infelizmente eu não seria a pessoa com quem veio se encontrar?

A essa altura, ela já tinha recuperado a compostura.

– Mas quem é que marca um encontro no meio da manhã? – ela quis saber, com ar questionador.

– Às vezes – disse Poirot – é necessário marcar encontros nos únicos horários possíveis. Os maridos – completou, em tom de sentença – às vezes ficam com ciúme.

– Duvido que o meu fique – disse Sally Legge.

Ela proferiu as palavras com bastante leveza, mas Poirot ouviu uma sombra de amargor por trás delas.

– Ele se absorve inteiramente em seus próprios assuntos.

– Todas as mulheres reclamam disso no marido – disse Poirot.

– Especialmente quando se trata de um marido inglês – completou.

– Os estrangeiros são mais galantes.

– Nós sabemos – disse Poirot – que é necessário dizer às mulheres, pelo menos uma vez por semana, e preferivelmente três ou quatro vezes, que elas são amadas; é prudente também oferecer algumas flores, fazer alguns elogios, dizer a elas que estão bonitas com o vestido ou o chapéu novo.

– É o que *o senhor* faz?

– Eu, madame, não sou marido de ninguém – Hercule Poirot respondeu. – Infelizmente! – completou.

– Tenho certeza de que não há nada de infeliz nisto. Tenho certeza de que o senhor se sente muito feliz de ser um solteiro descompromissado.

– Não, não, madame, tudo que perdi na vida é terrível.

– Acho que casar é uma tolice – disse Sally Legge.

– A senhora se arrepende por não ficar mais pintando em seu estúdio em Chelsea?

– O senhor parece saber tudo sobre mim, monsieur Poirot, não é mesmo?

– Sou fofoqueiro – Hercule Poirot respondeu. – Gosto de saber tudo sobre as pessoas. – Ele prosseguiu: – A senhora de fato se arrepende, madame?

– Ah, não sei. – Ela se sentou no banco, impaciente. Poirot se sentou ao lado dela.

Testemunhou mais uma vez um fenômeno ao qual estava se acostumando. Aquela moça bonita e ruiva estava prestes a dizer

coisas que pensaria duas vezes antes de falar para um inglês.

– Eu queria que viéssemos para cá para tirar férias longe de tudo – ela disse. – Para que as coisas voltassem a ser o que eram... mas não foi assim que funcionou.

– Não?

– Não. Alec continua tão de mau humor quanto antes e... ah, não sei... fechado em si mesmo. Não sei qual é o problema com ele. Tão nervoso e irritadiço. Pessoas ligam para ele e deixam recados estranhos e ele se recusa a me dar explicações. É isso que me enlouquece. Ele não me diz *nada*. No começo, achei que fosse outra mulher, mas não acho que seja. Não exatamente...

Mas a voz dela tinha um certo tom de dúvida que Poirot logo notou.

– Como estava o chá ontem à tarde, madame? – ele perguntou.

– Como estava o meu chá? – Ela franziu a testa e olhou para ele. Seus pensamentos pareciam vir de longe. Então ela se apressou em dizer: – Ah, sim. Não faz ideia de como foi exaustivo ficar lá naquela barraca abafada com tantos véus. Foi sufocante.

– A barraca de chá por acaso também não estava um pouco sufocante?

– Ah, sim, estava. Mas não há nada como um bom chá, não é mesmo?

– A senhora estava à procura de alguma coisa agora há pouco, não estava, madame? Será que, por acaso, seria isto? – Ele estendeu na mão o pequeno berloque de ouro.

– Eu... Ah, sim. Ah, obrigada, monsieur Poirot. Onde encontrou?

– Estava aqui, no chão, naquela rachadura ali.

– Devo ter deixado cair em algum momento.

– Ontem?

– Ah, não, não foi ontem. Foi antes disso.

– Mas certamente que foi, madame. Lembro de ver este berloque específico no braço da senhora quando estava lendo a minha sorte.

Ninguém sabia contar uma mentira deliberada melhor do que Hercule Poirot. Ele falava com certeza total e, perante essa certeza,

as pálpebras de Sally Legge se fecharam.

– Na verdade, não me lembro – ela respondeu. – Só reparei que o tinha perdido hoje pela manhã.

– Então fico feliz – Poirot disse, galanteador – de poder devolvê-lo à senhora.

Ela remexia o pequeno berloque entre os dedos com nervosismo. Então, levantou-se.

– Bom, obrigada, monsieur Poirot, muito obrigada mesmo – ela disse. Sua respiração estava bem irregular e seus olhos, nervosos.

Ela saiu apressada da Extravagância. Poirot se recostou no banco e assentiu com a cabeça, bem devagar.

Não, disse a si mesmo, não, a senhora não foi à barraca de chá ontem à tarde. Não era por querer tomar uma xícara de chá que estava tão ansiosa para saber se já eram quatro horas. Foi *aqui* que veio ontem. Aqui, à Extravagância. *A meio caminho da casa de barcos*. Veio até aqui encontrar alguém.

Mais uma vez, escutou passos se aproximando. Passos rápidos e impacientes.

– E talvez agora esteja chegando a pessoa com quem a sra. Legge veio se encontrar – disse Poirot, sorrindo de ansiedade.

Mas daí, quando Alec Legge apareceu na frente da Extravagância, Poirot soltou:

– Errei de novo.

– Hein? O que foi isso? – Alec Legge parecia assustado.

– Eu disse que errei de novo – Poirot explicou. – Não é frequente eu errar. E isso me deixa exasperado. Não era o senhor que eu esperava ver.

– Quem o senhor esperava ver? – Alec Legge perguntou.

Poirot respondeu imediatamente.

– Um rapaz... Quase um menino... Com uma daquelas camisas alegres, com estampa de tartaruga.

Ficou feliz com o efeito de suas palavras. Alec Legge deu um passo à frente. Disse, de modo bastante incoerente:

– Como o senhor sabia? Como é que... O que quer dizer?

– Sou telepata – Hercule Poirot respondeu e fechou os olhos.

Alec Legge deu mais alguns passos adiante. Poirot tinha consciência de que um homem muito nervoso estava à sua frente.

– Que diabos quer dizer com isso? – ele exigiu saber.

– Acho que o seu amigo retornou ao albergue da juventude – Poirot respondeu. – Se desejar falar com ele, terá que ir até lá procurá-lo.

– Então é isso – Alec Legge balbuciou.

Largou o corpo na outra extremidade do banco de pedra.

– Então, foi por isso que veio até aqui? Não era questão de “distribuir prêmios”. Eu já devia saber. – Voltou-se para Poirot. Seu rosto estava cansado e infeliz. – Eu sei o que deve estar parecendo – ele disse. – Sei o que tudo isto parece. Mas não é o que o senhor está pensando. Eu sou a vítima. Vou dizer, uma vez que se cai nas garras dessas pessoas, não é assim tão fácil escapar. E eu quero escapar. Esta é a questão. Quero escapar. A gente se desespera, sabe? Dá vontade de tomar medidas desesperadas. Parece que a gente é um rato preso em uma ratoeira, e não há nada a fazer. Ah, nossa, mas de que adianta falar? O senhor sabe agora o que desejava saber, suponho. O senhor tem as suas evidências.

Ele se levantou, cambaleou um pouco, como se mal enxergasse onde pisava, e então se afastou com passos enérgicos, sem olhar para trás.

Hercule Poirot ficou para trás com os olhos muito arregalados e as sobrancelhas subindo.

– Mas que coisa tão curiosa – ele murmurou. – Curiosa e interessante. Tenho as evidências de que preciso, é isto? Evidência de quê? Assassinato?

CAPÍTULO 14

I

O inspetor Bland estava acomodado na delegacia de polícia de Helmmouth. O superintendente Baldwin, homem grande e de aparência relaxada, estava sentado do outro lado da mesa. Entre os dois homens, em cima do tampo, havia uma massa preta encharcada. O inspetor Bland cutucou o objeto com o indicador, com cautela.

– É o chapéu dela, sim – ele disse. – Estou bem certo disso, apesar de não ser capaz de jurar, creio. Parece que ela gostava deste formato. Foi o que a criada me disse. Tinha um ou dois assim. Um rosa claro e um em tom de vinho, mas ontem estava usando o preto. Sim, é este aqui. E foi tirado do rio? Se foi, parece que as coisas são mesmo o que tínhamos pensado.

– Não temos certeza de nada ainda – disse Baldwin. – Afinal de contas – ele completou –, qualquer um poderia jogar um chapéu no rio.

– É – Bland respondeu. – Alguém pode ter jogado da casa de barcos ou de um iate.

– O iate está muitíssimo bem vigiado – Baldwin afirmou. – Se ela estiver lá, viva ou morta, vai continuar lá.

– Ele não saiu do barco hoje?

– Até agora, não. Está a bordo. Passou o tempo todo em uma cadeira no convés, fumando um charuto.

O inspetor Bland olhou para o relógio.

– Está quase na hora de subirmos a bordo – ele disse.

– Acha que vai encontrá-la? – Baldwin perguntou.

– Eu não colocaria todas as minhas fichas nisto – Bland respondeu. – Sabe, tenho a sensação de que ele é um diabo bem esperto. – Perdeu-se em pensamentos por um instante, enquanto

cutucava o chapéu. Então, disse: – E o corpo? Se é que existe um corpo? Alguma ideia a esse respeito?

– Ah, isso – Baldwin respondeu. – Conversei com Otterweight hoje de manhã. É ex-integrante da guarda costeira. Sempre o consulto quando o assunto é maré e correntes. Mais ou menos na hora em que a lady foi para o rio Helm, se é que foi, a maré estava baixa. A lua está cheia, e a correnteza devia estar rápida. Ela teria sido carregada para o mar, e a corrente a levaria na direção do litoral da Cornualha. Não dá para ter certeza do lugar onde o corpo apareceria, nem se de fato apareceria. Tivemos um ou dois afogamentos aqui, e nunca conseguimos recuperar o corpo. Também pode se despedaçar nas pedras. Aqui, perto de Start Point. Por outro lado, *pode* aparecer na praia qualquer dia destes.

– Se não aparecer, vai ser difícil – disse Bland.

– O senhor tem uma boa certeza de que ela foi parar no rio?

– Não sei mais o que pode ter acontecido – o inspetor Bland respondeu, sombrio. – Sabe como é, nós conferimos os ônibus e os trens. Este lugar é um beco sem saída. Ela usava roupas chamativas e não levou nenhuma muda consigo. Então, eu diria que não saiu de Nasse. Ou o corpo está no mar ou então escondido em algum local na propriedade. – Ele prosseguiu: – O que eu realmente quero saber é qual foi o motivo. E quero achar o corpo, é claro – completou, como se a ideia só lhe tivesse ocorrido agora. – Não podemos chegar a conclusão alguma até encontrarmos o corpo.

– E a menina?

– Ela viu o assassinato... ou viu alguma coisa. Vamos chegar aos fatos no final, mas não vai ser fácil.

Baldwin, por sua vez, ergueu os olhos para o relógio.

– Está na hora de irmos – disse.

Os dois oficiais de polícia foram recebidos a bordo do *Espérance* com toda a cortesia encantadora de De Sousa. Ele lhes ofereceu bebidas, que recusaram, e então expressou interesse educado nas atividades deles.

– Avançaram no inquérito relativo à morte da menina?

– Estamos progredindo – o inspetor Bland disse a ele.

O superintendente assumiu as rédeas e expressou com muita delicadeza o objetivo da visita.

– Gostariam de fazer uma busca no *Espérance*? – De Sousa não pareceu ficar incomodado. Em vez disso, pareceu bastante surpreso. – Mas por quê? Acham que estou escondendo o assassino, ou talvez que eu próprio o seja?

– É necessário, sr. De Sousa, como tenho certeza de que compreende. Um mandado de busca...

De Sousa ergueu as mãos.

– Mas estou ansioso para cooperar... Ansioso! Vamos tratar disso entre amigos. São bem-vindos a examinar tudo o que desejarem no meu barco. E talvez achem que estou com minha prima, lady Stubbs? Acham talvez que ela fugiu do marido e veio ficar comigo? Mas façam sua busca, cavalheiros, por favor, examinem tudo.

A busca foi feita da maneira adequada. Foi bem detalhada. No final, esforçando-se para esconder a decepção, os dois policiais deixaram o sr. De Sousa.

– Não encontraram nada? Mas que decepção. Eu lhes disse que seria assim. Quem sabe agora aceitam um refresco? Não?

Ele acompanhou os dois até o local em que o bote deles os esperava.

– E em relação a mim? – perguntou. – Estou livre para zarpar? Os senhores compreendem, é um tanto tedioso ficar aqui. O tempo está bom. Eu gostaria muito de prosseguir até Plymouth.

– Se puder fazer a gentileza, gostaríamos que ficasse para o inquérito... que será amanhã. Para o caso de o responsável desejar lhe fazer alguma pergunta.

– Ah, certamente. Quero fazer tudo o que for possível. Mas, e depois disto?

– Depois disto, senhor – o superintendente Baldwin respondeu, com expressão imutável –, está livre para ir para onde desejar.

A última coisa que viram quando a lancha se afastou do iate foi o rosto sorridente de De Sousa olhando para eles.

II

O inquérito foi absolutamente desprovido de interesse. Além das evidências médicas e das evidências de identidade, havia pouco para alimentar a curiosidade dos espectadores. Pediu-se uma extensão, que foi concedida. O procedimento todo foi meramente formal.

Mas o que se seguiu ao inquérito não foi assim tão formal. O inspetor Bland passou a tarde em um passeio no barco a vapor *Devon Belle*, uma embarcação de turismo bem conhecida. Saiu de Brixwell por volta das três horas, deu a volta no promontório, prosseguiu pelo litoral, entrou na boca do Helm e subiu o rio. Havia cerca de 230 pessoas a bordo, além do inspetor Bland. Ele se acomodou do lado direito da embarcação e ficou observando a margem coberta de vegetação. Dobraram uma curva no rio e passaram pela casa de barcos isolada e coberta de telhas cinzentas que pertencia a Hoodown Park. O inspetor Bland olhou disfarçadamente para o relógio. Passava um pouquinho das quatro e quinze. Estavam se aproximando da casa de barcos de Nasse. Ela se aninhava afastada em suas árvores, com sua pequena varanda e seu pequeno píer embaixo. Não havia sinais aparentes de que houvesse alguém dentro da casa de barcos, apesar de o inspetor Bland saber com certeza que *havia*. O delegado Hoskins, de acordo com ordens recebidas, estava de plantão ali.

Próximo à escadinha de entrada da casa de barcos, havia uma pequena lancha. Na lancha, havia um homem e uma moça em trajes de férias. Estavam envolvidos em algo que parecia uma brincadeira brutalhada. A moça gritava, o homem fingia que a jogaria no rio, para fazer graça. Naquele mesmo instante, uma voz altíssima falou em um megafone.

– Senhoras e senhores – ribombou. – Estamos agora nos aproximando do famoso vilarejo de Gitcham, onde permaneceremos durante 45 minutos e onde poderão tomar um lanche com caranguejo ou lagosta, além de creme de Devonshire. À nossa esquerda está a propriedade de Nasse House. Daqui a dois ou três minutos, passaremos pela casa propriamente dita, que poderá ser

avistada através das árvores. Foi originalmente residência de sir Gervase Folliat, um contemporâneo de sir Francis Drake, que navegou com ele em sua viagem ao Novo Mundo; hoje é propriedade de sir George Stubbs. À esquerda está a Gooseacre Rock. Ali, senhoras e senhores, era costume colocar esposas ranzinhas com a maré baixa e deixá-las lá até que a água lhes batesse no pescoço.

Todo mundo a bordo do *Devon Belle* ficou olhando para Gooseacre Rock com interesse fascinado. Ouviram-se piadas, e muitas risadinhas estridentes e gargalhadas se fizeram ouvir.

Enquanto isso acontecia, o turista do barco, com um empurrão final, jogou de fato a amiga na água. Ele se debruçou e a impediu de sair, dando risadas e dizendo:

– Não, só tiro você daí quando prometer se comportar.

Mas ninguém prestou atenção a isso, à exceção do inspetor Bland. Todo mundo estava escutando o megafone, prestando atenção para conseguir obter o primeiro vislumbre de Nasse House através das árvores e olhando para Gooseacre Rock com interesse fascinado.

O turista soltou a moça, ela mergulhou e, alguns instantes depois, apareceu do outro lado do barco. Nadou até ele e subiu, erguendo-se na amurada com habilidade cheia de prática. A policial Alice Jones era uma ótima nadadora.

O inspetor Bland desembarcou em Gitcham com os outros 230 passageiros e fez um lanche com lagosta, creme do Devonshire e bolinhos. Enquanto o fazia, disse para si mesmo:

– Então, a coisa poderia ter sido feita sem que ninguém notasse!

III

Enquanto o inspetor Bland conduzia esse experimento no rio Helm, Hercule Poirot fazia sua experiência com uma barraca no gramado de Nasse House. Na verdade, era a mesma barraca que madame Zuleika tinha usado para ler o futuro. Quando o restante

das tendas e dos quiosques tinha sido desmontado, Poirot pedira para que esta permanecesse.

Entrou na barraca, fechou as abas e foi para o fundo. Com destreza, soltou as abas ali, saiu, amarrou-as novamente e mergulhou imediatamente na moita de azaleia que se localizava logo na saída. Esgueirou-se entre alguns arbustos e logo chegou a um pequeno caramanchão rústico. Era uma espécie de gazebo com a porta fechada, Poirot abriu a porta e entrou.

O interior estava muito escuro porque pouca luz atravessava as azaleias que tinham crescido ao seu redor, desde que tinha sido construído, muitos anos antes. Ali havia uma caixa com bolas e alguns aros enferrujados de croquet. Havia um ou dois tacos de hóquei quebrados, uma boa quantidade de pequenas lacraias e aranhas, e uma marca redonda irregular na poeira do chão. Poirot ficou olhando para aquilo durante um bom tempo. Ele se ajoelhou, tirou uma fita métrica do bolso e mediu as dimensões da marca com cuidado. Então, assentiu com a cabeça em sinal de aprovação.

Esgueirou-se para fora em silêncio e fechou a porta atrás de si. Então saiu pelo meio dos arbustos de azaleia em trajeto oblíquo. Subiu a colina, saindo um pouco depois no caminho que levava até a Extravagância e, de lá, para a casa de barcos.

Dessa vez, não visitou a Extravagância; seguiu diretamente pelo caminho em ziguezague até chegar à casa de barcos. Estava com a chave, de modo que destrancou a fechadura e entrou.

À exceção do corpo e da bandeja de chá com copo e prato que tinham sido removidos, o lugar estava exatamente como ele se lembrava. A polícia tinha anotado e fotografado tudo o que havia ali. Ele então se aproximou da mesa onde estava a pilha de gibis. Ele os virou, e seu rosto adotou expressão bastante parecida com a do inspetor Bland quando anotou as palavras que Marlene tinha rabiscado ali antes de morrer: "Jackie Blake fica com Susan Brown." "Peter belisca as meninas no cinema." "Georgie Porgie beija moças que passeiam no bosque." "Biddy Fox gosta de meninos." "Albert fica com Doreen."

Considerou as observações patéticas em sua crueza juvenil. Lembrou-se do rosto comum e com muitas espinhas de Marlene.

Desconfiou de que nenhum menino beliscasse Marlene no cinema. Frustrada, Marlene então buscava emoções espiando e bisbilhotando a vida de seus companheiros. Tinha espiado, bisbilhotado e visto coisas. Coisas que não devia ter visto; coisas que geralmente tinham pouca importância, mas que em uma ocasião talvez tenham tido mais importância? Algo que nem ela sabia como era importante.

Aquilo tudo era conjectura, e Poirot sacudiu a cabeça, cheio de dúvidas. Devolveu a pilha de gibis bem arrumada à mesa, sempre fiel à sua paixão por arrumação. Ao fazê-lo, de repente foi acometido pela sensação de que algo estava faltando. Alguma coisa... O que era? Algo que *devia* estar ali. Algo... Sacudiu a cabeça quando a impressão fugidia se foi.

Saiu devagar da casa de barcos, infeliz e nada satisfeito consigo mesmo. Ele, Hercule Poirot, tinha sido chamado para impedir um assassinato... E não tinha impedido. O assassinato tinha acontecido. E o mais humilhante era que até agora ele não tinha nenhuma ideia verdadeira a respeito do que tinha de fato acontecido. Era um absurdo. E, no dia seguinte, ele retornaria derrotado a Londres. Seu ego estava seriamente murcho: até os bigodes tinham caído.

CAPÍTULO 15

Uma quinzena depois, o inspetor Bland teve uma longa insatisfatória conversa com o delegado-chefe do condado.

O major Merrall tinha sobrancelhas bastas e franzidas e se parecia muito com um terrier enfezado. Mas todos os homens gostavam dele e respeitavam sua opinião.

– Muito bem, muito bem, muito bem – disse o major Merrall. – O que temos aqui? Nada que possamos resolver. E esse tal de De Sousa? Não podemos ligá-lo de modo algum à menina. Se o corpo de lady Stubbs tivesse aparecido, as coisas seriam diferentes. – Baixou as sobrancelhas na direção do nariz e ficou olhando para Bland. – O senhor acha que há um corpo, não?

– O que o senhor acha?

– Ah, eu concordo. Se não, já a teríamos encontrado. A menos, é claro, que tenha feito planos com muito cuidado. E não vejo o mínimo indício disso. Ela não tinha dinheiro, sabe? Examinamos todo o lado financeiro da coisa. Sir George é que tinha dinheiro. Deu uma boa quantia a ela, mas ela não tem nenhum centavo próprio. E não há vestígios de algum amante. Não há rumores nem fofocas... E, em um lugar interiorano como este, haveria, pode ter certeza.

Caminhou de um lado para o outro.

– O fato nu e cru é que nós não sabemos. Achamos que De Sousa, por algum motivo próprio desconhecido, tenha dado cabo da vida da prima. O mais provável é que ele tenha feito com que ela se encontrasse com ele na casa de barcos e entrasse na lancha, de onde depois a empurrou para o rio. O senhor fez um teste para ver se era possível?

– Minha nossa, senhor! Daria para afogar um barco cheio de gente no rio ou no mar durante a temporada de férias. Ninguém daria a mínima. Todo mundo fica berrando e se empurrando o

tempo todo. Mas o que De Sousa não sabia era que havia uma menina na casa de barcos, entediada até não poder mais e sem nada para fazer, e apostou dez para um como estava olhando pela janela.

– Hoskins olhou pela janela para assistir à performance que vocês montaram, e o senhor não o viu?

– Não, senhor. Não daria para ter ideia de que havia alguém dentro da casa de barcos, a não ser que a pessoa saísse à varanda e se revelasse...

– Talvez a menina tenha saído à varanda. De Sousa percebe que ela viu o que ele estava fazendo, então desembarca e fala com ela, faz com que ela o deixe entrar na casa de barcos ao perguntar o que está fazendo ali. Ela explica, contente com seu papel na caça ao assassino, ele coloca a corda ao redor do pescoço dela com ar de brincadeira e... vupt... – O major Merrall fez um gesto expressivo com as mãos. – Pronto! Certo, Bland, certo. Digamos que foi assim que aconteceu. Especulação pura. Não temos evidência alguma e, se tentarmos deter De Sousa neste país, ficaríamos com um ninho de vespas nas mãos. Precisamos deixá-lo partir.

– Ele *vai* partir, senhor?

– Vai zarpar com o iate daqui a uma semana. Vai voltar para a ilha desgraçada dele.

– Então não temos muito tempo – o inspetor Bland disse, desanimado.

– Há outras possibilidades, suponho?

– Ah, sim, senhor, há várias outras possibilidades. Ainda acredito que ela deve ter sido assassinada por alguém que estava a par dos fatos da caça ao assassino. Podemos isentar duas pessoas completamente. Sir George Stubbs e o capitão Warburton. Estavam cuidando de apresentações no gramado e passaram a tarde toda ocupados. Dúzias de pessoas atestam que os viram. O mesmo se aplica à sra. Masterton, quer dizer, se é que ela pode ser incluída.

– Inclua todos – disse o major Merrall. – Ela não para de me telefonar para falar sobre cães farejadores. Em uma história de detetive – ele completou, esperançoso –, ela seria *exatamente* a culpada. Mas, que coisa, conheço Connie Masterton muito bem, a

vida toda. Simplesmente não vejo como ela poderia sair por aí estrangulando meninas ou dando cabo de mulheres bonitas e exóticas. Então, quem mais temos?

– Temos a sra. Oliver – disse Bland. – Foi ela quem criou a caça ao assassino. É bastante excêntrica e passou a maior parte da tarde sozinha. Depois há ainda o sr. Alec Legge.

– O sujeito da casinha cor-de-rosa, é?

– Ele mesmo. Saiu da quermesse bem cedo, ou não foi visto por lá. Ele disse que se encheu e voltou para casa a pé. Por outro lado, o senhor de idade que fica no ancoradouro cuidando dos barcos dos outros e ajudando no estacionamento, o velho Merdell, diz que Alec Legge passou por ele a caminho de casa por volta das cinco horas. Não antes. Isso faz com que haja uma hora em que ninguém sabe onde esteve. Ele diz, é claro, que Merdell não faz ideia de que horas eram e que está bastante enganado a respeito de quando o viu. Afinal de contas, o velho tem 92 anos.

– É bastante insatisfatório – disse o major Merrall. – Não há nenhum motivo ou algo do tipo para ligá-lo ao caso?

– É possível que estivesse tendo um caso com lady Stubbs – Bland respondeu, cheio de dúvidas. – E ela pode ter ameaçado contar para a esposa dele, e ele pode ter dado cabo dela, e a menina pode ter visto quando aconteceu...

– E ele escondeu o corpo de lady Stubbs em algum lugar?

– É. Mas Deus me perdoe se eu souber como ou onde. Os meus homens examinaram aqueles 26 hectares e não há sinal, em lugar nenhum, de terra remexida, e devo dizer que, a esta altura, já examinamos embaixo de todos os arbustos existentes. Mesmo assim, digamos que ele tenha conseguido esconder o corpo; poderia ter jogado o chapéu no rio para despistar. E Marlene Tucker o viu e ele deu cabo dela? Essa parte é sempre a mesma. – O inspetor Bland fez uma pausa, então disse: – E, é claro, temos a sra. Legge...

– O que temos para acusá-la?

– Ela não estava na barraca do chá a partir das quatro e meia, como disse que estava – o inspetor Bland disse devagar. – Percebi isso logo depois de falar com ela e com a sra. Folliat. As evidências

embasam o depoimento da sra. Folliat. E essa é a meia hora específica que nos é vital. – Fez mais uma pausa. – Então temos o arquiteto, o jovem Michael Weyman. É difícil conectá-lo ao caso de qualquer maneira, mas ele é o que eu chamaria de um assassino provável... Um daqueles jovens presunçosos e nervosinhos. Mataria qualquer um e não arrepiaria um pelo por causa disso. Se houvesse alguma evidência, eu não pensaria duas vezes.

– Chega a ser desgraçado de tão respeitador, Bland – disse o major Merrall. – O que ele diz que estava fazendo?

– É muito vago, senhor. Muito vago mesmo.

– Isso prova que ele é um arquiteto genuíno – o major Merrall respondeu, com conhecimento de causa. Havia pouco, tinha mandado construir uma casa perto do litoral. – Eles são tão vagos que às vezes fico me perguntando se estão vivos.

– Não sabe onde estava nem quando, e parece que ninguém o viu. Há alguma evidência de que lady Stubbs estava interessada nele.

– Suponho que esteja sugerindo um assassinato sexual?

– Só estou me atendo ao que consegui descobrir, senhor – o inspetor Bland respondeu, cheio de dignidade. – E depois temos a srta. Brewis... – Fez uma pausa. Foi uma longa pausa.

– Essa é a secretária, certo?

– Sim, senhor. Uma mulher muito eficiente.

Mais uma vez, uma pausa. O major Merrall olhou para seu subordinado com atenção.

– Tem alguma ideia na cabeça sobre ela, não tem? – perguntou.

– Tenho sim, senhor. Sabe, ela reconhece com bastante clareza que esteve na casa de barcos mais ou menos na hora em que o assassinato deve ter sido cometido.

– Ela faria isso se fosse culpada?

– Pode ser que sim – o inspetor Bland respondeu devagar. – Na verdade, seria a melhor coisa que ela poderia fazer. Veja bem, se ela pega uma bandeja com bolo e um refresco de frutas e diz para todo mundo que vai levar para a menina que está lá... Bom, então sua presença está confirmada. Ela vai até lá e volta e diz que a

menina estava viva naquela hora. Acreditamos na palavra dela. Mas, se o senhor se lembrar e examinar mais uma vez as evidências médicas, o dr. Cook estimou a hora da morte entre as quatro horas e as quinze para as cinco. Só temos a palavra da srta. Brewis para dar conta de que Marlene estava viva às quatro e quinze. E há um ponto curioso que veio à tona no testemunho dela. Ela me disse que lady Stubbs lhe disse para levar bolos e um refresco de fruta para Marlene. Mas outra testemunha disse com muita certeza que lady Stubbs não pensaria em algo assim. E, sabe, acho que essa pessoa tem razão. Não é do feitio de lady Stubbs. Ela era uma beleza torpe, ensimesmada e preocupada apenas com a própria aparência. Parece que nunca orientou alguma refeição nem se preocupou com qualquer outra pessoa além de ela mesma e sua beleza. Quanto mais eu penso sobre o assunto, mais me parece improvável que ela *tenha* dito à srta. Brewis que levasse alguma coisa para a menina.

– Sabe, Bland – disse Merrall. – Acho que tem alguma coisa aí. Mas, se for, qual é o motivo?

– Não há motivo para ter matado a menina – Bland respondeu. – Mas realmente acho, sabe, que ela pode ter tido motivo para matar lady Stubbs. De acordo com monsieur Poirot, sobre quem lhe falei, ela está com a cabeça virada de tão apaixonada pelo patrão. Suponhamos que tenha seguido lady Stubbs até o bosque e a matado, e que Marlene Tucker, entediada na casa de barcos, tenha saído e visto sem querer? Então é claro que precisaria matar Marlene também. O que ela faria em seguida? Colocaria o corpo da menina na casa de barcos, retornaria para casa, pegaria a bandeja e desceria até a casa de barcos mais uma vez. Assim ela justificaria sua própria ausência da quermesse e teríamos o testemunho dela, nosso único testemunho confiável em relação a Marlene Tucker ter estado viva às quatro e quinze.

– Bom – disse o major Merrall, com um suspiro. – Vá atrás dessa pista, Bland. Vá atrás dessa pista. Se ela for culpada, o que acha que ela pode ter feito com o corpo de lady Stubbs?

– Escondeu no bosque, enterrou ou jogou no rio.

– A última hipótese seria um pouco difícil, não é mesmo?

– Depende de onde o assassinato foi cometido – o inspetor respondeu. – É uma mulher bem robusta. Se aconteceu perto da casa de barcos, ela *poderia* ter carregado o corpo até lá e jogado pela beira do píer.

– Com todos os barcos de turismo que passam pelo Helm?

– Pareceria apenas mais uma brincadeira. É arriscado, mas possível. Mas acredito que seja bem mais provável ela ter escondido o corpo em algum lugar e simplesmente ter jogado o chapéu no Helm. É possível, veja, que ela, por conhecer bem a casa e o terreno, saiba de algum lugar onde é possível esconder um corpo. Pode ter conseguido jogá-lo no rio depois. Quem sabe? Isso, é claro, se ela for a culpada – o inspetor Bland completou, depois de refletir. – Mas, para falar a verdade, senhor, continuo apostando em De Sousa...

O major Merrall estava anotando observações em um bloquinho. Ergueu os olhos e limpou a garganta.

– Então a coisa é assim. Podemos resumir da seguinte maneira: temos cinco ou seis pessoas que *podem* ter matado Marlene Tucker. Algumas delas são assassinos mais prováveis do que outras, mas não podemos passar disso. De maneira geral, sabemos *por que* ela foi morta. Aconteceu porque ela viu alguma coisa. Mas até sabermos exatamente o que ela viu... *não saberemos quem a matou*.

– Colocando desta maneira, senhor, parece bem difícil.

– Ah, é difícil, sim. Mas chegaremos lá... no fim.

– E, nesse ínterim, aquele fulano vai deixar a Inglaterra, morrendo de rir, isento de dois assassinatos.

– Está bem certo de que foi ele, não é mesmo? Não estou dizendo que esteja errado. Da mesma maneira...

O delegado-chefe ficou em silêncio por um momento ou dois. Então disse, com um dar de ombros:

– De todo modo, é melhor do que se fosse um daqueles assassinos psicopatas. Se não, provavelmente teríamos um terceiro assassinato nas mãos a esta altura.

– Dizem que as coisas sempre acontecem em três – o inspetor respondeu, cabisbaixo.

Repetiu a observação na manhã seguinte, quando ficou sabendo que o velho Merdell, ao voltar para casa de seu bar preferido do outro lado do rio, em Gitcam, devia ter ultrapassado suas doses contumazes e caíra no rio quando desembarcava no ancoradouro. O barco dele foi encontrado à deriva, e o corpo do velho foi achado à noite

O inquérito foi curto e simples. A noite estava escura e encoberta, o velho Merdell tinha tomado três canecos de chope e, afinal, tinha 92 anos.

O veredicto foi de morte acidental.

CAPÍTULO 16

I

Hercule Poirot estava acomodado em uma poltrona quadrada na frente da lareira quadrada do quarto quadrado de seu apartamento em Londres. À sua frente havia vários objetos que não eram quadrados: em vez disso, eram violenta e quase impossivelmente recurvados. Cada um deles, examinado separadamente, parecia não ter função concebível em um mundo são. Pareciam improváveis, irresponsáveis e absolutamente fortuitos. Na verdade, claro, não eram nada disso.

Avaliados da maneira correta, cada um tinha seu lugar específico em um universo específico. Reunidos em seu lugar apropriado, em seu universo específico, além de fazer sentido, eles também formavam um quadro. Em outras palavras, Hercule Poirot estava montando um quebra-cabeça.

Olhou para o lugar em que o retângulo ainda exibia falhas de formatos improváveis. Era uma ocupação que ele considerava calmante e agradável. Colocava ordem na desordem. Refletiu que aquilo se assemelhava à sua profissão, de certo modo. Nela, as pessoas se deparavam com diversos fatos de aparência improvável e impossível que, apesar de parecerem não ter relação entre si, continham uma parte que se equilibrava na montagem do todo. Seus dedos ágeis pegaram uma peça de cinza escuro improvável e a encaixaram no céu azul. Era parte de um avião, como ele agora tinha percebido.

– É isto que se deve fazer – Poirot murmurou para si mesmo. – A peça improvável aqui, a peça improvável ali, a peça tão racional que não é o que parece; cada uma delas tem seu lugar pré-determinado, e uma vez que estão encaixadas, *eh bien*, é o fim da

questão! Tudo fica claro. Tudo fica *no foco*, como se diz hoje em dia.

Ele encaixou, em rápida sucessão, um pedaço pequeno de um minarete, uma outra peça que parecia parte de um toldo listrado, mas que na verdade era a parte de trás de um gato, e uma peça faltante de pôr do sol que mudava repentinamente, como um quadro de Turner, de cor de laranja para rosa.

Quando se sabe o que se está procurando, fica bem fácil, Hercule Poirot disse a si mesmo. Mas ninguém sabe o que procurar. De modo que se procura no lugar errado pelas coisas erradas. Ele suspirou, envergonhado. Seus olhos se desviaram do quebra-cabeça à sua frente para a poltrona do outro lado da lareira. Ali, havia menos de meia hora, o inspetor Bland se sentara, consumira bolinhos (bolinhos quadrados) e falara com tristeza.

Tinha ido a Londres para tratar de assuntos da polícia e, depois de cumprir sua tarefa, tinha ido fazer uma visita a monsieur Poirot. Explicou que tinha ficado imaginando se monsieur Poirot tinha tido alguma ideia. Então começou a explicar as coisas que andava pensando. Poirot concordou com cada um dos pontos que ele delineou. Considerou que o inspetor Bland tinha feito um levantamento muito justo e isento do caso.

Já fazia um mês, quase cinco semanas, desde as ocorrências em Nasse House. Tinham sido cinco semanas de estagnação e de negação. O corpo de lady Stubbs não tinha sido encontrado. Lady Stubbs, se estivesse viva, não tinha sido rastreada. Eram grandes as probabilidades de que não estivesse viva. Poirot concordou com ele.

– Claro – disse Bland –, pode ser que o corpo ainda não tenha chegado à superfície. Não dá para saber o que vai acontecer com um corpo quando cai na água. Ainda pode aparecer, mas já vai estar bem irreconhecível.

– Existe uma terceira possibilidade – Poirot observou.

Bland assentiu.

– É, já pensei nisso – ele respondeu. – Aliás, não paro de pensar. Está dizendo que o corpo está lá, em Nasse, escondido em algum lugar que não nos lembramos de examinar. Pode ser, sabe

como é. Simplesmente pode ser. A casa é velha, e com um terreno daqueles, há lugares em que a gente nunca pensa, que a gente nem sabe que existe.

Ele fez uma pausa por um momento, refletiu, e então disse:

– Tem uma casa em que estive outro dia. Construíram um abrigo antiataque aéreo, sabe, durante a guerra. Uma obra caseira meio malfeita no jardim, ao lado do muro da casa, com uma passagem para o interior, até o porão. Bom, a guerra acabou, o abrigo desabou, o material foi todo amontoado e transformado em uma espécie de jardim de pedras. Quando se caminha por aquele jardim, não dá para acreditar que já foi um abrigo antiaéreo e que havia uma câmara por baixo. Parece que foi feito com a *intenção* de ser um jardim de pedras. E o tempo todo, atrás de uma prateleira de vinhos no porão, há uma passagem que leva até ele. É disso que estou falando. Esse tipo de coisa. Algum caminho que leve a algum lugar que ninguém de fora conhece. Será que não há nenhum esconderijo para padres ou algo do tipo?

– É difícil... não naquele período.

– É o que o sr. Weyman diz... explicou que a casa foi construída em 1790 ou por aí. Não há razão para padres quererem se esconder nessa época. Ao mesmo tempo, sabe como é, pode haver, em algum lugar, alguma alteração na estrutura, algo que uma pessoa da família possa conhecer. O que acha, monsieur Poirot?

– É possível, sim – Poirot respondeu. – *Mais oui*, certamente é uma ideia. Se aceitarmos essa possibilidade, a próxima coisa que precisamos saber é quem saberia desse lugar? Suponho que alguém que tenha estado na casa possa saber?

– É. Claro que isso excluiria De Sousa. – O inspetor não parecia nada satisfeito. De Sousa continuava sendo seu suspeito favorito. – Como disse, qualquer um que tenha morado na casa, como um criado ou alguém da família, pode saber do lugar. Alguém que só ficou hospedado lá é menos provável. Pessoas de fora, como o casal Legge, menos provável ainda.

– A pessoa que certamente saberia a respeito de uma coisa dessas, e que poderia lhe dizer se perguntasse, seria a sra. Folliat – disse Poirot.

A sra. Folliat, ele pensou, sabia tudo o que havia para saber a respeito de Nasse House. A sra. Folliat sabia muita coisa.

A sra. Folliat percebeu de cara que Hattie Stubbs estava morta. A sra. Folliat sabia, antes de Marlene e Hattie Stubbs morrerem, que este era um mundo muito perverso e que havia pessoas muito perversas nele. A sra. Folliat, Poirot pensou, angustiado, era a chave para o negócio todo. Mas a sra. Folliat, refletiu, era uma chave que não viraria assim tão fácil na fechadura.

– Conversei com esta senhora várias vezes – disse o inspetor. – Muito simpática, foi muito prestativa em relação a tudo, e parece muito incomodada por não ser capaz de fazer uma sugestão útil.

Não ser capaz ou não querer?, Poirot pensou. Talvez Bland estivesse especulando a mesma coisa.

– Existe um tipo de senhora de idade que não dá para forçar – ele disse. – Não é possível assustá-las, nem persuadi-las, nem enganá-las.

Não, Poirot pensou, não era possível assustar, nem persuadir, nem enganar a sra. Folliat.

O inspetor tinha terminado o chá, suspirado e ido embora, e Poirot tinha pegado o quebra-cabeça para aliviar sua exasperação que só fazia crescer. Porque ele estava exasperado. E humilhado, além de exasperado. A sra. Oliver convocara a ele, Hercule Poirot, para elucidar um mistério. Tinha sentido que havia algo de errado, e tinha *mesmo* algo de errado. E ela procurara Hercule Poirot com toda a confiança, primeiro para que evitasse o ocorrido (e ele não evitara) e, depois, para descobrir o assassino, e ele *não* tinha descoberto o assassino. Ele estava no meio de uma névoa, o tipo de névoa na qual de vez em quando penetram feixes de luz desnorteantes. De tempos em tempos, pelo menos assim lhe parecia, ele tinha um desses vislumbres. E, a cada vez, não conseguia penetrar mais fundo. Não conseguia avaliar o valor do que parecia ter visto por um breve instante.

Poirot se levantou, foi até o outro lado da lareira, ajeitou a segunda poltrona quadrada, de modo a formar um ângulo geométrico, e se sentou nela. Tinha passado do quebra-cabeça de madeira e papelão pintado para o quebra-cabeça de um caso de

assassinato. Tirou um caderninho do bolso e escreveu, em letra de forma pequena e distinta:

“Etienne de Sousa, Amanda Brewis, Alec Legge, Sally Legge, Michael Weyman.”

Era fisicamente impossível para sir George ou Jim Warburton terem matado Marlene Tucker. Como não era fisicamente impossível que a sra. Oliver o tivesse feito, ele adicionou o nome dela depois de um curto espaço. Também juntou o nome da sra. Masterton, já que não se lembrava, que soubesse, de ter visto a sra. Masterton o tempo todo no gramado entre as quatro horas e as quinze para as cinco. Adicionou o nome de Henden, o mordomo; talvez mais pelo fato de um mordomo sinistro ter feito parte da caça ao assassino da sra. Oliver do que por ter alguma suspeita verdadeira em relação ao artista de cabelo escuro que segurava a baqueta do gongo.

Também anotou “garoto com camisa de tartaruga”, com um ponto de interrogação ao lado. Então sorriu, sacudiu a cabeça, tirou um alfinete da lapela do paletó, fechou os olhos e espetou o papel. Refletiu que aquele era um método tão bom quanto qualquer outro.

Seu aborrecimento foi justificável ao ver que o alfinete tinha perfurado o último nome anotado.

– Sou um imbecil – disse Hercule Poirot. – O que um rapaz com uma camisa de tartaruga pode ter a ver com isso?

Mas também percebeu que devia ter tido alguma razão para incluir aquele personagem enigmático na lista. Lembrou-se mais uma vez do dia em que estava sentado na Extravagância e da surpresa no rosto do rapaz ao vê-lo ali. Não era um rosto muito agradável, apesar de sua beleza juvenil. Era um rosto arrogante e cruel. O rapaz tinha ido até lá por algum motivo. Tinha ido encontrar alguém, e essa pessoa ele não podia ou não queria encontrar da maneira comum. De fato, era um encontro marcado para não chamar atenção. Um encontro cheio de culpa. Será que tinha algo a ver com o assassinato?

Poirot deu prosseguimento a suas reflexões. Um rapaz que estava hospedado no albergue da juventude, quer dizer, um rapaz que passara no máximo dois dias na área. Será que estava ali só a passeio? Como um dos vários jovens estudantes que visitam a Grã-

Bretanha? Ou será que estava lá por um motivo específico, para se encontrar com uma pessoa específica? Pode ter havido um encontro que parecia casual no dia da quermesse... possivelmente tinha havido.

Tenho bastante informação, Hercule Poirot disse a si mesmo. Tenho em minhas mãos muitas e muitas peças do quebra-cabeça. Faço uma ideia do tipo de crime que este foi, mas não devo estar examinando os fatos da maneira correta.

Virou uma página do caderninho e escreveu:

Será que lady Stubbs pediu à srta. Brewis que levasse chá para Marlene? Se não, por que a srta. Brewis diz que ela pediu?

Refletiu sobre a questão. Seria muito provável que a própria srta. Brewis pudesse ter tido a ideia de levar bolo e refresco de fruta para a menina. Mas, se foi assim, por que ela não disse, simplesmente? Por que mentir afirmando que lady Stubbs tinha lhe pedido que o fizesse? Será que era porque a srta. Brewis fora até a casa de barcos e encontrara Marlene morta? A menos que a srta. Brewis fosse a culpada pelo assassinato, isso parecia bastante improvável. Não era uma mulher nervosa nem criativa. Se tivesse encontrado a menina morta, certamente teria dado o alarme imediatamente, não?

Ficou olhando por alguns momentos para as duas perguntas que tinha anotado. Não conseguia deixar de sentir que, em algum lugar naquelas palavras, havia alguma indicação vital para a verdade que lhe escapava. Depois de quatro ou cinco minutos de reflexão, anotou mais uma coisa.

Etienne de Sousa declara que escreveu para a prima três semanas antes de sua chegada a Nasse House. Será esta afirmação verdadeira ou falsa?

Poirot tinha quase certeza de que era falsa. Ele se lembrava da cena à mesa do café da manhã. Parecia não haver razão plausível para que sir George ou lady Stubbs fingissem surpresa e, no caso dela, aflição, se não se sentissem assim. Não conseguia ver

objetivo algum nisso. Mas, partindo do princípio que Etienne de Sousa tinha mentido, por que mentira? Para dar a impressão de que sua visita tinha sido anunciada e bem-vinda? Talvez fosse o caso, mas esse parecia um motivo muito duvidoso. Certamente não havia *evidências* de que tal carta tivesse sido escrita ou recebida. Será que era uma tentativa da parte de De Sousa para estabelecer sua legitimidade, para fazer com que sua visita parecesse natural e até mesmo esperada? Certamente, sir George o recebera de maneira bem simpática, apesar de não conhecê-lo.

Poirot fez uma pausa, seus pensamentos ficaram em suspenso. *Sir George não conhecia De Sousa. A mulher dele, que o conhecia, não o tinha visto.* Será que havia algo *ai*? Seria possível que o Etienne de Sousa que chegara naquele dia à quermesse não fosse o verdadeiro Etienne de Sousa? Ele examinou a ideia na mente, mas ainda desta vez não conseguiu encontrar razão para tanto. O que De Sousa teria a ganhar ao chegar e se apresentar como De Sousa se não fosse De Sousa? De todo modo, De Sousa não tirou nenhum benefício da morte de Hattie. Como a polícia afirmou, Hattie não tinha dinheiro próprio nenhum, a não ser a quantia que o marido lhe dava.

Poirot tentou se lembrar exatamente do que ela tinha lhe dito naquela manhã. "Ele é um homem perverso. Ele faz coisas ruins." E, de acordo com Bland, ela tinha dito ao marido: "Ele mata gente".

Havia algo bastante significativo nisso quando se examinavam todos os fatos. *Ele mata gente.*

No dia em que Etienne de Sousa tinha chegado a Nasse House, uma pessoa tinha sido assassinada com certeza, possivelmente duas. A sra. Folliat tinha dito que ninguém devia dar atenção às observações melodramáticas de Hattie. Ela tinha feito a afirmação com muita insistência. A sra. Folliat...

Hercule Poirot franziu a testa, então baixou a mão com um gesto brusco e bateu no braço da poltrona.

– Eu sempre, sempre retorno à sra. Folliat. Ela é a chave de todo o acontecido. Se eu soubesse o que ela sabe... Não posso mais apenas ficar aqui sentado em uma poltrona pensando. Não, preciso pegar um trem e ir até Devon para visitar a sra. Folliat.

II

Hercule Poirot fez uma breve pausa na frente do grande portão de ferro batido de Nasse House. Olhou para frente, observando a entrada que fazia uma curva. Já não era mais verão. Folhas castanho-douradas caíam suavemente das árvores. Ali bem perto, as margens do rio cobertas de capim exibiam pequenas violetas-dos-alpes cor de malva. Poirot suspirou. A beleza de Nasse House o encantava, apesar de seu gosto pessoal. Não era um grande admirador da natureza em estado bruto, gostava das coisas ajeitadas e organizadas, mas não podia deixar de apreciar a beleza selvagem suave do aglomerado de arbustos e árvores.

À sua esquerda ficava o pequeno alojamento cercado. A tarde estava bonita. Era provável que a sra. Folliat não estivesse em casa. Estaria em algum lugar com sua cesta de jardinagem, ou então visitando algum amigo nas redondezas. Tinha muitos amigos. E aquele era o lar dela, morava ali havia muitos e muitos anos. O que mesmo o homenzinho no ancoradouro tinha dito? "Sempre vai ter algum Folliat em Nasse House."

Poirot bateu com suavidade à porta do alojamento. Depois de esperar alguns momentos, ouviu passos do lado de dentro. Aos ouvidos dele, pareciam lentos e quase hesitantes. Então a porta se abriu e a sra. Folliat apareceu enquadrada pelo batente da porta. Ele se assustou ao ver como ela parecia velha e frágil. Ela ficou olhando para ele, incrédula, por um momento ou dois, e então disse:

– Monsieur Poirot? O senhor!

Por um instante, ele pensou ter visto uma sombra de medo nos olhos dela, mas talvez fosse apenas sua imaginação. Disse, com educação:

– Posso entrar, madame?

– Mas é claro que sim.

Ela já tinha recuperado toda a pose, fez um gesto para que ele entrasse e o conduziu até a pequena sala de estar. Havia algumas estatuetas delicadas do tipo Chelsea em cima da lareira, um par de poltronas cobertas com belos tecidos bordados em ponto cruz e

uma mesinha de centro, sobre a qual se encontrava um serviço de chá Derby. A sra. Folliat disse:

– Vou buscar mais uma xícara.

Poirot ergueu a mão em um gesto fraco de protesto, mas ela o ignorou.

– Claro que o senhor precisa tomar um pouco de chá.

Ela saiu da sala. Ele examinou o ambiente mais uma vez. Em uma mesa, havia uma armação de bordado com um trabalho em ponto cruz em andamento, com a agulha espetada. Encostada na parede, havia uma estante com livros. Na parede se encontrava um pequeno aglomerado de miniaturas e uma fotografia desbotada de um homem de uniforme com bigode rígido e queixo fraco em uma moldura de prata.

A sra. Folliat voltou para a sala com uma xícara e um pires na mão.

Poirot perguntou:

– É o seu marido, madame?

– É, sim.

Ao notar que os olhos de Poirot passavam por cima da estante, como se buscassem mais fotografias, ela disse, brusca:

– Não gosto muito de fotografias. Fazem com que se viva demais no passado. É preciso aprender a esquecer. É preciso cortar fora os galhos mortos.

Poirot se lembrou da primeira vez que tinha visto a sra. Folliat, quando estava podando um arbusto perto do rio. Na ocasião, ele se lembrava de ela ter mencionado galhos mortos. Olhou para ela, pensativo, avaliando seu caráter. Era uma mulher enigmática, ele pensou, e uma mulher que, apesar da gentileza e da fragilidade de sua aparência, tinha um lado que podia ser impiedoso. Era uma mulher capaz de cortar galhos mortos não apenas de plantas, mas também da própria vida...

Ela se sentou, serviu uma xícara de chá e perguntou:

– Leite? Açúcar?

– Três cubos, por gentileza, madame.

Ela entregou a xícara a ele e disse, puxando conversa:

– Fiquei surpresa em vê-lo. Por algum motivo, não achei que o senhor retornaria a esta parte do mundo.

– Não estou exatamente de passagem – Poirot respondeu.

– Não? – ela indagou, com as sobrancelhas um pouco erguidas.

– Minha visita a esta parte do mundo é intencional.

Ela continuou olhando para ele, com ar inquisitivo.

– Vim até aqui em parte para falar com a senhora, madame.

– É mesmo?

– Em primeiro lugar... Não teve notícias da jovem lady Stubbs?

A sra. Folliat sacudiu a cabeça.

– Outro dia, um corpo apareceu no litoral da Cornualha – ela disse. – George foi até lá para ver se conseguia fazer a identificação. Mas não era ela. – E concluiu: – Sinto muito por George. A pressão tem sido muito grande.

– Ele ainda acredita que a esposa possa estar viva?

A sra. Folliat sacudiu a cabeça lentamente.

– Acredito que ele tenha perdido as esperanças – respondeu. – Afinal de contas, se Hattie estivesse viva, não conseguiria se esconder com toda a imprensa e a polícia a sua procura. Mesmo que algo como perda de memória tivesse ocorrido com ela. Bom, a polícia certamente a teria encontrado a esta altura, não?

– Acredito que sim – Poirot respondeu. – A polícia continua fazendo buscas?

– Suponho que sim. Na verdade, não sei.

– Mas sir George perdeu as esperanças.

– Ele não diz que perdeu – a sra. Folliat respondeu. – É claro que não o vejo muito ultimamente. Tem passado a maior parte do tempo em Londres.

– E a menina assassinada? Não houve nenhum avanço neste sentido?

– Não que eu saiba. – Ela completou: – Parece um crime tão sem sentido... Absolutamente irracional. Coitadinha...

– Percebo que a senhora ainda se sente incomodada de pensar nisso, madame.

A sra. Folliat passou um momento ou dois sem responder. Então, disse:

– Acho que, quando se é velho, a morte de uma pessoa jovem nos aborrece fora de proporção. Nós, os velhos, esperamos a morte, mas aquela criança ainda tinha a vida toda pela frente.

– Talvez a vida dela não fosse ser assim tão interessante.

– Talvez não do seu ponto de vista, mas poderia ser interessante para ela.

– E apesar de que, como a senhora disse, nós, os velhos, esperamos morrer, na verdade não o desejamos – Poirot disse. – Pelo menos *eu* não desejo. Ainda acho a minha vida muito interessante.

– Acho que não concordo.

Ela falou mais para si mesma do que para ele, seus ombros caíram ainda mais.

– Estou muito cansada, monsieur Poirot. Quando a minha hora chegar, além de estar pronta, também vou me sentir agradecida.

Ele olhou rapidamente para ela. Ficou imaginando, como já tinha imaginado, se era com uma mulher doente que conversava naquele momento, uma mulher que talvez estava ciente da aproximação da morte. Não tinha outra maneira de justificar o cansaço e a falta de energia intensa de seus modos. Essa falta de energia, ele acreditava, não era realmente característica daquela mulher. Amy Folliat, ele acreditava, era uma mulher de caráter, energia e determinação. Tinha passado por muitas provações: a perda da casa, a perda da riqueza, a morte dos filhos. Ele sentia que ela tinha sobrevivido a tudo isso. Tinha eliminado os “galhos mortos”, como ela mesma expressara. Mas agora havia algo em sua vida que não conseguia eliminar, que ninguém poderia eliminar para ela. Se não fosse uma doença física, ele não sabia o que poderia ser. Ela deu um sorrisinho repentino, como se estivesse lendo seus pensamentos.

– Realmente, sabe, não tenho muito o que esperar da vida, monsieur Poirot – ela disse. – Tenho muitos amigos, mas nenhum parente próximo, não tenho família.

– A senhora tem o seu lar – Poirot disse, em um impulso.

– Está falando de Nasse? Sim...

– É o *seu* lar, não é mesmo? Apesar de tecnicamente ser propriedade de sir George Stubbs? Agora sir George Stubbs foi para Londres, e a senhora manda em tudo no lugar dele.

Mais uma vez, viu aquela sombra acentuada de medo nos olhos dela. Quando falou, a voz dela tinha tom gélido.

– Não sei bem o que está dizendo, monsieur Poirot. Sinto-me grata por sir George alugar este alojamento para mim, mas eu *alugo*. Pago a ele uma soma anual por isso, com o direito de circular pela propriedade.

Poirot estendeu as mãos.

– Peço desculpas, madame. Não era minha intenção ofendê-la.

– Não tenho dúvidas de que compreendi mal – a sra. Folliat afirmou com frieza.

– O lugar é lindo – Poirot disse. – A casa é linda, o terreno é lindo. Tem um ar de muita paz, muita serenidade.

– Tem, sim. – O rosto dela se alegrou. – Sempre nos sentimos assim. Foi o que eu senti na primeira vez em que estive aqui, quando era criança.

– Mas esta paz e serenidade continua existindo, madame?

– Por que não?

– Um assassinato que não foi vingado. – Poirot disse. – Derramamento de sangue inocente. Até que esta sombra se dissipe, não haverá paz. – Ele concluiu: – Acho que a senhora sabe disto tão bem quanto eu.

A sra. Folliat não respondeu. Ela não se mexeu nem falou. Ficou lá, bastante imóvel, e Poirot não fazia ideia do que lhe passava pela cabeça. Ele se inclinou um pouco para frente e voltou a falar.

– Madame, a senhora sabe muita coisa, talvez tudo, a respeito deste assassinato. A senhora sabe quem matou aquela menina, e sabe por quê. A senhora sabe quem matou Hattie Stubbs; talvez até saiba onde está o corpo dela agora.

A sra. Folliat então falou. Sua voz era alta, quase ríspida.

– Eu não sei de nada – ela disse. – *Nada*.

– Talvez eu tenha usado a palavra errada. A senhora não sabe, mas acredito que imagine, madame. Tenho bastante certeza de que

imagina.

– Agora o senhor está dizendo, peço perdão, um absurdo!

– Não é absurdo... É algo bem diferente... É *perigoso*.

– Perigoso? Para quem?

– Para a senhora, madame. Enquanto guardar suas informações para si, corre perigo. Eu conheço assassinos melhor do que a senhora, madame.

– Já disse, não sei de nada.

– Tem suspeitas, então...

– Não tenho suspeitas.

– Com seu perdão, madame, isso não é verdade.

– Expressar meras suspeitas seria errado... De fato, seria uma perversidade.

Poirot se inclinou para frente.

– Seria tão perverso como o que aconteceu aqui há apenas pouco mais de um mês?

Ela se encolheu em sua poltrona, fechada em si mesma. Meio que sussurrou:

– Nem me fale disso. – E então completou, com um longo suspiro entrecortado: – Mas, bom, agora acabou. Terminou... Chegou ao fim.

– Como pode saber, madame? Digo com conhecimento de causa que, quando se trata de um assassino, nada jamais termina.

Ela sacudiu a cabeça..

– Não. Não, é o fim. E, de todo modo, não há nada que eu possa fazer. Nada.

Ele se levantou e ficou olhando para ela. Disse, quase abalada:

– Ah, mas até a polícia desistiu.

Poirot sacudiu a cabeça.

– Ah, não, madame, está errada neste ponto. A polícia não desiste. E eu também não desisto – ele concluiu. – Lembre-se disto, madame; eu, Hercule Poirot, não desisto.

Aquela era uma frase de despedida muito típica dele.

CAPÍTULO 17

Depois de sair de Nasse, Poirot foi até o vilarejo onde, depois de se informar, encontrou a pequena casa ocupada pelos Tucker. Ele bateu à porta e passou alguns instantes sem ser atendido, já que o barulho foi abafado pela voz estridente da sra. Tucker lá dentro.

– ...E no que estava pensando, Jim Tucker, ao sujar o meu lindo linóleo com essas botas? Já disse uma vez, já disse mil vezes. Passei o dia inteiro limpando, foi sim, e olhe só para isto.

Um resmungo fraco denotou a reação do sr. Tucker a essas observações. De maneira geral, foi um resmungo apaziguador.

– Não tem por que esquecer. É essa sua pressa toda de escutar as notícias de esporte no rádio. Ah, mas não ia demorar nem dois minutos para tirar essas botas. E você, Gary, tome cuidado com esse pirulito. Não quero saber de dedos melados na minha melhor chaleira. Marilyn, tem alguém à porta, tem sim. Vá lá ver quem é.

A porta se abriu com cautela e uma menina de onze ou doze anos ficou olhando desconfiada para Poirot. Um doce fazia volume na bochecha dela. Era uma criança gorda, com olhinhos azuis e bonitinha, mais ou menos como um porquinho.

– Tem um senhor, mãe – ela gritou.

A sra. Tucker, com mechas de cabelo caindo por cima do rosto um tanto acalorado, apareceu à porta.

– O que foi? – ela perguntou, ríspida. – Não precisamos... – Parou quando um leve ar de reconhecimento passou-lhe pelo rosto.

– Ah, deixe-me ver, então, por acaso não vi o senhor na polícia, naquele dia?

– Sinto muito, madame, por ter trazido de volta lembranças dolorosas – Poirot disse, dando um passo firme casa adentro.

A sra. Tucker lançou um olhar rápido e angustiado para os pés dele, mas os sapatos de couro de bico fino de Poirot só tinham

caminhado por vias pavimentadas. Nenhuma lama seria depositada no linóleo muito limpo da sra. Tucker.

– Não quer entrar, senhor? – ela disse, recuando na frente dele e abrindo a porta de uma sala à direita dela.

Poirot foi conduzido até uma sala de estar absolutamente arrumada. Cheirava a lustra-móveis e Brasso e continha um conjunto de móveis jacobinos grandes, uma mesa redonda, dois gerânios em vasos, uma miniatura de locomotiva de latão toda detalhada e uma grande variedade de ornamentos de porcelana.

– Sente-se, senhor, por favor. Não consigo me lembrar do seu nome. Aliás, acho que nunca fiquei sabendo qual é.

– Meu nome é Hercule Poirot – ele respondeu, rápido. – Estou aqui nesta parte do mundo mais uma vez e vim até aqui para oferecer-lhe minhas condolências e para perguntar à senhora se houve algum avanço. Acredito que o assassino da sua filha tenha sido encontrado, não?

– Ninguém viu nem ouviu falar dele – respondeu a sra. Tucker, com um certo amargor na voz. – E é mesmo uma pena desgraçada, se quer saber a minha opinião. Acho que a polícia não se incomoda tanto quando é gente como nós. O que a polícia pode fazer, afinal? Se todos eles são iguais a Bob Hoskins, é uma surpresa o país todo não ser uma massa de crimes. A única coisa que Bob Hoskins faz é ficar olhando dentro dos carros estacionados no parque.

A essa altura, o sr. Tucker, já sem botas, apareceu à porta, caminhando de meias. Era um homem grande, de rosto vermelho, com expressão pacífica.

– A polícia faz tudo certo – ele disse, com voz rouca. – Eles têm problemas como todo mundo. Esses maníacos aí não são fáceis de encontrar. São iguais ao senhor ou a mim, se é que me entende – concluiu, falando diretamente com Poirot.

A menina que tinha atendido a porta para Poirot apareceu atrás do pai, e a cabeça de um menino de uns oito anos apareceu ao lado do ombro dela. Todos olhavam para Poirot com interesse intenso.

– Esta é sua filha mais nova, suponho – disse Poirot.

– Esta é Marilyn, é sim – a sra. Tucker respondeu. – E este é Gary. Venha cumprimentar o senhor, Gary, e seja educado.

Gary recuou.

– Ele é tímido, é sim – disse a mãe.

– É muita gentileza da sua parte, tenho certeza, senhor, vir até aqui para ter notícias de Marlene – disse o sr. Tucker. – Ah, mas aquele foi mesmo um fato terrível, tenha certeza.

– Acabo de fazer uma visita à sra. Folliat – disse monsieur Poirot. – Ela também parece ter ficado muito abalada com o fato.

– Ela não anda bem desde o acontecido – disse a sra. Tucker. – É uma senhora de idade e aquilo foi um choque para ela, do jeito que aconteceu em sua própria casa.

Poirot observou mais uma vez a impressão inconsciente de que Nasse House ainda pertencia à sra. Folliat.

– Por isso, ela se sente como se fosse responsável, de certa maneira – disse o sr. Tucker. – Não que tenha alguma coisa a ver com ela.

– Quem foi mesmo a pessoa que sugeriu que Marlene fizesse o papel de vítima? – Poirot perguntou.

– A senhora de Londres que escreve os livros – a sra. Tucker respondeu prontamente.

Poirot disse, com suavidade:

– Mas ela não era daqui. Nem conhecia Marlene.

– Foi a sra. Masterton quem reuniu as meninas – a sra. Tucker explicou. – E suponho que a sra. Masterton tenha dito para Marlene fazer o papel. E Marlene, devo dizer, ficou bem feliz com a ideia.

Mais uma vez, Poirot sentiu que tinha dado de cara em um muro. Mas agora sabia o que a sra. Oliver tinha sentido quando mandara chamá-lo. Alguém andava atuando na surdina, alguém que tinha realizado seus próprios desejos por intermédio de outras personalidades bem conhecidas. A sra. Oliver, a sra. Masterton. Elas eram as figuras de autoridade. Ele disse:

– Fiquei imaginado, sra. Tucker, se Marlene talvez pudesse conhecer esse... hum... maníaco homicida.

– Ela não teria como conhecer alguém assim – a sra. Tucker respondeu, cheia de virtude.

– Ah – disse Poirot. – Mas, como seu marido acaba de observar, esses maníacos são difíceis de detectar. Eles têm a mesma aparência que... hum... a senhora ou eu. Alguém pode ter falado com Marlene durante a quermesse, ou mesmo antes. Pode ter feito amizade com ela de maneira perfeitamente inofensiva. Quem sabe tenha lhe dado algum presente?

– Ah, não, senhor, não houve nada desse tipo. Marlene não aceitaria presentes de um estranho. Eu a eduquei muito bem.

– Mas talvez ela não visse mal nisso – Poirot insistiu. – Suponhamos que tenha sido uma senhora simpática a lhe oferecer presentes.

– O senhor está falando de alguém como a jovem sra. Legge, que está em Mill Cottage?

– Sim – disse Poirot. – Alguém assim.

– Ela deu um batom para Marlene certa vez – a sra. Tucker afirmou. – Fiquei louca da vida, foi sim. Não vou deixar você passar esta porcaria no rosto, Marlene, foi o que eu disse. Imagine o que o seu pai vai dizer. Bom, ela respondeu, com toda a petulância, que tinha sido a senhora da casinha perto do rio que tinha dado a ela. Disse que cairia bem nela, foi sim. Bom, eu disse que não era para ela escutar o que essas mulheres de Londres dizem. Para *elas* está muito bem ficar pintando o rosto e escurecendo os cílios e tudo o mais. Mas você é uma menina decente, eu disse, e vá lavar o rosto com água e sabão até ser bem mais velha do que é hoje.

– Mas suponho que ela não tenha concordado com a senhora – Poirot disse, sorrindo.

– Quando digo uma coisa, falo muito sério – a sra. Tucker respondeu.

A gordinha Marilyn de repente soltou uma risada. Poirot lançou um olhar afiado para ela.

– A sra. Legge deu mais alguma coisa para Marlene? – perguntou.

– Acredito que tenha dado um lenço ou algo assim... Uma coisa que ela não ia mais usar. Era meio espalhafatoso, mas não de boa qualidade. Eu reconheço qualidade quando vejo – a sra. Tucker afirmou, assentindo com a cabeça. – Eu trabalhava em Nasse

House quando era menina, trabalhava sim. Naquele tempo, as mulheres usavam coisas boas. Nada de cores chamativas nem dessas coisas de náilon e de raiom; seda boa de verdade. Ah, mas tinha uns vestidos de tafetá que eram capazes de parar em pé sozinhos.

– As moças gostam de um pouco de refinamento – disse o sr. Tucker, em tom indulgente. – Eu mesmo não me incomodo com algumas cores chamativas, mas não suporto essa porcaria de batom.

– Fui um pouco ríspida com ela – disse a sra. Tucker, com os olhos repentinamente marejados. – E ela se foi daquela maneira terrível. Depois fiquei desejando não ter falado de maneira tão bruta com ela. Ah, parece que ultimamente não acontece nada além de problemas e enterros. Os problemas nunca vêm sozinhos, é o que dizem, e é bem verdade.

– Houve outras perdas por aqui? – Poirot indagou, com educação.

– O pai da esposa – explicou o sr. Tucker. – Atravessou o rio bem tarde da noite, vindo do Three Dogs, deve ter perdido o equilíbrio quando foi passar para o ancoradouro e caiu na água. Claro que devia ter ficado quietinho em casa, com essa idade. Mas, sabe como é, não se pode fazer nada em relação às pessoas de idade. Ele vivia fuxicando lá no cais, vivia sim.

– O pai sempre foi muito habilidoso com barcos – disse a sra. Tucker. – Antigamente, cuidava deles para o sr. Folliat, anos e anos atrás. – E completou, alegre: – Não que tenha sido uma perda muito grande para o pai, podemos dizer. Já tinha passado dos noventa, tinha sim, e estava tendo dificuldade com muitas coisas. Sempre resmungando uma tolice ou outra. Estava na hora de partir. Mas é claro que a gente precisou providenciar um enterro digno para ele. E dois enterros custam muito dinheiro.

Essas reflexões econômicas passaram despercebidas para Poirot... Uma fraca lembrança lhe vinha à mente.

– Era um senhor de idade, que ficava no cais? Lembro de falar com ele. Qual era mesmo o nome...?

– Merdell, senhor. Era o meu sobrenome de solteira.

– O seu pai, se me lembro bem, foi o jardineiro-chefe em Nasse?

– Não, esse era o meu irmão mais velho. Eu era a mais nova da família... Nós éramos onze, éramos sim. – Ela completou, com certo orgulho: – Há membros da família Merdell em Nasse há anos, mas agora estão todos espalhados por aí. O pai foi o último de nós.

Poirot disse baixinho:

– *Sempre vai ter algum Folliat em Nasse House.*

– Desculpe, não escutei, senhor.

– Estou repetindo o que o seu pai me disse no cais.

– Ah, ele falava muita tolice, o pai. De vez em quando, eu precisava fazer com que ele calasse a boca.

– Então, Marlene era neta de Merdell – Poirot disse. – Sim, começo a compreender. – Ficou em silêncio por um momento, com uma animação imensa subindo dentro dele. – Disse que seu pai morreu afogado no rio?

– Foi sim, senhor. Tomou um trago a mais, tomou sim. E não sei onde ele arrumou dinheiro. Claro que recebia gorjetas de vez em quando no ancoradouro, ajudando as pessoas com os barcos ou estacionando o carro delas. Era muito astuto em esconder o dinheiro de mim. É, acredito que tomou um trago a mais. Perdeu o equilíbrio, eu diria, quando saiu do barco para o ancoradouro. Daí caiu na água e se afogou. O corpo dele apareceu em Helmmouth no dia seguinte. Posso dizer que me surpreendo de não ter acontecido antes, já que estava com 92 anos e, além do mais, era meio cego.

– O fato é que *não* aconteceu antes.

– Ah, bom, acidentes acontecem, cedo ou tarde...

– Acidente – Poirot refletiu. – Será?

Ele se levantou e murmurou:

– Eu já devia saber. Devia ter percebido há muito tempo. A criança praticamente me disse...

– Desculpe, não entendi, senhor.

– Não é nada – disse Poirot. – Mais uma vez, ofereço-lhe as minhas condolências pela morte de sua filha e de seu pai.

Ele trocou apertos de mão com os dois e saiu da casa. Disse a si mesmo:

– Como fui tolo... tão tolo. Examinei a coisa toda da maneira errada.

– Olá... senhor.

Tinha sido um sussurro cauteloso. Poirot olhou ao redor de si. A criança gordinha Marilyn estava parada à sombra do muro da casa. Acenou para que ele se aproximasse e falou aos sussurros.

– A mãe não sabe de tudo – ela disse. – Marlene não ganhou aquele lenço da moça da casinha do rio.

– Onde ela o arrumou?

– Comprou em Torquay. Comprou batom também, e perfume, Newt in Paris, que nome engraçado. E um pote de base, que ela tinha visto em um anúncio de revista. – Marilyn soltou risadinhas. – A mãe não sabe. Escondeu tudo no fundo da gaveta, Marlene escondeu, embaixo das malhas de inverno. Ela ia até o banheiro da estação de ônibus para se arrumar quando saía para ir ao cinema.

Marilyn deu mais risadinhas.

– A mãe nunca ficou sabendo.

– A sua mãe não encontrou essas coisas depois que a sua irmã morreu?

Marilyn sacudiu os cabelos claros e felpudos.

– Não – ela respondeu. – Eu peguei tudo para mim... Está na minha gaveta. A mãe não sabe.

Poirot ficou olhando para ela, avaliando a situação, e disse:

– Você parece ser uma menina muito inteligente, Marilyn.

Marilyn deu um sorriso um tanto acanhado.

– A srta. Bird diz que eu não presto para a escola primária.

– Escola primária não é tudo – disse Poirot. – Diga, onde foi que Marlene arrumou dinheiro para comprar essas coisas?

Marilyn ficou olhando para uma calha com muita atenção.

– Não sei – balbuciou.

– Acho que sabe, sim – disse Poirot.

Sem o menor pudor, tirou meia coroa do bolso e juntou mais meia coroa a ela.

– Acredito – ele disse – que lançaram uma cor de batom nova e muito bonita chamada “Beijo Carmim”.

– Parece um arraso – disse Marilyn, estendendo a mão na direção dos cinco xelins. Falou em um sussurro ligeiro: – Ela costumava bisbilhotar um pouco, era o que Marlene fazia. Sabia de tudo que acontecia... Sabe como é. Marlene prometia não contar e as pessoas davam presentes para ela, percebe?

Poirot entregou os cinco xelins.

– Percebo – respondeu.

Ele se despediu de Marilyn com um aceno de cabeça e se afastou. Murmurou mais uma vez, por entre os dentes, mas dessa vez com certeza intensificada:

– Percebo.

Tantas coisas agora se encaixavam. Não tudo. O caso ainda não estava resolvido, de jeito nenhum... Mas ele estava no caminho certo. O caminho estava perfeitamente claro, só precisava ter a astúcia de enxergá-lo todo. Aquela primeira conversa com a sra. Oliver, algumas palavras descompromissadas de Michael Weyman, a conversa importante com o velho Merdell no cais, frases elucidativas proferidas pela srta. Brewis... A chegada de Etienne de Sousa.

Uma cabine telefônica pública encontrava-se ao lado da agência de correio do vilarejo. Entrou ali e discou um número. Alguns minutos depois, estava falando com o inspetor Bland.

– Bom, monsieur Poirot, onde está?

– Estou aqui, em Nassecombe.

– Mas não estava em Londres ontem à tarde?

– Só demora três horas e meia para chegar aqui a bordo de um bom trem – Poirot observou. – Tenho uma pergunta para o senhor.

– Pois não?

– De que tipo era o iate de Etienne de Sousa?

– Talvez eu possa imaginar o que está pensando, monsieur Poirot, mas garanto que não houve nada do tipo. Não estava equipado para fazer contrabando, se é isso que quer dizer. Não havia compartimentos secretos interessantes nem paredes falsas. Teríamos encontrado se houvesse. Não havia lugar ali para esconder um corpo.

– Está enganado, *mon cher*, não é disso que estou falando. Só perguntei que tipo de iate era, grande ou pequeno?

– Ah, era muito refinado. Deve ter custado o mundo. Tudo muito elegante, recém-pintado, com acabamento luxuoso.

– Exatamente – disse Poirot. Ele parecia tão contente que o inspetor Bland ficou bastante surpreso.

– O que está dizendo, monsieur Poirot? – perguntou.

– Etienne de Sousa é rico – disse Poirot. – Isso, meu amigo, tem muita importância.

– Por quê? – o inspetor Bland quis saber.

– Encaixa-se na minha última ideia – Poirot respondeu.

– Então, teve uma ideia?

– Tive. Finalmente, tive uma ideia. Até agora, agi com muita estupidez.

– Está dizendo que todos nós fomos estúpidos.

– Não – Poirot respondeu. – Estou falando especificamente de mim mesmo. Fui afortunado de ter sido apresentado a um caminho perfeitamente claro e não o enxerguei.

– Mas agora definitivamente está atrás de algo?

– Acredito que sim.

– Veja bem, monsieur Poirot...

Mas Poirot já tinha desligado. Depois de examinar os bolsos em busca de trocados, fez uma ligação pessoal para a sra. Oliver em seu telefone de Londres.

Ao fazer seu pedido à telefonista, apressou-se em dizer:

– Mas não incomode a senhora e não a faça atender o telefone se estiver trabalhando.

Lembrou-se de como a sra. Oliver certa vez o reprovava com severidade quando ele a interrompeu em um fluxo de ideias e como o mundo, por consequência, tinha sido privado de um mistério intrigante que girava em torno de uma malha de lã velha, de manga comprida. A telefonista, no entanto, não foi capaz de apreciar seu zelo.

– Bom – ela quis saber. – O senhor quer fazer uma ligação pessoal ou não?

– Quero, sim – respondeu Poirot, sacrificando o gênio criativo da sra. Oliver perante a altivez de sua própria impaciência. Ficou aliviado quando a sra. Oliver falou. Ela interrompeu os pedidos de desculpa dele.

– É esplêndido o fato de o senhor ter me ligado – ela disse. – Estava mesmo saindo para dar uma palestra a respeito de *Como Escrevo os Meus Livros*. Agora posso pedir à minha secretária que telefone para informar que precisei atender a um chamado urgente.

– Mas, madame, não quero atrapalhar...

– Não é caso de atrapalhar – respondeu a sra. Oliver, alegre. – Eu me fiz de tola, completamente. Quer dizer, o que é *possível* dizer a respeito de como se escreve um livro? O que quero dizer é o seguinte: primeiro, é necessário pensar em alguma coisa e, depois de pensar, é necessário se forçar a sentar e escrever. Nada mais. Eu teria levado três minutos para explicar isso, e todo mundo ficaria muito entediado. Não consigo imaginar por que todo mundo sempre quer tanto escutar os autores *falando* a respeito da escrita. Achei que a função de um escritor era *escrever*, não *falar*.

– E, no entanto, desejo fazer-lhe uma pergunta a respeito de como escreve.

– Pode perguntar – a sra. Oliver respondeu. – Mas provavelmente não vou saber responder. Quer dizer, basta se sentar e escrever. Espere meio minuto, estou com um chapéu amedrontador de tão tolo na cabeça, vesti para a palestra e preciso tirar. Arranha a minha testa. – Uma pausa momentânea se fez, e a voz da sra. Oliver voltou, em tom aliviado: – Os chapéus hoje não passam de símbolos, não é mesmo? Quer dizer, ninguém mais os usa por motivos sensatos: para aquecer a cabeça, ou para protegê-la do sol, ou para esconder o rosto de pessoas que não se deseja ver. Peço desculpa, monsieur Poirot, disse alguma coisa?

– Foi apenas um arroubo. É extraordinário – Poirot afirmou. – A senhora sempre me dá ideias. Também era assim com o meu amigo Hastings, que não vejo há muitos e muitos anos. A senhora agora deu uma pista para mais uma parte do meu problema. Mas chega disto. Permita-me que faça minha pergunta. A senhora conhece algum cientista atômico, madame?

– Se eu conheço algum cientista atômico? – perguntou a sra. Oliver, em tom surpreso. – Não sei. Suponho que é possível. Quer dizer, conheço alguns professores e tal, mas nunca sei bem o que eles fazem na verdade.

– E, no entanto, a senhora colocou um cientista atômico como um dos suspeitos em sua caça ao assassino?

– Ah, *isso!* Foi só para ficar na moda. Quer dizer, quando saí para comprar presentes para os meus sobrinhos no último Natal, só havia brinquedos de ficção científica, da estratosfera e supersônicos, então pensei, quando comecei a criar a caça ao assassino: “É melhor colocar um cientista atômico como o principal suspeito e ser moderna”. Afinal de contas, se precisasse de algumas informações técnicas, poderia perguntar a Alec Legge.

– Alec Legge... O marido de Sally Legge? Ele é cientista atômico?

– É, sim. Não em Harwell. Em algum lugar do País de Gales. Em Cardiff. Ou Bristol, será? Estão apenas passando férias no Helm. Sim, é claro, conheço um cientista atômico no final das contas.

– E é provável que o fato de tê-lo conhecido em Nasse House tenha colocado a ideia do cientista atômico na sua cabeça, não? Mas a esposa dele não é iugoslava.

– Ah, *não* – a sra. Oliver respondeu. – Sally é tão inglesa quanto se pode ser. O senhor certamente *percebeu*, não?

– Então, de onde veio a ideia para criar uma esposa iugoslava?

– Realmente, não sei... Refugiados, talvez? Estudantes? Todas aquelas moças estrangeiras invadindo o bosque e falando mal o inglês.

– Percebo... Sim, agora percebo muitas coisas.

– Já estava na hora – disse a sra. Oliver.

– *Pardon?*

– Eu disse que já estava na hora – a sra. Oliver respondeu. – De o senhor perceber as coisas, quer dizer. Parece que até agora o senhor não fez *nada*. – A voz dela tinha um tom de censura.

– Não é possível tirar conclusões em um instante – Poirot disse, defendendo-se. E completou: – A polícia foi totalmente inútil.

– Ah, a polícia – disse a sra. Oliver. – Se pelo menos uma mulher fosse chefe da Scotland Yard...

Ao reconhecer a frase famosa, Poirot se apressou em interromper.

– A questão é complexa – ele disse. – Extremamente complexa. Mas agora, e lhe digo isso em confiança, agora eu consegui!

A sra. Oliver não se impressionou.

– Permita-me observar que, nesse ínterim, houve dois assassinatos – ela disse.

– Três – Poirot a corrigiu.

– Três assassinatos? Quem é o terceiro?

– Um senhor de idade chamado Merdell – Hercule Poirot respondeu.

– Desse eu não soube – a sra. Oliver respondeu. – Vai aparecer no jornal?

– Não – Poirot disse. – Até agora, ninguém desconfia que seja qualquer coisa além de um acidente.

– E não foi acidente?

– Não – disse Poirot –, não foi acidente.

– Bom, diga-me quem foi o culpado pelo crime... Pelos crimes, quer dizer. Ou será que não pode falar pelo telefone?

– Não se diz esse tipo de coisa pelo telefone – Poirot respondeu.

– Então devo desligar – disse a sra. Oliver. – Não sou capaz de suportar.

– Espere um instante – disse Poirot. – Há mais uma coisa que desejo perguntar-lhe. Ah, mas o que era mesmo?

– Isto é sinal de idade – disse a sra. Oliver. – Eu também faço isso. Esqueço as coisas...

– Havia algo, algum detalhezinho que me preocupava. Eu estava na casa de barcos...

Ele tentou puxar pela memória. Aquela pilha de gibis. As frases de Marlene rabiscadas na margem. "Albert fica com Doreen." Ele pressentia que havia algo faltando, que havia algo que precisava perguntar à sra. Oliver.

– Ainda está aí, monsieur Poirot? – a sra. Oliver quis saber. Ao mesmo tempo, a telefonista pediu mais dinheiro.

Completadas as formalidades, Poirot voltou a falar.

– Ainda está aí, madame?

– *Eu* ainda estou aqui – disse a sra. Oliver. – Não vamos desperdiçar mais dinheiro perguntando um ao outro se estamos aí. O que foi?

– É alguma coisa muito importante. A senhora se lembra de sua caça ao assassino?

– Bom, é claro que me lembro. Estamos falando praticamente só disto, não é mesmo?

– Cometi um erro grave – disse Poirot. – Não li a sinopse que foi entregue aos participantes. Perante a gravidade de ter descoberto um assassinato, não pareceu importante. Eu estava errado. Era importante. A senhora é uma pessoa sensível, madame. É influenciada pelo ambiente, pela personalidade das pessoas que conhece. E essas coisas se traduzem no seu trabalho. Não de maneira direta, mas são a inspiração de onde o seu cérebro fértil tira suas criações.

– A sua linguagem é muito agradável e floreada – disse a sra. Oliver. – Mas o que está dizendo exatamente?

– Que a senhora sempre soube mais sobre este crime do que foi capaz de perceber. Agora, em relação à pergunta que desejo lhe fazer... Na verdade, são duas perguntas, mas a primeira é muito importante. Quando começou a planejar sua caça ao assassino, tinha a intenção de que o corpo fosse descoberto na casa de barcos?

– Não, não tinha.

– Onde iria colocá-lo?

– Naquele pequeno gazebo engraçado que fica enfiado no meio das azaleias, perto da casa. Pensei que seria o lugar perfeito. Mas daí alguém, não me lembro exatamente quem, começou a insistir para que o corpo fosse encontrado na Extravagância. Bom, é claro que essa foi uma ideia *absurda*! Quer dizer, qualquer pessoa poderia ter ido até lá sem querer e ter deparado com o corpo sem

seguir uma única pista. As pessoas são muito estúpidas. Claro que não pude concordar com *isso*.

– Então, no lugar, aceitou a casa de barcos?

– Sim, foi exatamente o que aconteceu. Realmente, não havia nada contra a casa de barcos, apesar de eu continuar achando que o gazebo seria melhor.

– Sim, essa é a técnica que a senhora mencionou naquele primeiro dia. Há mais uma coisa. Está lembrada de me dizer que havia uma pista final escrita em um dos gibis que Marlene recebeu para se divertir?

– Sim, é claro.

– Diga, era algo do tipo – ele forçou a memória para o momento em que estivera lá, lendo as diversas frases rabiscadas – “Albert fica com Doreen; Georgie Porgie beija moças que passeiam no bosque; Peter belisca as meninas no cinema”?

– Meu Deus do céu, não – a sra. Oliver respondeu, em tom levemente chocado. – Não era nada tolo assim. Não, a minha era uma pista muito direta. – Ela baixou a voz e disse, em tom de mistério: – *Olhe na mochila da moça*.

– *Epatant!* – exclamou Poirot. – *Epatant!* Claro que o gibi que continha a frase teve que ser levado embora. Poderia ter dado ideias a alguém!

– A mochila, é claro, estava no chão, ao lado do corpo, e...

– Ah, mas estou pensando em outra mochila.

– O senhor está me confundindo com tantas mochilas – a sra. Oliver reclamou. – Só havia uma na minha história de assassinato. Não quer saber o que havia lá dentro?

– Nem um pouco – Poirot respondeu. E logo completou: – Quer dizer, eu adoraria saber, é claro, mas...

A sra. Oliver o interrompeu na palavra “mas”.

– É muito inteligente, acho – ela disse, com o orgulho da autoria na voz. – Veja, na mochila de Marlene, que supostamente era a mochila da esposa iugoslava, se é que me entende...

– Sim, sim – respondeu Poirot, preparando-se para se perder na névoa mais uma vez.

– Bom, era o frasco de remédio que continha veneno e que tinha sido usado pelo fidalgo para envenenar a esposa. Veja bem, a moça iugoslava estava aqui em treinamento para ser enfermeira e estava na casa quando o coronel Blunt envenenou a primeira esposa para ficar com o dinheiro. E ela, a enfermeira, tinha se apropriado do frasco e levado embora, e depois voltara para chantageá-lo. Foi por isso, é claro, que ele a matou. Isso se encaixa, monsieur Poirot?

– Encaixa-se no quê?

– Nas suas ideias – disse a sra. Oliver.

– De jeito nenhum – Poirot respondeu. Mas se apressou em completar: – De qualquer maneira, gostaria de felicitá-la, madame. Tenho certeza de que a sua caça ao tesouro foi tão genial que ninguém ganhou o prêmio.

– Alguém ganhou, sim – disse a sra. Oliver. – Já era bem tarde, cerca de sete horas. Uma senhora de idade muito obstinada, que supostamente já devia estar bem gagá. Ela desvendou todas as pistas e chegou à casa de barcos triunfante, mas é claro que a polícia estava lá. Foi aí que ela ficou sabendo do assassinato, foi a última pessoa da quermesse inteira a ficar sabendo do acontecido, imagino. De todo modo, deram o prêmio para ela. – E completou, com satisfação: – Aquele rapaz sardento pavoroso que disse que eu bebo até cair não conseguiu passar do jardim de camélias.

– Algum dia, madame – Poirot disse –, a senhora precisa me contar essa história.

– Na verdade – disse a sra. Oliver –, estou pensando em transformar isto em um livro. Seria uma pena desperdiçar.

E aqui deve ser mencionado que, cerca de três anos depois, Hercule Poirot leu *A mulher no bosque*, de Ariadne Oliver, e ficou imaginando, enquanto lia, por que algumas das pessoas e alguns dos acontecimentos lhe pareciam levemente familiares.

CAPÍTULO 18

O sol estava se pondo quando Poirot chegou ao lugar que era oficialmente Mill Cottage, mais conhecido como a casinha rosa perto do riacho Lawder. Ele bateu à porta, que se abriu de maneira tão abrupta que ele se assustou e recuou. O jovem à porta com expressão aborrecida ficou olhando para ele por um instante, sem reconhecê-lo. Então soltou uma risada curta.

– Olá – ele disse. – É o detetive. Entre, monsieur Poirot. Estou fazendo as malas.

Poirot aceitou o convite e entrou na casa. Era mobiliada com simplicidade e peças bem feias. E os bens pessoais de Alec Legge no momento ocupavam espaço desproporcional. Livros, papéis e peças de roupa espalhavam-se por todos os lados, uma mala estava aberta no chão.

– O desmanche final do *ménage* – disse Alec Legge. – Sally caiu fora. Acredito que o senhor já esteja sabendo.

– Eu não sabia, não..

Alec Legge soltou uma risada curta.

– Fico feliz por haver alguma coisa que o senhor não saiba. Sim, ela se fartou da vida de casada. Vai juntar os trapos com aquele arquiteto dócil.

– Sinto muito em saber – disse Poirot.

– Não vejo por que o senhor possa sentir muito.

– Sinto muito – Poirot disse, afastando dois livros e uma camisa e sentando-se na beirada do sofá. – Porque não acho que ela será tão feliz com ele quanto seria com o senhor.

– Ela não foi muito feliz comigo nos últimos seis meses.

– Seis meses não são uma vida – Poirot observou. – É um período muito curto dentro do que pode vir a ser uma longa e feliz vida em casal.

– Está falando como se fosse um pastor, não é mesmo?

– Possivelmente. Permita-me dizer, sr. Legge, que se a sua mulher não foi feliz com o senhor, a culpa provavelmente foi mais sua do que dela.

– Certamente é o que ela pensa. Tudo é minha culpa, suponho.

– Nem tudo, mas algumas coisas, sim.

– Ah, coloque toda a culpa em mim. Seria melhor eu me afogar na porcaria do rio e colocar fim em tudo.

Poirot olhou pensativo para ele.

– Fico feliz em observar que o senhor agora está mais preocupado com os seus próprios problemas do que com os do mundo – observou.

– O mundo que se dane – disse o sr. Legge. E completou, com amargor: – Parece que eu fiz o maior papel de bobo o tempo todo.

– É, eu diria que o senhor foi mais azarado do que repreensível em sua conduta – disse Poirot.

Alec Legge ficou olhando para ele.

– Quem o contratou para me investigar? – ele quis saber. – Foi Sally?

– Por que o senhor pensaria isso?

– Bom, nada aconteceu oficialmente, então acredito que esteja aqui em serviço particular.

– Está enganado – respondeu Poirot. – Eu nunca o investiguei. Quando cheguei aqui, não fazia ideia de que o senhor existia.

– Então, como é que sabe se fui azarado ou se me fiz de bobo ou qualquer outra coisa?

– A partir do resultado de observação e reflexão – Poirot respondeu. – Posso lhe apresentar uma conjectura e o senhor me dirá se tenho razão?

– Pode fazer quantas conjecturas desejar – disse Alec Legge. – Mas não fique esperando que eu entre no jogo.

– Acredito – Poirot começou – que há alguns anos o senhor se interessou e simpatizou por um certo partido político. Como acontece com muitos jovens com inclinações científicas. Na sua profissão, esse tipo de preferência e de tendência naturalmente é observada com desconfiança. Não acredito que o senhor jamais tenha ficado seriamente comprometido, mas penso que a pressão

fez com que o senhor consolidasse sua posição de uma maneira que não desejava fazer. Tentou se retirar e foi ameaçado. Foi obrigado a se encontrar com alguém. Duvido que eu algum dia descubra o nome do rapaz. Para mim, será sempre o garoto com a camisa de tartaruga.

Alec Legge de repente explodiu em gargalhadas.

– Suponho que aquela camisa foi uma espécie de piada. Eu não estava achando muita graça nas coisas na ocasião.

Hercule Poirot prosseguiu.

– Com tantas preocupações sobre o destino do mundo, e a preocupação com sua própria sina, se me permite dizer, o senhor se transformou em um homem com quem seria quase impossível para uma mulher conviver e ser feliz. O senhor não confiou em sua esposa. Isso foi triste para o senhor, já que devo dizer que sua esposa era uma mulher leal; e se tivesse percebido como o senhor estava infeliz e desesperado, ela teria ficado ao seu lado de corpo e alma. Em vez disso, ela simplesmente começou a compará-lo, de modo desfavorável, a um antigo amigo dela, Michael Weyman.

Ele se levantou.

– Devo aconselhá-lo, sr. Legge, que termine de fazer as malas o mais rápido possível para ir atrás da sua esposa em Londres, pedir a ela que o perdoe e dizer a ela o que se passou.

– Então, este é o seu conselho – disse Alec Legge. – E por que diabos isso é da sua conta?

– Não é – Hercule Poirot respondeu. Ele recuou na direção da porta. – Mas eu sempre tenho razão.

Fez-se um momento de silêncio. Então Alec Legge teve um ataque de risadas enlouquecidas.

– Sabe – ele respondeu. – Acho que vou aceitar o seu conselho. Divórcio custa caro demais. De todo modo, quando a gente consegue a mulher que deseja e não é capaz de mantê-la, é um tanto humilhante, não acha? Vou até o apartamento dela em Chelsea, e se encontrar Michael lá, devo agarrá-lo por aquela gravatinha tricotada à mão de maricas que ele usa e arrancar a vida de seu corpo. Eu ficaria satisfeito com isso. Sim, ficaria muito satisfeito mesmo.

O rosto dele se acendeu em um sorriso dos mais bonitos.

– Desculpe pelo meu péssimo humor – disse. – E muito obrigado.

Ele deu um tapa no ombro de Poirot. Com a força do golpe, Poirot cambaleou e quase caiu.

A amizade do sr. Legge certamente era mais dolorida do que sua animosidade.

– E agora, para onde devo ir? – Poirot se perguntou ao sair de Mill Cottage com os pés doloridos e olhar para o céu que ia escurecendo.

CAPÍTULO 19

O delegado-chefe e o inspetor Bland ergueram os olhos com a curiosidade aguçada quando Poirot entrou. O delegado-chefe não estava com o melhor dos humores. A única coisa que o fizera cancelar os planos de jantar daquela noite tinha sido a insistência discreta de Bland.

– Eu sei, Bland, eu sei – ele disse, nervoso. – Talvez ele tenha sido um mago belga em seu tempo... Mas é certo que o auge deste homem já passou. Quantos anos ele tem?

Bland se desviou com muito tato da pergunta que, de todo modo, ele não sabia responder. O próprio Poirot sempre era reticente quando o assunto era sua idade.

– A questão, senhor, é que ele estava lá... no local. E não estamos conseguindo chegar a lugar algum de outra maneira. Estamos dando de cara no muro, é o que estamos fazendo.

O delegado-chefe assoou o nariz, irritado.

– Eu sei. Eu sei. Faz com que eu comece a acreditar no perverso homicida da sra. Masterton. Eu até usaria cães farejadores, se houvesse algum lugar para usá-los.

– Cães farejadores não são capazes de seguir rastros na água.

– É. Eu sei o que você sempre pensou, Bland. E estou propenso a concordar. Mas não existe nenhum motivo, sabe? Nem um fiapo de motivo.

– O motivo pode estar nas ilhas.

– Está dizendo que Hattie Stubbs sabia de alguma coisa a respeito de De Sousa que aconteceu lá? Suponho que seja razoavelmente possível, levando em conta a mentalidade dela. Ela era simplória, nisso todo mundo concorda. Podia soltar o que sabia para qualquer um, a qualquer momento. É nisso que está pensando?

– Algo assim.

– Se for assim, ele esperou muito tempo para atravessar o mar e tomar uma atitude em relação a isso.

– Bom, senhor, é possível que não soubesse exatamente o que tinha acontecido com ela. Segundo ele, viu uma notícia na coluna de sociedade a respeito de Nasse House e sua bela *châtelaine*. – A título de parêntese, Bland adicionou: – Sempre pensei aqui comigo que isso fosse uma coisa de prata com correntes e coisas penduradas que as avós das pessoas prendiam na cintura... E era uma boa ideia, também. Assim, essas mulheres tolas não viveriam largando as bolsas por aí. Mas parece que, no jargão das mulheres, *châtelaine* significa a senhora da casa. Como já disse, isso é história e talvez seja verdade, mas ele *não* sabia onde ela estava nem com quem tinha se casado até então.

– Mas, quando ficou sabendo, zarpou com toda pressa a bordo de um iate para vir matá-la? É muito improvável, Bland, muito improvável.

– Mas é uma possibilidade, senhor.

– E que diabos aquela mulher poderia saber?

– Lembre-se do que ela disse para o marido: “*Ele mata gente*”.

– Ela se lembrava de algum assassinato? Da época em que tinha quinze anos? E presumindo que era só a palavra dela contra ele... Não acha que ele certamente poderia só dar risada da questão?

– Não conhecemos os fatos – Bland respondeu, teimoso. – O senhor mesmo sabe que, quando alguém toma conhecimento de que uma pessoa fez algo, é possível procurar evidências e encontrar.

– Hum. Andamos fazendo indagações a respeito de De Sousa, discretamente, por meio dos canais de sempre, e não chegamos a lugar nenhum.

– É exatamente por isso, senhor, que aquele velhinho belga engraçado pode ter tropeçado em alguma coisa. Ele estava na casa... Esse é o ponto mais importante. Lady Stubbs falou com ele. Algumas das coisas aleatórias que ela disse podem ter se juntado na cabeça dele e formado sentido. Independentemente do que seja, ele passou a maior parte do dia de hoje em Nassecombe.

– E ligou para perguntar que tipo de iate era o de Etienne de Sousa?

– Quando ligou pela primeira vez, sim. Na segunda, foi para me pedir que providenciasse esta reunião.

– Bom – o delegado-chefe olhou para o relógio. – Se ele não chegar em cinco minutos...

Mas foi naquele momento que Poirot apareceu.

Sua aparência não estava imaculada como de costume. O bigode estava murcho, afetado pelo ar úmido de Devon, os sapatos de couro de bico fino estavam cobertos por uma camada grossa de lama, ele mancava e seu cabelo estava desgrenhado.

– Bom, então o senhor está aqui, monsieur Poirot. – O delegado-chefe trocou um aperto de mão com ele. – Estamos muito ansiosos, com os nervos à flor da pele, para saber o que o senhor tem a nos dizer.

As palavras carregavam uma leve ironia, mas Hercule Poirot não estava disposto a ficar com a mente bagunçada, por mais desorganizada que sua aparência estivesse.

– Não consigo imaginar como não fui capaz de enxergar a verdade antes – ele disse.

O delegado-chefe recebeu a afirmação com bastante frieza.

– Disto apreendemos que o senhor agora enxerga a verdade?

– Sim, há detalhes... Mas o contorno geral está claro.

– Queremos mais do que um contorno geral – o delegado-chefe disse, seco. – Queremos evidências. Tem alguma evidência, monsieur Poirot?

– Posso lhes dizer onde achar as evidências.

O inspetor Bland falou.

– Como o quê, por exemplo?

Poirot voltou-se para ele e fez uma pergunta.

– Suponho que Etienne de Sousa tenha deixado o país, não?

– Há duas semanas. – Bland concluiu, com amargor: – Não vai ser fácil fazer com que volte.

– Ele pode ser convencido.

– Convencido? Então, não há evidências suficientes para conseguir uma ordem de extradição?

– Não vai ser questão de ordem de extradição se os fatos lhe forem apresentados...

– Mas quais são esses fatos, monsieur Poirot? – O delegado-chefe falou com certa irritação. – Que fatos são esses de que o senhor fala com tanta loquacidade?

– O fato de que Etienne de Sousa veio até aqui em um iate de luxo refinado para mostrar à família que é rico; o fato de que o velho Merdell era avô de Marlene Tucker, coisa que só descobri hoje; o fato de que lady Stubbs gostava de usar chapéus de palha em formato triangular; o fato de que a sra. Oliver, apesar de sua imaginação desenfreada e em que não se pode confiar, é ótima para avaliar o caráter das pessoas, apesar de ela mesma não saber disso; o fato de que Marlene Tucker tinha batons e frascos de perfume escondidos no fundo da gaveta da cômoda dela; o fato de a srta. Brewis afirmar que lady Stubbs pediu a ela que levasse um refresco para Marlene na casa de barcos.

– Fatos? – O delegado-chefe ficou olhando para ele. – O senhor chama isso de fatos? Mas não há nada de novo aí.

– O senhor prefere evidências, evidências definitivas, como por exemplo o corpo de lady Stubbs?

Dessa vez foi Bland quem ficou olhando para ele.

– O senhor encontrou o corpo de lady Stubbs?

– Não encontrei exatamente... *Mas eu sei onde está escondido.* Os senhores podem ir até o local, e quando o encontrarem, então... então terão sua evidência, toda a evidência de que precisam. Porque só uma pessoa poderia tê-lo escondido ali.

– E quem é essa pessoa?

Hercule Poirot sorriu; era o sorriso satisfeito de um gato que pulou em cima de um pires de creme.

– A pessoa que com tanta frequência é culpada – ele disse em tom suave. – O marido. Sir George Stubbs matou a esposa.

– Mas isso é impossível, monsieur Poirot. Sabemos que isso é impossível.

– Ah, não – disse Poirot. – Não é impossível, de maneira nenhuma! Ouçam, vou explicar tudo.

CAPÍTULO 20

Hercule Poirot parou um instante na frente do grande portão de ferro batido. Olhou para frente, para o longo caminho com curvas que levava à casa. As últimas folhas castanho-douradas iam caindo das árvores. As violetas-dos-alpes não estavam mais floridas.

Poirot suspirou. Virou-se para o lado e bateu com cuidado na porta do pequeno alojamento rebocado de branco.

Depois de alguns momentos de espera, ouviu passos lá dentro, aqueles passos lentos e hesitantes. A sra. Folliat abriu a porta. Dessa vez, ele não se assustou com sua aparência velha e frágil.

Ela disse:

– Monsieur Poirot? O senhor de novo?

– Posso entrar?

– Claro que sim.

Ele a seguiu para dentro da casa.

Ela lhe ofereceu chá e ele recusou. Então ela perguntou, em voz baixa:

– Por que o senhor veio aqui?

– Acho que a senhora consegue imaginar, madame.

A resposta dela foi oblíqua.

– Estou muito cansada – disse.

– Eu sei. – Ele prosseguiu: – Agora são três mortes: Hattie Stubbs, Marlene Tucker e o velho Merdell.

Ela disse, ríspida:

– Merdell? Aquilo foi acidente. Ele caiu do cais. Era muito velho, meio cego e estava bebendo no bar.

– Não foi acidente. Merdell sabia coisas demais.

– O que ele sabia?

– Ele reconheceu uma voz, ou um jeito de caminhar... Algo assim. Conversei com ele no dia em que cheguei aqui pela primeira vez. Na ocasião ele me contou tudo sobre a família Folliat... Sobre o

seu sogro e o seu marido, e os seus filhos que morreram na guerra. Só que... só um deles morreu, não é mesmo? O seu filho Henry afundou com o barco, mas o seu segundo filho, James, não morreu, Ele desertou. Talvez no começo tenha sido dado como *desaparecido, presumivelmente morto*, e depois a senhora disse para todo mundo que ele tinha morrido. Não era da conta de ninguém não acreditar na afirmação. Por que alguém não acreditaria?

Poirot fez uma pausa e então prosseguiu:

– Não fique pensando que não me solidarizo com sua situação, madame. A vida tem sido dura para a senhora, eu sei. Talvez a senhora não tivesse ilusões a respeito de seu filho mais novo, mas ele era seu filho, e a senhora o amava. Fez tudo o que pôde para lhe dar uma nova vida. Estava encarregada de uma moça jovem, uma moça com intelecto abaixo do normal, mas muito rica. Ah, sim, ela era rica. A senhora disse que os pais dela tinham perdido todo o dinheiro, que ela era pobre, e aconselhou que ela se casasse com um homem rico, muitos anos mais velho do que ela. Por que alguém deixaria de acreditar na sua história? Mais uma vez, não era da conta de ninguém. Os pais e os parentes próximos dela tinham morrido. Uma firma de advogados franceses em Paris agiu como se recebesse instruções de advogados em San Miguel. Ao casar, ela assumiu o controle da própria fortuna. Ela era, como a senhora disse, dócil, afetiva, sugestionável. Tudo o que o marido lhe pedia para assinar, ela assinava. É provável que títulos tenham sido trocados e revendidos diversas vezes, mas, no fim, o resultado financeiro desejado foi alcançado. Sir George Stubbs, a nova personalidade adotada pelo seu filho, tornou-se um homem rico, e a esposa, uma mulher pobre. Não é nenhuma ofensa legal se autodenominar “sir”, a menos que isso seja feito para obter dinheiro sob falsas pretensões. Um título cria segurança... se não sugere berço, pelo menos aponta riquezas. Então o rico sir George Stubbs, mais velho e com a aparência transformada, de barba, comprou Nasse House e foi viver no lugar a que pertencia, apesar de não ter estado aqui desde garoto. Depois da devastação causada pela guerra, não tinha sobrado ninguém que pudesse reconhecê-lo. Mas

o velho Merdell o reconheceu. Ele guardou a informação para si, mas quando disse para mim, sorrateiro, que *sempre haveria algum Folliat em Nasse House*, foi uma piadinha pessoal. Então tudo deu certo, ou pelo menos a senhora pensou assim. O seu plano, acredito plenamente, terminava aí. O seu filho estava rico, em sua casa ancestral, e, apesar de a esposa ser uma mulher com intelecto abaixo do normal, era bonita e dócil, e a senhora esperava que ele fosse gentil com ela e que ela fosse feliz.

A sra. Folliat disse em voz baixa:

– Foi assim que eu pensei que seria... Eu cuidaria de Hattie e zelaria por ela. Nunca sonhei...

– A senhora nunca sonhou... E o seu filho teve o cuidado de não lhe dizer que, ao se casar com ela, ele já era casado. Ah, sim... Examinamos os registros em busca do que sabíamos existir. O seu filho tinha se casado com uma moça em Trieste, uma moça do mundo criminoso clandestino com quem se escondeu depois de desertar. Ela não tinha intenção de se separar dele, e ele também não estava disposto a se afastar dela. Aceitou o casamento com Hattie como maneira de enriquecer, mas em sua mente ele já sabia, desde o início, o que pretendia fazer.

– Não, não, eu não acredito nisto! Não posso acreditar... Foi aquela mulher... aquela criatura perversa.

Poirot prosseguiu, inabalável:

– Ele estava disposto a *matar*. Hattie não tinha parentes, tinha poucos amigos. Imediatamente depois de retornar à Inglaterra, ele a trouxe até aqui. Os criados mal a viram naquela primeira noite, e a mulher que viram na manhã seguinte não era Hattie, mas sim sua esposa italiana, disfarçada de Hattie e comportando-se bem da maneira como Hattie se comportava. Mais uma vez, a coisa poderia ter parado por aí. A falsa Hattie poderia levar a vida como a verdadeira Hattie; não tenho dúvidas de que sua capacidade mental melhoraria abruptamente devido a algum “novo tratamento”, como diriam. A secretária, a srta. Brewis, já tinha percebido que não havia quase nada de errado com os processos mentais de lady Stubbs. Mas então uma coisa absolutamente imprevista ocorreu. Um primo de Hattie escreveu avisando que faria

uma visita à Inglaterra a bordo de um iate, e apesar de fazer anos que o primo não a via, provavelmente não se deixaria enganar por uma impostora.

Poirot interrompeu a própria narrativa:

– É estranho. Apesar de ter me passado pela cabeça que De Sousa talvez não fosse De Sousa, nunca me ocorreu que a verdade era outra... Quer dizer, que Hattie não era Hattie.

Ele prosseguiu:

– Talvez houvesse várias maneiras diferentes de lidar com a situação. Lady Stubbs poderia ter evitado o encontro afirmando que estava doente, mas se De Sousa permanecesse tempo suficiente na Inglaterra seria difícil evitar esse encontro. E já havia outra complicação. O velho Merdell, tagarela na idade avançada, costumava conversar com a neta. Ela deve ter sido a única pessoa que se dava ao trabalho de escutá-lo, e até ela descartava a maior parte do que ele dizia, porque o considerava “de miolo mole”. Ainda assim, algumas coisas que ele disse a respeito de ter visto “o corpo de uma mulher no bosque” e “sir George Stubbs na verdade ser o sr. James” a deixaram bastante impressionada, a ponto de jogar verde com sir George. Ao fazê-lo, é claro, assinou a própria sentença de morte. Sir George e a esposa não podiam se arriscar a permitir que histórias assim circulassem. Imagino que ele entregou a ela pequenas somas de dinheiro para que se calasse, e começou a traçar seus planos. Delinearam o estratagema com muito cuidado. Já sabiam a data em que De Sousa chegaria a Helmmouth. Coincidia com a data marcada para a quermesse. Providenciaram o plano para que Marlene fosse morta e lady Stubbs “desaparecesse” em condições que lançassem vagas suspeitas sobre De Sousa. Por isso a referência a ele ser um “homem perverso” e a acusação: “ele mata gente”. Lady Stubbs teria de desaparecer para sempre... É possível que um corpo irreconhecível, de maneira conveniente, fosse identificado como sendo dela por sir George... e uma nova personalidade tomaria seu lugar. Na verdade, Hattie simplesmente retomaria sua própria identidade italiana. Ela só precisaria fazer o papel duplo durante um período um pouco superior a 24 horas. Com a conivência de sir George, isso era fácil.

No dia em que cheguei, "lady Stubbs" supostamente deveria ter ficado no quarto até pouco antes da hora do chá. Ninguém a viu, à exceção de sir George. Na verdade, ela se esgueirou para fora de casa, tomou um ônibus ou um trem para Exeter e viajou de Exeter na companhia de outra estudante – há várias delas viajando todos os dias nessa época do ano –, a quem confidenciou sua história de uma amiga que tinha comido uma torta de presunto e vitela estragada. Ela chega ao albergue, aluga seu cubículo e sai para "explorar" a região. A essa altura, lady Stubbs está na sala de estar. Depois do jantar, lady Stubbs vai cedo para a cama... Mas a srta. Brewis a viu se esgueirando para fora de casa um pouco depois disso. Ela passa a noite no albergue, mas sai cedo e retorna a Nasse como lady Stubbs para o café da manhã. Mais uma vez, passa a manhã no quarto com "dor de cabeça", e dessa vez consegue representar uma aparição como "invasora" e leva bronca de sir George da janela do quarto da esposa, onde ele finge se virar para trás e falar com ela, que estaria dentro do quarto. As trocas de roupa não foram difíceis: shorts e camisa aberta por baixo dos vestidos rebuscados que lady Stubbs gostava de usar. Maquiagem branca pesada para lady Stubbs com um chapéu triangular grande para cobrir o rosto; lenço comum alegre, pele queimada de sol e cachos cor de bronze para a moça italiana. Ninguém sonharia que as duas eram a mesma mulher. Assim, o drama final foi encenado. Pouco antes das quatro horas, lady Stubbs disse à srta. Brewis que levasse uma bandeja de chá para Marlene. Ela fez isso porque ficou com medo que tal ideia ocorresse à srta. Brewis por conta própria, e seria fatal se ela aparecesse por lá, de maneira inconveniente, no momento errado. Talvez ela também tivesse sentido prazer malicioso em providenciar para que a srta. Brewis estivesse na cena do crime aproximadamente na hora em que ele foi cometido. Então ela escolheu o momento certo e se esgueirou para dentro da barraca de ler a sorte, saiu pela parte de trás e foi até o gazebo no meio dos arbustos, onde tinha deixado a mochila com a troca de roupa. Passou pelo bosque, pediu a Marlene que a deixasse entrar e estrangulou a menina, que não desconfiava de nada, ali mesmo. Jogou o chapelão de palha triangular no rio, então colocou a roupa

e a maquiagem de turista, guardou o vestido de georgette cor-de-rosa e os sapatos de salto na mochila... E então uma estudante italiana do albergue da juventude se juntou à amiga holandesa nas atrações do gramado, e foi embora com ela a bordo do ônibus local, como planejado. Onde ela está agora, não sei. Desconfio de que esteja no Soho, onde sem dúvida tem conexões clandestinas da mesma nacionalidade que a dela e que podem lhe fornecer os documentos necessários. De todo modo, a polícia não está à procura de uma moça italiana, mas sim de Hattie Stubbs, uma moça simplória, com intelecto abaixo do normal, exótica. Mas a pobre Hattie Stubbs está morta, como a senhora mesma, madame, sabe muito bem. A senhora revelou que sabia disso quando conversamos na sala de estar no dia da quermesse. A morte de Marlene tinha sido um choque para a senhora... Não fazia a menor ideia do que tinha sido planejado, mas a senhora deixou bem claro, apesar de eu ter sido muito denso para perceber na hora, que quando mencionava "Hattie" estava falando de duas pessoas diferentes: uma mulher de quem a senhora não gostava e que estaria "melhor morta", e contra quem me acautelou que "não acreditasse em uma palavra que ela diz"; e a outra, uma moça sobre a qual falava no tempo verbal passado e que defendia com afeição calorosa. Acredito, madame, que gostava muito da pobre Hattie Stubbs...

Fez-se uma longa pausa.

A sra. Folliat estava bastante imóvel em seu assento.

Finalmente se levantou e falou. Sua voz era fria como gelo.

– Todo essa história é bastante fantástica, monsieur Poirot.

Realmente acredito que o senhor deve estar louco... Tudo isso está inteiramente em sua cabeça, não tem evidência alguma que seja.

Poirot foi até uma janela e a abriu.

– Escute, madame. O que está ouvindo?

– Sou um pouco surda... O que deveria escutar?

– *Golpes de picareta*... Estão quebrando a fundação de concreto da Extravagância... Que lugar ótimo para esconder um corpo... Onde uma árvore foi desenraizada e a terra já está remexida. Um pouco depois, para que tudo fique ainda mais seguro,

joga-se concreto por cima do lugar onde está o corpo e, por cima do concreto, ergue-se uma extravagância... – Ele completou, com suavidade: – A extravagância de sir George... A extravagância do proprietário de Nasse House.

Um longo suspiro trêmulo escapou da sra. Folliat.

– Este lugar é tão lindo – disse Poirot. – Só há uma coisa de errado... O homem que é seu proprietário...

– Eu sei. – As palavras dela saíram roucas. – Eu sempre soube... Mesmo quando criança, ele me assustava. Cruel... Impiedoso... E sem consciência... Mas era meu filho, e eu o amava... Devia ter falado com ele depois da morte de Hattie... Mas era meu filho. Como é que poderia entregá-lo? E, assim, por causa do meu silêncio... Aquela pobre criança foi morta... E depois dela, o velho e querido Merdell... Onde isso iria terminar?

– Quando se trata de um assassino, nunca termina – disse Poirot.

Ela abaixou a cabeça. Permaneceu assim por um momento ou dois, com as mãos cobrindo os olhos.

Então a sra. Folliat de Nasse House, filha de uma longa linhagem de homens corajosos, aprumou o corpo. Olhou diretamente para Poirot e disse em tom formal e distante:

– Muito obrigada, monsieur Poirot, por ter vindo me dizer tudo isso pessoalmente. Pode me deixar agora? Existem certas coisas que é necessário a gente encarar sozinha...

Agatha Christie (1890-1976)

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. A ratoeira, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de

Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. O misterioso caso de Styles (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo The New York Times .

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, O assassinato de Roger Ackroyd. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi*– e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto “The Tuesday Night Club”.

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.
Título original: Dead Man's Folly

Tradução: Ana Ban
Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd
2008
Preparação: Marianne Scholze
Revisão: Joseane Rucker

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479e

Christie, Agatha, 1890-1976
A extravagância do morto / Agatha Christie; tradução de Ana Ban. –
Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM Pocket; v.786)
Tradução de: Dead Man's Folly

ISBN 978.85.254.2276-7

1. Romance inglês. I. Ban, Ana. II. Título. III. Série.
09-2395. CDD: 823
CDU: 821.111-3

Agatha Christie™ Poirot™ A extravagância do morto, Copyright ©
2009 Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights
reserved.

Dead Man's Folly, Copyright © 1956 Agatha Christie Limited. All
rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br